

REVISTA DA SEMANA

Nº. 4

27-1-45



NESTE NUMERO:

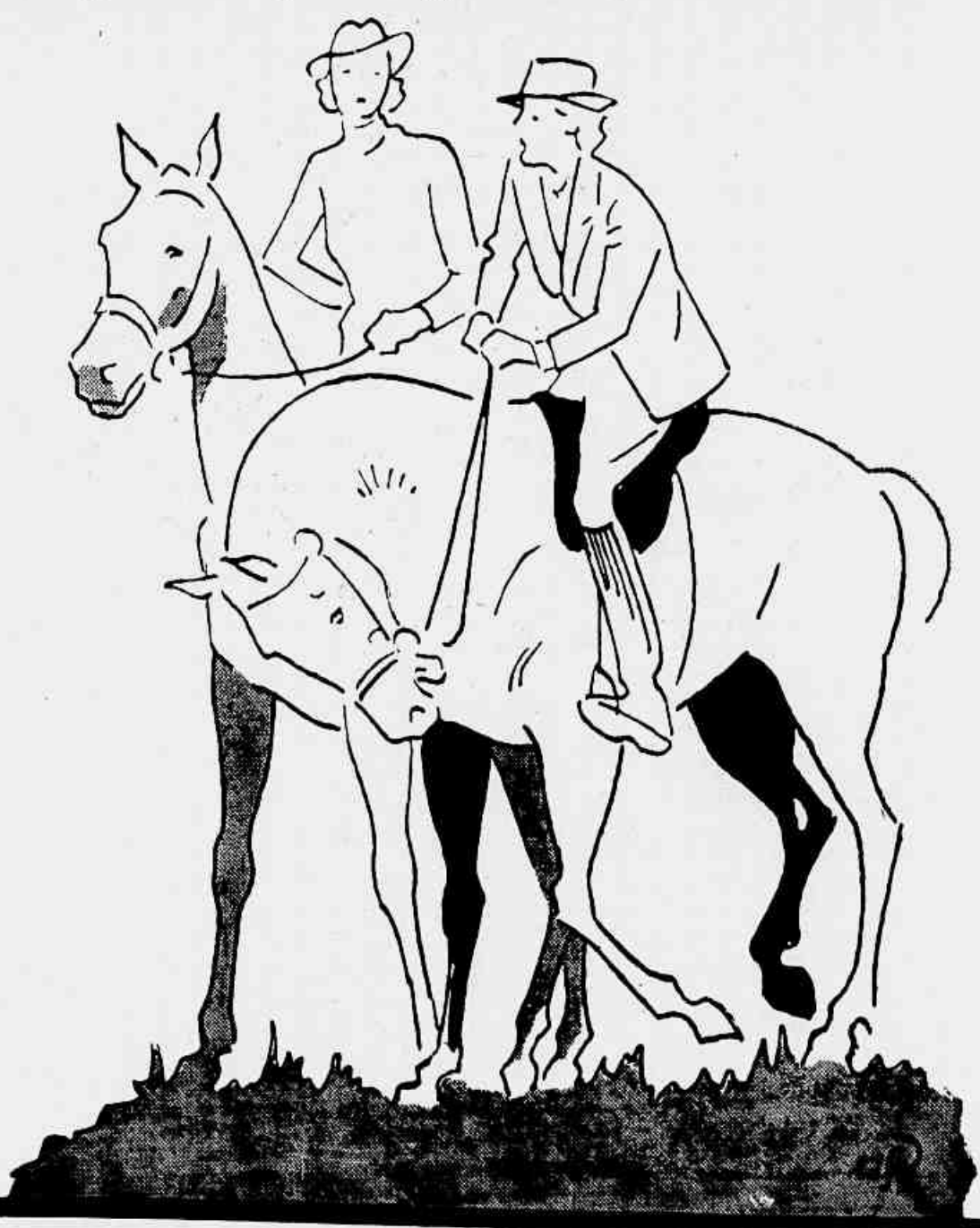
FANTASIAS
DE CARNAVAL

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



Poços de Caldas é o rincão privilegiado para o repouso, a cura e a distração. Cidade de ruas largas e simétricas, construída em meio de montes cobertos de arvoredo frondoso e rico de flôres e perfumes, a formosa estância hidro-mineral, que está a 1.200 metros de altitude, possui, para o conforto e saúde de seus visitantes, as Termas Antônio Carlos e o Palace-Hotel. Aos que desejem aliar as vantagens de uma temporada de tratamento com as atividades mundanas a que se habituaram nos grandes centros do litoral, a magnífica estância hidro-mineral montanhosa brinda com os "shows" do "grill" do Cassino do Palace, onde agora exibem sua arte original e diferente Libertad Lamarque, Jane and Raymond, Pastora Romero, Luisita Darios e Indios Jota.

POÇOS DE CALDAS



Novamente se agitam os meios espíritas do Brasil, em torno de um fato ainda mais sensacional que as mensagens psicografadas por Chico Xavier, pois desta vez o acontecimento sobrenatural que está preocupando seriamente todo o país envolve em particular a classe médica, uma vez que o fato se prende a uma operação levada a efeito em um paciente de Pindamonhangaba e a qual, dizem os defensores da doutrina de Alan Kardec, se realizou sem a necessidade da utilização de instrumental cirúrgico, assepsia de qualquer espécie, anestesia total ou parcial.

MATERIALIZOU-SE O ESPÍRITO DO CIRURGIÃO

Uma particularidade interessante afasta o estranho caso de Pindamonhangaba de todos os demais fenômenos psíquicos até agora verificados no Brasil.

Vários têm sido os casos sensacionais registrados entre nós de espíritos que baixam à Terra comunicando-se com os vivos através da palavra falada ou escrita. A própria ação cinética de pessoas já desaparecidas é hoje um acontecimento vulgar em qualquer centro espírita.

O ato de escrever já compreende a ação forçada dos nervos motores dos braços e do tórax.

Assim, o espírito chamado a uma sessão tem fatalmente, segundo os médiuns, que influir poderosamente na matéria, legando a quem o recebe uma força celular, estranha aos seus centros sensitivos e ao comando de seu cérebro.

Eis aí a razão por que os médiuns, enquanto servem como receptáculo de um espírito, não podem, em hipótese alguma, desenvolver uma ação voluntária ou um movimento próprio.

O caso de Pindamonhangaba, porém, apresenta-se sob uma forma inteiramente inédita nos anais do espiritismo.



Sim, pois ali, para levar a cabo a intervenção cirúrgica o espírito não se serviu de um "aparêlho", como dizem os adeptos de Alan Kardec.

O espírito do cirurgião Luiz Gomes do Amaral baixou à Terra materializado, sem se servir da conformação carnal de qualquer pessoa, e executou a extração do apêndice inflamado do paciente André di Bernardi, sem outro qualquer instrumento de cirurgia.

A operação foi levada a efeito em uma sala do Centro Espírito Irmã Terezinha.

O local se encontrava completamente às escuras e, em outro aposento, um grande número de médicos, jornalistas e autoridades policiais esperavam o resultado da intervenção.

Uma vez terminada a operação, puderam os presentes constatar a incisão feita no abdome do paciente.

A EXPLICAÇÃO ESPÍRITA

O fenômeno foi explicado pelas maiores autoridades espíritas do país:

Para corporificar-se, o espírito do cirurgião serviu-se dos hectoplasmas extraídos de todos os presentes.

Eis por que se tornou um tanto longo o processo da materialização. Uma vez conseguida a corporificação, a ação cirúrgica desenvolveu-se normalmente, em tempo regular.

Todos os presentes, submetidos à extração dos hectoplasmas, permaneceram durante o tempo da materialização do espírito, num estado de semi-inconsciência, conseqüente mesmo da privação destes elementos.

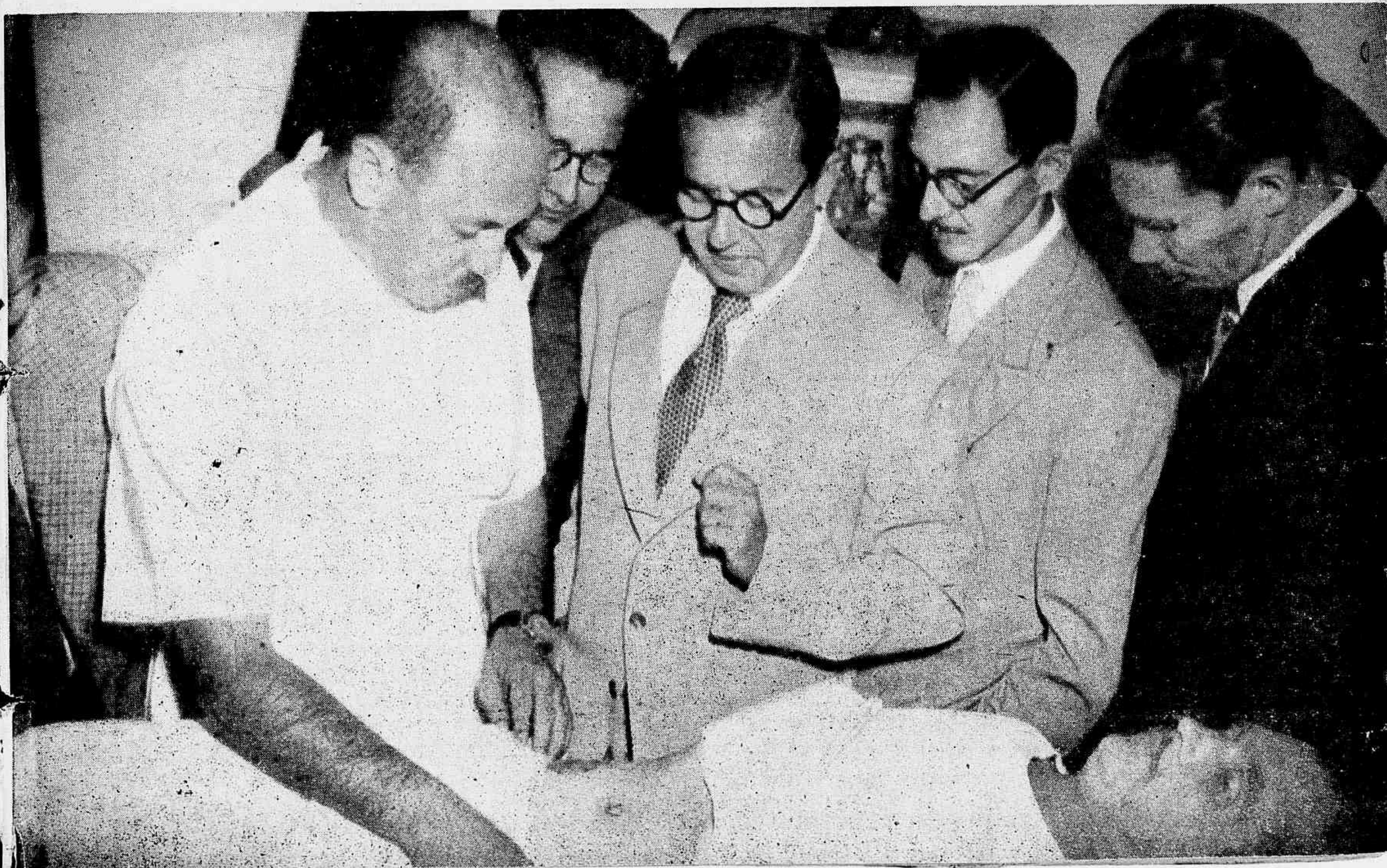
Uma vez terminada a operação, puderam entretanto, no bom uso da razão, examinar o paciente e constatar a verificação do fenômeno.

(Continua na pag. 9)

O OPERADO DE PINDAMONHANGABA

ANDRÉ DI BERNARDI E A EXTRAÇÃO DO APÊNDICE NO CENTRO ESPÍRITA "IRMÃ TEREZINHA",
O ASSUNTO SENSACIONAL DO MOMENTO — HISTÓRICO DA PALPITANTE OCORRÊNCIA

Ao alto: — Flagrante tomado por ocasião de ser feito um curativo no paciente. Em baixo: o mesmo submetendo-se a um exame médico, na presença de várias pessoas que procuram tomar conhecimento do fato. Nas páginas seguintes, a começar da 9, amplo noticiário e ilustrações.



EM CONTACTO COM O EXPEDICIONARIO

"Fac-simile" da primeira página do "Zé Carioca", publicação do Serviço Especial da 1.^a D. I. E., n.º 47, de 26-12-44, editada no "front", em mimeógrafo. Foi-nos fornecido por pessoa da família do expedicionário José da Rocha Mendonça, residente aqui no Rio.



ZE CARIOCA

Publicação do SERVIÇO ESPECIAL da 1.^a D.I.E.

*Esta é a sua jornal
novo aqui no front*

Nº 47 Brazilian Expeditionary Force 26/XII/1944

NOTICIÁRIO:

INFORMAÇÕES OFICIAIS, dizem que no combate do dia 12 ao Monte Castello foi feito prisioneiro dos alemães o soldado nº 1740 Acácio Lopes Teixeira do 2º Pelotão da 6ª Companhia do 1º R.I. que, burlando a vigilância do inimigo conseguiu evadir-se. Segundo narrou depois, quando progredia com seu pelotão em direção do Monte Castello, foi ferido em uma perna ficando assim impossibilitado de acompanhar de perto a progressão do seu pelotão. Em dado momento, viu-se cercado por três soldados nazistas que o prenderam e, em seguida, o arrastaram pela gola do carote até a uma casa de pedra que se achava próxima. No interior desta casa os soldados alemães o despojaram dos cigarros que trazia no bolso, de sua ração K e dos demais objetos que consigo trazia. Não contente com isto procuraram retirar, a viva força, o carote que vestia, o que não conseguiram em consequência dos gritos que a vítima propositadamente dava, procurando iludir os seus algozes de que era grave o ferimento que tinha e do qual saía muito sangue. Ante a resistência que oferecia, o sangue que corria de sua perna e os gritos que dava, os soldados alemães o deixaram deitado no chão, saindo dois deles pela porta que haviam entrado e o terceiro resmungando e visivelmente contrariado arrancou o seu cantil com água e vai ao compartimento vizinho. Vendo-se só o soldado Acácio foge e ao se encontrar fora da casa atira-se na primeira vala que encontra, onde se esconde. Em seguida uma providencial concentração de nossa artilharia cai sobre a região, evitando que seja procurado. Aí fica até ao cair da noite, quando, orientado pelos clarões de nossos canhões regressa as linhas brasileiras. Eis como são tratados nossos soldados feridos quando aprisionados pelo inimigo.

FOI NOMEADO NOVO EMBAIXADOR dos Estados Unidos no Brasil, o Sr. Adolfo Berle, que substitue o Sr. Jefferson Caffery, atualmente representando seu país na França. A notícia transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, diz que o embaixador Berle tornou-se conhecido como um tenaz inimigo do nazismo, muito antes da guerra atual.

O CHEFE DO GOVERNO abriu um crédito de 15 milhões de cruzeiros, no Banco do Brasil, para atender as despesas com o Conselho Nacional de Petróleo.

UMA INFORMAÇÃO DO VATICANO, diz que o navio que transportou para a Itália os novos contingentes da F.E.B. trouxe grande quantidade de viveres brasileiros, com os quais o nosso país atende ao apelo do Santo Padre a favor da população indigente de Roma.

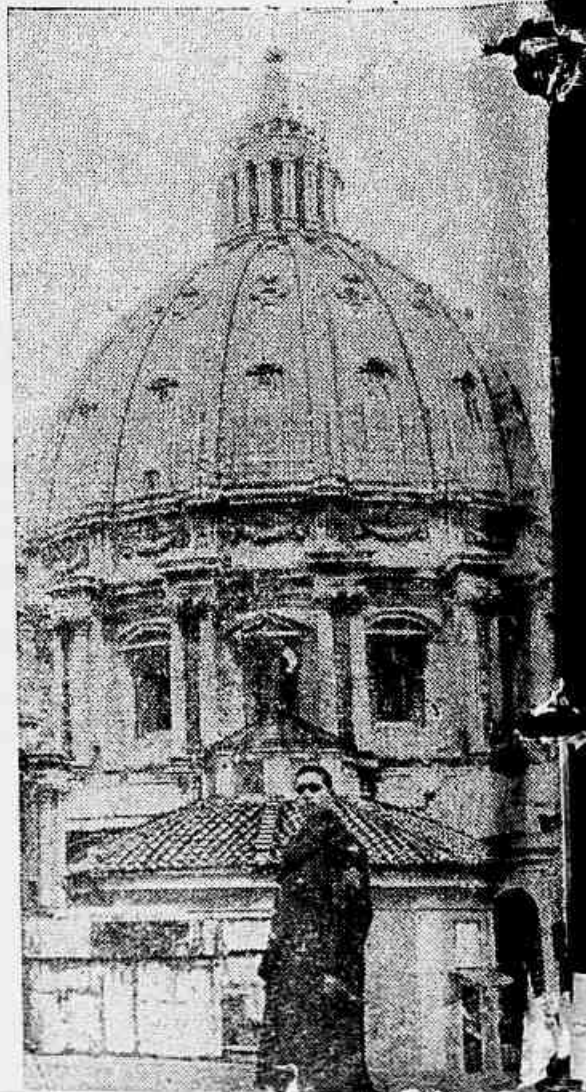
CHURCHILL E EDEN encontram-se desde ontem à tarde em Atenas, onde conferenciaram com o Marechal Alexander Comandante-em-chefe da força aliada no Mediterrâneo, com Sir Harold Mac Millan, ministro britânico, e com o embaixador inglês na Grécia, Sir Loeffer. Em seguida, o primeiro ministro e o titular do Foreign Office estiveram com o primeiro ministro Grego Pavandreu informando-o que propunham convocar uma reunião que representasse a expressão mais ampla possível da opinião pública grega. Sabe-se que a citada reunião terá lugar hoje, e que para a mesma foram convidados os delegados dos guerrilheiros do ELAS. Presidirá a reunião o Arcebispo de Atenas, que orientou o movimento de resistência grega durante a ocupação alemã, o que como se sabe, foi recentemente pro-

Desde quando, muito antes do embarque do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira, nossos patriotas começaram a ser efetivamente convocados, esta revista procurou dar ao assunto a máxima importância. Nossas páginas destinaram-se, em grande parte, a tudo quanto dizia respeito à situação do Brasil na guerra e, tanto quanto nos permitiam as emergências impostas pelas leis excepcionais da própria guerra, aqui oferecíamos aos leitores o máximo de informações, quase todas fartamente ilustradas. Quando, meses antes do primeiro embarque, se realizou o majestoso desfile do Corpo Expedicionário pelas ruas cariocas, nossas foram as primeiras páginas de uma publicação ilustrada, destinadas ao assunto.

E se mais ampla informação não foi dada, em tempo oportuno, foi somente porque matéria de tão delicada importância não pode ser divulgada "em cima da hora", mas quando as autoridades militares muito logicamente o permitem. Há segredos de ordem técnica e estratégica que se colocam acima das demais obrigações.

Mas, à medida que os três escalões embarcaram e que nos chegavam as primeiras correspondências do "front", desde logo abríamos espaço para a divulgação desse noticiário. Todo o material fotográfico atinente à Força Expedicionária Brasileira recebe o "visto" de preferível e inadiável sobre qualquer outro, pois pretendemos que, sendo esta uma publicação brasileira, lógico e perfeitamente compreensível será que a preferência esteja dada ao noticiário informativo dos soldados brasileiros. Depois foram as famílias dos bravos rapazes hoje na Itália

Fotografia do 2º sargento João Celso Pereira, que nós enviou da Itália, "em qualquer ponto do norte da bota", com a dedicatória seguinte: "À REVISTA DA SEMANA, a predileta do expedicionário, ofereço esta foto tirada sobre a cobertura da Basílica de São Pedro, em Roma, como tributo de gratidão à tradicional revista carioca, que muito tem se interessado pela sorte do Expedicionário Brasileiro".





5 FERIDOS BRASILEIROS. — Dez soldados brasileiros feridos na Itália, que chegaram aos Estados Unidos no Dia de Natal a bordo do navio-hospital "Arcadia". Voltaram ao Brasil em aviões da F. A. B. Da esquerda para a direita, sentados: terceiros sargentos Joaquim de Barros Filho e Nagelo Caroli; praças Antônio Veiga, Carlos Oliveira Saldanha, Julio P. Machado e Ivan A. Santos. Na mesma ordem, em pé: sargento Antônio Bitar, Fernando Hartmann, Alfredo Gallet, primeiro tenente Walter Santos, Renato Fuskli, Teófilo Pedrosa e sargento Orlando Lima. O tenente Santos e os sargentos Bitar e Lima, que são do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, acompanharam os feridos ao Brasil. (Foto S.I.H.)

que passaram a procurar-nos, entregando cartas, crônicas e fotografias dos entes queridos. E nós, ainda uma vez, ou muitas vezes, dávamos com o merecido destaque todo esse serviço. Temos apresentado por mais de uma vez crônicas e até mesmo um conto literário de Jorge Mattar, um brasileiro que está na Itália e lá encontra momentos de lazer para matar saudades da pátria, escrevendo suas impressões de guerra e mandando-as para estas colunas. Agora, ao rair de 1945, foram vários os cartões de Boas Festas recebidos ainda da Itália, e alguns com dedicatórias para nós altamente desvanecidas.

Os expedicionários, diretamente ou por intermédio de seus parentes, costumam enviar-nos suas fotografias tiradas na Itália. Aqui está outra, a do sargento Carlos Alberto Vieira, F. E. B. n.º 250, que aqui exercia as funções de bancário.

doras. Os expedicionários brasileiros consideram a REVISTA DA SEMANA uma espécie de seu órgão oficial aqui no Rio, e podem considerar, pois aqui estamos para merecer e justificar essa deferência que sobremaneira nos desvanece.

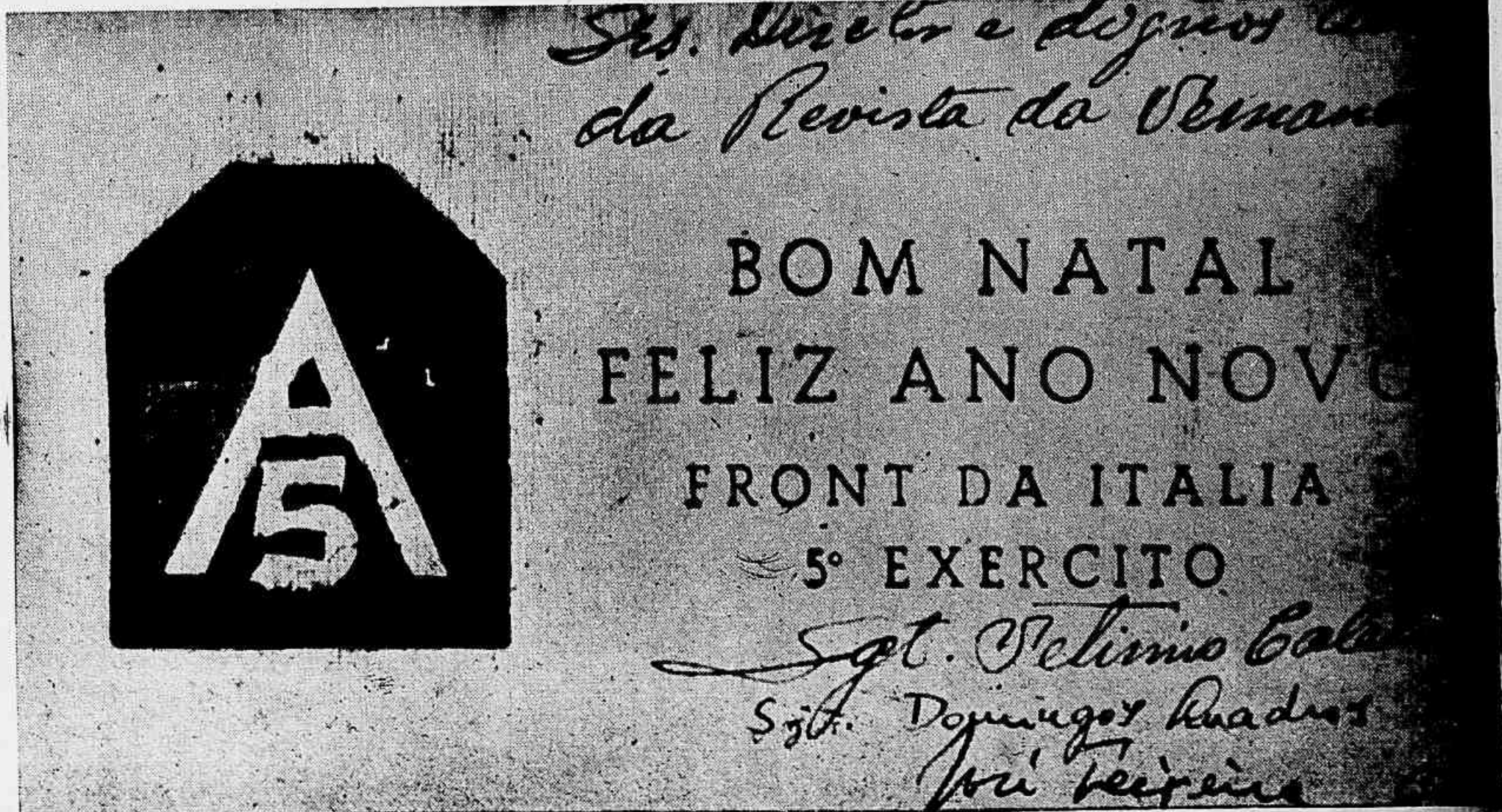
A partir de hoje, porém, reservaremos ainda maior espaço para a publicação de tudo quanto venha a interessar aos nossos patrícios hoje na Europa, e ainda aos seus parentes e amigos que nos acompanham nesta expectativa, cada dia maior, da volta dos soldados nossos irmãos de sangue. Não sabemos até quando se prolongará a luta, mas, venha ela a terminar

amanhã ou daqui a meses, ou mesmo a um ano, aqui estaremos, dentro desta casa, rendendo o tributo de uma entusiástica homenagem aos bravos e destemidos soldados de Caxias, que lá estão fazendo jús a esse título. Podem os expedicionários, bem como suas famílias, utilizar as páginas desta publicação para intermediárias de suas correspondências e mensagens, as quais, certo, terão de sofrer apenas a aprovação das autoridades competentes. Não designamos uma secção especial para o Expedicionário, porque temos a revista inteira à disposição dele. Hoje, por exemplo, damos à

publicação novas fotografias recém-chegadas, inclusive um curioso aspecto de feridos brasileiros já restabelecidos e prontos para reencetar a luta.

Mercê de uma jovem patriciã, noiva de um soldado em luta, publicamos o "fac-simile" da primeira página de uma edição do "Zé Carioca", o já lendário jornalzinho das tropas brasileiras, mimeografado hoje aqui, amanhã mais adiante, acompanhando os militares patrícios que o escrevem, o ilustram e o imprimem. Temos muitos outros documentos preciosos, de igual ou maior vulto, que saberemos divulgar quando mais oportuno se fizer sentir.

Cartão de Boas Festas que a REVISTA DA SEMANA recebeu do "front" da Itália, do 5.º Exército, assinado por um grupo de brasileiros: sargento Setimino Calenzo, S. Domingos Quadros Sá, José Teixeira, cabo, Sebastião Dantas da Cruz, cabo, Faho Pavany, 2.º sargento, Manoel Pinto, 3.º sargento, Fernando Magalhães Filho, sargento Pedro Paulo de Fig. Moreira, S. Mascarenhas, Oscar Alves de Magalhães, Osvaldo B. Branta, Nació Soares Rodrigues e Nelson Cardoso da Silveira.





Jockey Club Mundano

Realizou-se domingo último mais uma tarde de alegria e elegância no Hipódromo da Gávea. Como sempre nossa reportagem esteve presente a esse centro de diversão onde se reúnem os elementos da mais alta sociedade brasileira e estrangeira quando em visita à nossa capital. Durante o desenrolar das carreiras realizadas no último domingo colhemos na "pelouse" os instantâneos que aqui reproduzimos.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI -- 27-1-945 -- N. 4

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2553; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Todos tinham um álibi (Agatha Christie).....	17
Centenario de Julio de Noronha (Escagnolle Doria).....	22
A Felicidade (Coelho Neto).....	24/25
Anuncia-se um noivado (A. Sutro).....	35
Livros Novos (J. L.).....	44/45

REPORTAGENS:

O operado de Pindamonhangaba.....	3 e 9/13
Em Contacto com o Expedicionario.....	4/5
Jockey Club Mundano.....	6
A Guerra em Marcha.....	14/16
Figuras e Fatos.....	51

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	23
Fantasia Para o Carnaval.....	26 a 31 46/47
Modelos.....	50 e 54

CURIOSIDADES:

Mulher Para Inglês Vêr.....	32/34
A Bahia em Hollywood.....	37/43

No próximo número:

A história completa e detalhada do "Caso de Pindamonhangaba"

Por CELESTINO SILVEIRA

Uma reportagem "in loco", com amplas ilustrações fotográficas, feita com o propósito de contar, em detalhes, o que houve antes, durante e depois da intervenção cirúrgica. — Reconstituição fotográfica de todas as ocorrências. — As opiniões favoráveis e contrárias. — "Croquis" elucidativos e resposta a todas as perguntas que o leitor mentalmente tem feito.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use Regulador Gesteira sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

SEÇÕES:

A Semana Em Revista.....	8
Coisas do Brasil.....	36

CARICATURAS:

Charge de Raul.....	56
---------------------	----

NOVELA:

Covardia (Berliet Junior).....	57/58
--------------------------------	-------

A nossa Capa

Joan Leslie representa toda a graça saudavel da juventude e toda o encanto maravilhoso da beleza.

Ao sorriso inimitavel da fulgurante estrela da Warner Brothers prende-se a admiração de milhões de fans.

Damos, pois, agora, este presente aos nossos leitores: Uma pose adoravel da jovem estrela.

Assim, a nossa capa de hoje é enfeitada por um maravilhoso sorriso da simpatica Joan Leslie, a quem os fans dos cinco continentes rendem um tributo de admiração.

Neste numero, nossas leitoras encontram ainda os mais variados figurinos de fantasias para o carnaval que se aproxima, alem de uma ampla reportagem sobre a nova produção do Walt Disney *Você Já Foi à Bahia?*, na qual Zé Carioca volta a aparecer.

Publicamos tambem uma reportagem retrospectiva do caso de Pinda-



monhangaba, do qual nos ocuparemos mais detalhadamente em nosso numero seguinte.

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

O SUPLÍCIO DE NÃO TER TELEFONE



Já foi dito em letra de fôrma, com muito acôrto, que é mais fácil entrar em Berlim que conseguir uma nova instalação telefônica. E no entanto parece comprovado que não procede o argumento número um da companhia, quanto à falta de material técnico, pois já foi também divulgado, em anúncios de página inteira dos jornais diários, que a Standard Elétrica S. A. vem fabricando aparelhos telefônicos aqui mesmo, dentro do nosso território, bem como "equipamentos para todos os fins de comunicações elétricas, tais como centrais telefônicas, aparelhos telegráficos, rádio-telegráficos, rádio-telefônicos e retificadores elétricos de selênio para todos os fins". Diante dessa revelação, é caso para indagar por que cargas d'água a Companhia Telefônica não manda fazer seu material aqui mesmo no Brasil, por uma companhia brasileira. Sob o pretexto dos impedimentos ocasionados pela guerra — o pretexto está desmoralizadíssimo, senhores interessados! — faz-se um candidato a assinante esperar dois anos, sem prazo fixo, entrando na fila de mais essa expectativa. Mas, enquanto uns são favorecidos, outros encontram modos e maneiras de obter, por bom preço, aí no "mercado negro" dos telefones, o seu aparelho em poucos dias ou semanas. Quase todos nós conhecemos um amigo cuja residência ou escritório não esperaram tanto tempo assim para merecer os bons serviços — serão mesmo bons? — dos preciosos aparelhos da Light. De outro lado, queixam-se os cento e tantos mil assinantes cariocas do desleixo que se vem fazendo sentir no serviço regular. Pontualidade na cobrança da mensalidade não anda na razão direta da que se faz sentir quando

um telefone dá para enguiçar ou acusa um defeito, que hoje sofre um conserto, amanhã volta a fazer sentir-se e assim vai servindo, só relativamente, ao assinante. Todos nós estamos acostumados a louvar os benefícios da Light, e muitos sabem por que preço a Light consegue esse trabalho de catequização do espírito do nosso povo. Quase se fez lugar-comum a frase: — "Final, se não tivéssemos a Light não estaríamos também senhores desse esplêndido serviço de bondes, de ônibus, de luz, gás e telefones...". Tudo é relativo, porém. Outras grandes capitais do mundo seguem vertiginosamente o seu progresso e não têm Light. Podem ter outra organização semelhante, mas isso vem apenas ao encontro do que afirmamos. Não existisse a companhia em aprêgo e outra, fatalmente, estaria em seu lugar.

Houvesse concorrência, contássemos com o serviço de mais de uma dessas organizações — como acontece em Buenos Aires, por exemplo — e talvez usufruíssemos benefícios maiores, porque da competência entre rivais surge o proveito da coletividade. Mas a Light sabe que só ela pode dar-nos um telefone e, em que pese o excelente serviço que tem prestado ao Distrito Federal com as suas linhas instaladas em cabos num total de 1.139.318,96 km, tivesse uma companhia concorrente, talvez os aparelhos surgissem sem termos que esperar o fim da guerra. Provado está que pode existir material aqui mesmo em nosso país, o material que a Companhia Telefônica alega não encontrar para satisfazer os pedidos de novas instalações. Mas enquanto não for solucionado esse problema, por que a Telefônica não faz prevalecer seus direitos cancelando, de todo jeito, as transferências negociadas? Um confrade, desiludido de se tornar assinante daquela entidade, tentou agora resolver o seu caso comunicando-se com os amigos através de telegramas urbanos. Pode não ser a solução desejada, mas quem sabe se aí não está um princípio de reação coletiva?

O CÚMULO DA DESMORALIZAÇÃO



Houve época em que um pacato cidadão carioca sentia-se profundamente envergonhado se fôsse vítima de atropelamento por uma bicicleta. A ter de sofrer esse acidente — que diabol — era mister ficar dentro do seu tempo e merecer a "honra" de ser jogado no asfalto por um carro de linhas aerodinâmicas, último tipo. Acontece que os tipos acabaram e o aparecimento do gasogênio fez recrudescer a fúria dos chinesiforos (vá lá o termo, sr. d'Archangy...), enquanto as bicicletas deram para surgir de tôdas as esquinas, obedecendo à mão ou mesmo contra a dita. A falta de gasolina, em outras metrópoles, justificou o maior aproveitamento dos veículos de duas rodas, porque a população dessas cidades, na Europa principalmente, sempre manifestou forte predileção pelos mesmos. O carioca, porém, não dá para isso e a moda de pedalar ficou circunscrita às praias e adjacências. Mesmo assim, quem se der ao trabalho de percorrer as colunas do registro policial nas gazetas há de surpreender-se com as estatísticas. São frequentes os atropelamentos por bicicletas, mas no caso em aprêgo tais máquinas estão confiadas a entregadores dos estabelecimentos comerciais, rapazolas frajolas, sempre afobados, chispando pela ruas sem ligar a menor importância

ao direito que assiste ao transeunte, sem obediência às prescrições municipais e arrancando contra a mão, para a frente e para trás, no asfalto ou nas calçadas, pondo em risco de vida aqueles que não têm obrigação de esperar, a cada passo, um desses trastes da via pública jogando-se contra o seu esqueleto. E' preciso corrigir esses excessos, ainda agravados com o aparecimento de bicicletas sem licença, furtando-se ao pagamento das taxas da Prefeitura; duplamente prejudiciais, portanto. Algumas vezes, nos bairros principalmente, os ciclistas entram em competição nas corridas de ônibus e bondes elétricos, aumentando a confusão reinante. Temos assistido a esses perigosos torneios na reta do Mangue, na avenida Beira-Mar e no Boulevard 28 de Setembro. A partir de agora, quem faz o seu giro no "calcante" precisa acautelar-se contra os bondes, os ônibus, os automóveis comuns e, ainda de contrapêso, as bicicletas. À noite elas correm pelas ruas mais centrais, desprovidas de lanternas e sem timpanos, que são substituídos por silvos e assobios estridentes dos apressados entregadores de encomendas. E quando surge um atropelamento fica a vítima estendida a fio comprido, na via pública, sumindo como por encanto o autor do desastre.

Se outrora sofrer um atropelamento por bicicleta era apenas o cúmulo da desmoralização, hoje passa a ser um mal de tôdas as horas na capital da República.

Vamos acabar com os ciclistas desgovernados, senhores inspetores de veículos? Só mesmo os senhores podem tomar providências.

"ESCONDENDO LEITE"



O Campeonato Sul-Americano de Futebol tem sido o assunto do dia, já que terminou o certame metropolitano com a vitória do Flamengo, e os Cariocas sagraram-se campeões nacionais; e já que a ofensiva russa... Ora, a ofensiva russa... que besteira! Que futilidade! Assim, voltam-se as vistas e as esperanças para as costas do Pacífico, onde sete nações se entregam à disputa do cobiçado título de campeão sul-americano de futebol. Os "scratches" mais cotados são, naturalmente, os da Argentina, Uruguai e Brasil, integrados por elementos de real valor do "Association". Quando escrevamos este tópico o selecionado uruguaio ainda não pisara o gramado para revelar o seu valor. A Argentina enfrentou a seleção boliviana, vencendo apenas, contra

tôdas as expectativas, por uma contagem insignificante. A escala oficial dos jogos anunciava a seguir o cotêjo Brasil x Colômbia. Era pensamento geral que um "banho" em grandes proporções seria ministrado pelo nosso "onze" ao esquadrao adversário. Outra surpresa, porém, nos reservava o placard: a seleção brasileira, numa exibição sem qualquer lance sensacional, vence por uma diferença de três pontos apenas, conseguidos todos na primeira parte do jogo.

Os jornais vêm agora dando a opinião dos cronistas e "sportmen" do Chile.

Todos são unânimes em afirmar que tanto o "scratch" brasileiro quanto o argentino estão jogando sem grande interesse, esperando os adversários duros para revelar o seu verdadeiro valor. Nos jogos já realizados, constataram os rapazes da imprensa e os entendidos em futebol, as duas seleções se abstiveram de lançar à luta o seu melhor rendimento, permanecendo num "chove e não molha" que, evitando a possibilidade de uma derrota ou empate, não obrigaria por outro lado os jogadores a tornarem público a sua verdadeira capacidade técnica e ofensiva.

Eis o que um bom jogador de sinuca chamaria "esconder leite". Sim, é este o nome dado à ação de jogar mal voluntariamente, afim de atrair as atenções e a ganância dos "patos"...

Todos sabem agora que os brasileiros e argentinos estão "escondendo leite" no Chile, à espera de que, reciprocamente, os adversários credenciados caiam nesta manha inteligente e pensem enfrentá-los com a disposição com que jogariam contra o selecionado do Equador. Mas os entendidos compreenderam a astúcia, e o fato se tornou público.

O que ninguém sabe é com quem foram os argentinos aprender a "esconder leite". Sim, pois esta é uma ciência delicada e requer uma aprendizagem perfeita e longa. Quanto ao nosso selecionado, não temos dúvida. Formado quase todo por jogadores do Rio, não seria possível que o nosso "scratch" não conhecesse a fundo a ciência. E ninguém, com certeza, ignora onde foi que os nossos "cracks" aprenderam a arte difícil de "esconder leite".

YES. NÓS TEMOS CAFÉ!



Agora, outra: corre com insistência a notícia de que os nossos mercados serão abastecidos brevemente por frutas e cereais argentinos. Para nós, homens civilizados do Brasil do século XX, isto vem trazer uma saudade intensa do tempo em que andávamos de penas ao redor do ventre, cocares erigidos no alto da cabeça, tacape na mão e aljava à cinta. Digam o que disserem, eram bons tempos aqueles... Pelo menos, então, podíamos deixar de comprar gravatas a cem cruzeiros, andar nus, tirar o couro dos portugueses que por aqui apareciam e comer a boa carne branca importada da Europa, assada nas brasas das fogueiras rituais. E então Ali-Babá morava ainda na Arábia... Hoje, porém, quatrocentos e tantos anos nos separam desta felicidade

indígena. Dela apenas resta a nostalgia de uma era em que vivíamos enforquilhados nas árvores nativas, chupando a polpa macia das jaboticabas gostosas. Agora foram-se as jaboticabas, foi-se o canibalismo... Em lugar dêle o nosso almôço pacato é feito nos restaurantes vulgares, a Cr\$ 12,00 um bife sola, produto derivado da carne conservada que nos vem do Sul...

Assim como o bife, a manteiga. E agora outra: vêm aí cereais e frutas do Prata. Sim, senhores! Que abacaxi! Vamos ter, pois, feijoadas inteiramente portenha, com carne e feijão de boa vizinhança. E para sobremesa laranjas e bananas recém-chegadas de Buenos Aires. O arroz será também argentino. E a ervilha idem. Mas, terminado o almôço, o nosso orgulho de Aimorés será consolado, quando sobre a mesa fumegar, quente e aromático, o cafézinho pequeno. Sabermos então saborear, com verdadeiro agrado, a famosa rubiácea.

E poderemos, após a refeição apressada, sair à rua orgulhosos, palitando altivamente a dentadura e cantando à meia-voz: "Yes, nós temos café!"

O operado de Pindamonhangaba

(Continuação da pág. 3)

Afirmam as pessoas ligadas aos meios espíritas que os elementos de que se servem os espíritos para se prenderem à matéria são justamente os hectoplasmas.

Assim, uma vez conseguido um grande acúmulo destes elementos, a intervenção de um médium se torna desnecessária, podendo o espírito materializar-se sem se servir do "aparêlho" receptor.

No Brasil, tal fato vem de produzir-se agora pela primeira vez. Há muitos anos porém, na Inglaterra e França, eram conseguidas fotografias de espíritos materializados, com formas ainda imprecisas ou já completamente definidas. Julgam pois os espíritas um fenômeno completamente normal e em harmonia com a sua crença o fato ocorrido em Pindamonhangaba. E têm, para defender tal afirmativa, o seguinte argumento:

"Se um espírito materializado tem uma imagem capaz de sensibilizar um filme fotográfico, pode perfeitamente desenvolver qualquer ação ou movimento humano.

ANTECEDENTES DA OPERAÇÃO

O sr. André di Bernardi, epicurista na acepção da palavra, amigo dos bons pratos e do bom vinho, atacado por uma apendicite aguda, após a comprovação radiográfica da inflamação, resolveu submeter-se à operação que tanta sensação tem causado nos meios científicos e espíritas.

O espírito do cirurgião, em sessões realizadas no Centro Irmã Terezinha, deu as necessárias instruções para os preparativos da intervenção.

De acôrdo com as suas determinações, foi a sala preparada para recebê-lo, assim como ao doente, de maneira a que pudesse ser examinada por todos — médicos, autoridades policiais e jornalistas.

Estabeleceu ainda o médico-operador que o dr. Francisco Lessa Junior, profissional de comprovados critério e idoneidade, ficaria encarregado da assistência ao paciente depois da operação, bem como dos curativos do corte no abdome.

Marcada a hora para a grande experiência, compareceram ao local da mesma as pessoas mais conceituadas de Pindamonhangaba, às quais foi dado proceder ao exame completo da sala, que estava preparada, segundo as determinações do espírito do dr. Luiz Gomes do Amaral, muito singelamente.

Puderam os presentes constatar então a ausência absoluta de qualquer aparêlho, alçapão, falsa entrada ou caixa mágica que facultasse a execução de um "truc".

O teto da sala foi examinado e reconheceram-no os presentes como um teto perfeitamente normal. A pavimentação de tijolos era sólida e maciça. A mesa, uma mesa comum, sem qualquer artifício ou jôgo.

Tal foi pois um dos motivos da estupefação dos presentes, isto é dos leigos que assistiram à prova.

A MARCHA DA CONVALESCENÇA

Se as pessoas presentes às experiências permaneceram durante a mesma, como já dissemos, num estado de semi-inconsciência, tal não se deu com o paciente, que, à falta de anestesia de qualquer espécie, sofreu tôdas as dores consequentes do corte nos músculos, da secção do peritônio, da extração do apêndice e da sutura.



André di Bernardi, entre médicos e jornalistas, no consultório do dr. Ortiz Patto, em Taubaté, pouco antes de se submeter às radiografias que evidenciaram a extração do apêndice.

As dores porém não se exteriorizaram e o paciente entrou, logo depois da intervenção cirúrgica, numa convalescença rápida.

A cicatrização do corte teria entretanto que ser abreviada pelos processos científicos da moderna terapêutica.

Ficou determinado então que seria radiografado o intestino de André di Bernardi, no consultório do dr. Ortiz Patto, em Taubaté.

Marcada que foi esta prova para o dia 14 do corrente, domingo, preparou-se o doente para se submeter às aplicações do Raio X.

Na tarde de sábado suspendeu a sua dieta, ingerindo alimentos consistentes e pesados.

E, a uma hora da madrugada do dia imediato, tomou, como qualquer pessoa em seu caso, a dose de citrobário necessária à impermeabilização dos tecidos intestinais à ação dos raios X.

Ultimados portanto os preparativos para a prova radiográfica, o rapaz esperou pelo momento em que a mesma se realizaria, em sua residência.

Às oito horas da manhã de domingo, em automóvel, empreendeu a viagem para Taubaté, onde ficaria evidenciada a realização do fenômeno.

Acompanhou André di Bernardi nessa viagem uma grande caravana, ocupando dois automóveis. Entre seus componentes contavam-se os drs. Francisco Lessa Junior e Edson do Amaral, além dos srs. Arnaldo e Mario Amadei, Francisco Antunes Belo, Oswaldo Pereira e Walde-mar de Carvalho.

Uma vez em Taubaté, rumaram os recém-chegados para o consultório do dr. Ortiz Patto.

Ali os esperavam nada menos de onze médicos conhecidos de Taubaté, para assistirem à sensacional prova.

Entre estes facultativos se encontravam os drs. Ernani Fonseca, José Gregorio Moreira, Otacilio Moreira, Armando Monteli, Moacir Holz, Hugo de Domencio e Ataíde Gonçalves.

Antes de se processar à fixação das chapas nos respectivos chassis, foi o doente examinado minuciosamente por todos os médicos presentes. A estes, segundo uma solicitação do dr. Ortiz Monteiro Patto, cumpria não discutir o valor espiritual da operação, e sim o exame puramente clínico do paciente antes das radiografias e, finalmente, à vista das chapas, a constatação da existência do apêndice ou de sua extração.

Pediu ainda o dr. Ortiz Patto que os seus

Poucos dias depois da operação André di Bernardi já se havia restabelecido por completo. Esta fotografia foi colhida uma semana após a famosa intervenção cirúrgica.



O dr. Ortiz Patto, em seu laboratório, ante os olhares dos curiosos, faz a comparação das chapas radiográficas do intestino do paciente feitas antes da intervenção com as radiografias post-operatórias.

Ficou então o doente aos cuidados do dr. Francisco Lessa Junior, que acompanhou de perto a marcha de seu rápido restabelecimento.

A dieta empregada na alimentação de André di Bernardi foi a mesma de qualquer doente comum. Ele teve, como qualquer pessoa que se submete a uma operação idêntica, o seu período de sede forçada, regime alimentar de frutas e sucos vitaminados, etc.

Os curativos feitos posteriormente pelo seu médico assistente requereram os mesmos agentes terapêuticos que qualquer outro curativo post-operatório exige. Os desinfetantes empregados foram desinfetantes comuns, agentes anti-infecciosos químicos vulgares.

Durante a operação entretanto, afirmam os adeptos de Alan Kardec, processou-se uma assepsia sobrenatural, feita pelo próprio espírito, que se valeu para a completa esterilização dos tecidos e órgãos expostos, de algum processo

de ionização ou bombardeamento de íons, ainda não conhecidos em nosso planeta.

Assim foi afastado qualquer perigo de peritonite ou de outra qualquer infecção nos músculos abdominais.

O doente, como já dissemos, teve uma convalescença rápida e segura, desenvolvida numa marcha normal e sem acidentes.

COMPROVADA A EXTRAÇÃO DO APÊNDICE

Faltava entretanto, para a confirmação total do fenômeno, a prova evidencial de que a operação realmente fôra levada a efeito com êxito, e de que a cura se fizera pela extração do apêndice do paciente.

Tal prova só se poderia levar a efeito mediante uma visão radioscópica dos intestinos do operado e a gravação da imagem no celuloide.

colegas exercessem, durante a prova, a mais severa vigilância, para que ficasse incontestes a honestidade e lisura que deveriam caracterizá-la.

Para que nenhuma suspeita pudesse ser lançada sobre os trabalhos, o radiologista convidou um jornalista a retirar dentre as caixas de chapas os celuloídes necessários à prova.

Isto feito, foram as chapas postas nos competentes chassis, sob as vistas de jornalistas e médicos presentes que para tal foram convidados a entrar no laboratório fotográfico.

Voltando eles à sala de raio X, preparou-se o paciente para a sensacional prova.

A primeira experiência radioscópica o écran fluoroscópico revelou a ausência do apêndice.

Tal já era, para os médicos ou entendidos de radiografia, uma prova incontestável.

Foi porém fixada no celuloide a imagem reproduzida no écran. Nada menos de quatro chapas radiográficas foram feitas e reveladas pelo dr. Ortiz Patto, que pôde assim, em exibição acompanhada de explicações técnicas, provar aos leigos que ali se encontravam o fato cabal da extração do apêndice.

Também a revelação das chapas, como toda a ação do radiologista, foi presenciada por jornalistas e médicos. de cujas vistas não se afastou o dr. Ortiz Patto durante o desenrolar de todas as fases da prova.

SENSAÇÃO EM TAUBATÉ

Enquanto se procedia à revelação na câmara escura do laboratório de radiologia do dr. Ortiz Patto, na rua, em frente ao consultório do conhecido médico, comprimia-se compacta multidão, ansiosa pelo resultado da sensacional prova.

Logo ao chegar à sala onde o esperavam os seus colegas e os jornalistas, o dr. Ortiz não pôde conter uma exclamação, enquanto exhibia as quatro chapas:

"Senhores! O apêndice foi realmente extraído!"

Aproximaram-se os jornalistas e o médico,

O médium Francisco Antunes Belo em companhia de André di Bernardi. A respeito de sua atuação no caso as notícias são contraditórias. Muitos afirmam ter sido ele a vítima das dores provocadas pela operação, enquanto outros explicam que o paciente sofreu todas elas.

enquanto exhibia-lhes as chapas radiográficas, ia explicando a significação exata das sombras e dos contornos visíveis.

Após a primeira explicação, preparou-se o facultativo para fazer mais duas chapas, uma das quais reproduzia todo o grosso intestino do paciente, facilitando assim o exame dos leigos.

O fato causou a mais larga repercussão pública em Taubaté. O povo que se comprimia em frente ao consultório do dr. Ortiz Monteiro

Patto não podia conter a sua surpresa ante a constatação de um fenômeno encarado por quase todos como mero "truc" de prestidigitação.

E a história desta sensacional intervenção cirúrgica feita nas trevas, sem qualquer auxílio de anestésicos, sem assepsia conhecida, sem instrumental cirúrgico, corre hoje todo o Brasil e causa os mais desencontrados comentários.

Para muitos, entretanto, a operação marca uma nova era na história do Espiritismo.

André di Bernardi chegou a Taubaté acompanhado por uma grande caravana composta de médicos, médiuns e jornalistas. Ei-lo aqui fotografado quando se dirigia à casa do dr. Patto.





O dr. Wantuil de Freitas palestra com o reporter, rebatendo as opiniões cépticas emitidas em torno do estranho caso de Taubaté.

Muitas têm sido as opiniões reproduzidas pela imprensa sobre o estranho caso de Pindamonhangaba.

A imprensa tem ouvido comentários pró e contra, entrevistas com espíritas eminentes e próceres católicos ou leigos que, através do noticiário dos jornais, têm defendido ou atacado a operação levada a efeito no Centro Irmã Terezinha.

Cumprindo as suas diretrizes de órgão informativo imparcial, a **REVISTA DA SEMANA** procurou ouvir a opinião de todos, tendo a nossa "enquete" principiado com uma entrevista concedida pelo dr. Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira.

Procurado por nossa reportagem em sua residência, o dr. Wantuil dispôs-se a palestrar conosco, tendo a conversa se iniciado por uma pergunta que se fazia estritamente necessária:

— Acha que a operação possa ter sido realizada como os jornais noticiaram?

— Perfeitamente. Aliás, não seria a primeira vez a se verificar tal fato. Lombroso e Richet já nos informam da cura de casos de tabes e do mal de Pott, levadas a cabo simplesmente por força de "passes". Acontece entretanto que um caso inédito na terapêutica é sempre compreendido pelos médiocres como uma manobra de charlatanismo. Pasteur e Harvey foram, em seu tempo, caluniados e vilipendiados, simplesmente pela coragem de afirmar a circulação do sangue e a existência dos micro-organismos.

O dr. Wantuil continua a sua explanação:

— Essas curas, com ou sem operação, são hoje fatos comuníssimos, e qualquer espírita poderá relatar uma centena de casos desta natureza, de que tenha notícia, ou haja presenciado. O meu amigo, o ilustre poeta Manoel Quintão, por exemplo, seria capaz de citar-lhes mil fatos comprovados de curas verificadas por processos sobrenaturais. Também são do conhecimento

dos meus velhos companheiros comandante Paiva e Frederico Figner uma infinidade de fatos idênticos.

— Mas, se isto é um caso tão comum e natural, por que, na sua opinião, teria sido tão demorada a operação?

— Primeiramente porque o meio heterogêneo de espíritas e não espíritas, não era favorável, por falta da necessária concentração; e, depois, porque o doente era dado a bebidas alcoólicas, o que dificulta, e muito, a realização de trabalhos semelhantes. Basta que lhe diga ser prejudicial, em tais casos, que um único assistente seja alcoólatra. Quando um doente vai ser operado espiritualmente, os Espíritos costumam agir sobre quase todos os órgãos, preparando, inicialmente, o doente. Ora, no caso de Pindamonhangaba, essa preparação foi mais demorada, pois o operado era um homem que se entregava ao uso abusivo das bebidas espirituosas.

— E por que foi a operação praticada no escuro?

— Qualquer espírita sabe, meu amigo, que a luz prejudica a realização de uma infinidade de fenômenos e, por isso mesmo, sabendo que essa pergunta seria feita, o Espírito-operador deixou aos assistentes a inteira liberdade de fiscalização, o que, de fato, se verificou, com as inúmeras medidas tomadas.

— Mas não haveria perigo de uma infecção, em vista da falta de assepsia?

— Quem lhe disse, sr. redator, que não houve assepsia? Houve, e muito mais perfeita que as realizadas pelos meios humanamente conhecidos. A ionização, em alguns casos, e a ozonização, em outros, são conseguidas com relativa facilidade pelos Espíritos cultos, habitantes de regiões muito mais adiantadas que a Terra, e que, em missão, aqui vêm para transmitir aos nossos gênios, através do pensamento, os meios e o caminho de colaborarem para o progresso

dêsse pobre planeta de presunçosos. Daí, muitos desses gênios haverem confessado que a idéia lhes veio repentinamente ou através de um sonho. Pode pois dizer aos seus leitores que a minha opinião é de que no Centro Irmã Terezinha realizou-se uma operação perfeita, mais perfeita que as intervenções praticadas por cirurgões vivos, por isto que os cuidados empregados não foram os de humana gente e sim os de um espírito superior, habitante de regiões mais cultas e civilizadas que o terráqueo ecumênico.

— Que pensa então das opiniões contrárias que foram emitidas?

— A este respeito julgo que o general de Divisão Pargas Rodrigues está com a razão: — "Esses contraditores querem discutir um assunto do qual nada entendem, e emitem tantas contradições que nem merecem ser respondidas. São, como bem disse aquele general, alunos do jardim da infância que pretendem discutir problemas de Trigonometria."

Não nos quisemos despedir do conhecido líder espírita sem uma nova pergunta:

— E o senhor não tem notícia de que será realizada outra operação desta natureza dentro em breve?

Terminando a palestra, respondeu-nos o dr. Wantuil de Freitas:

— Não. Não tenho; porém posso garantir-lhe que as operações espíritas ou fluídicas se dão todos os dias em lares e grupos espíritas. Aliás, como presidente da Federação Espírita Brasileira, em contacto com os meios espíritas do Brasil e do estrangeiro, posso asseverar-lhe que os fatos se apresentarão cada dia mais estonteadores para os adversários do espiritismo.

"Os Espíritos não precisam pedir licença para agir e Deus não se deixa governar pela vontade ou pelos caprichos de suas criaturas. O mundo progredirá, queiram ou não queiram os homens."

A PALAVRA DO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

COMO FALOU UM EMINENTE CIRURGIÃO A RESPEITO DO CASO

Se a totalidade dos espíritos do Brasil aceitou sem restrições a operação realizada em Pindamonhangaba como um fato consumado de realidade indiscutível, tal não foi a opinião dos materialistas, católicos, protestantes e livres-pensadores sobre o assunto.

Há quem creia que o apêndice inflamado de André di Bernardi, numa coincidência por assim dizer inverossímil, tenha sido reabsorvido, ficando assim constatada, no momento da fixação das chapas radiográficas, a sua extração.

Outros julgam ainda que a operação não tenha passado de hábil "truc" de prestidigitação, para o qual concorreram a disposição da sala improvisada de operação e a cumplicidade dos médiuns.

Mesmo em Taubaté, onde o caso causou a mais viva sensação, vários médicos se manifestaram a respeito, tornando pública a sua incredulidade e combatendo, com argumentação farta, a operação, a qual, segundo o seu critério, não teria passado de uma "fraude" vulgar.

Dentre estas opiniões queremos transcrever aqui a do dr. Luiz Sembraneli, um dos mais acaudados cirurgiões do Vale do Paraíba.

Eis o que ele declarou ao jornal "O Lábaro", de Taubaté:

"Pouco me interessou o caso, nem me causou admiração, como também não encontrei nas faces do paciente um estado que indicasse ter sido objeto de um caso extraordinário.

Sou espiritualista, admito a alma ou o espírito, entretanto, este caso sofre dúvida, porquanto, palestrando com o enfermo, pude verificar contradições entre aquilo que os interessados lá fora me afirmaram e as declarações do operado, e contradições do próprio operado.

Assim é que, enquanto me informaram ter sido realizada a intervenção cirúrgica às escuras, o doente afirmou-me ter sido operado sob um foco luminoso.

Outra contradição: — que não vira o operador, com quem conversara, durante todo o tempo operatório, entretanto, viu-o entrar, mostrando o local (entre a janela e a porta), limpar os pés e lavar as mãos no álcool iodado.

Perguntando ao paciente, este me respondeu que o espírito encarnado do médico falecido operou sem auxiliar, enquanto alguém, lá fora, asseverou ter sido ajudado por outro espírito, cujo nome não me vem à lembrança.

Se o espírito levou material cortante ou dispensou este, e fios de sutura, etc., porque também não levou outro material volumoso, como tambores com aventais, gaze, campo, etc.?

E' de se considerar, também, a posição suspeita em que se achavam os mais interessados junto à porta aberta, dando franca entrada para o cubículo, onde estava o doente.

Nessas condições, às escuras, com uma vitrola a tocar, pode-se admitir a hipótese de qualquer cirurgião ingressar no cubículo, proceder à intervenção cirúrgica, munido de instrumentos de cirurgia e um refletor frontal, alimentado a pilhas, afim de iluminar o campo operatório.

Nessas condições não é tão difícil operar, mormente gastando-se tanto tempo, pois já tive oportunidade, em Ubatuba, num local pior, desprovido de recursos cirúrgicos, improvisando material e campo operatório, a 1 hora da manhã, sob uma luz mortíça, auxiliado pelo dr. Wladimir Piza, de proceder a uma operação de maior vulto. Tratava-se de uma hérnia estrangulada, com alças intestinais enegrecidas, vomitando fezes e em estado de franca adinamia.

Portanto, a operação de Pindamonhangaba, naquele ambiente, não me causa surpresa.

Pondero ainda que não observei pontos especiais externos, desconhecidos aqui na terra, como o espírito afirmou ao paciente que iria dar. Apenas verifiquei uma sutura subcutânea, como ordinariamente se faz em cirurgia plástica.

Acresce ainda mais que o tegumento externo ficou superpôsto, em consequência, "sutura imperfeita".

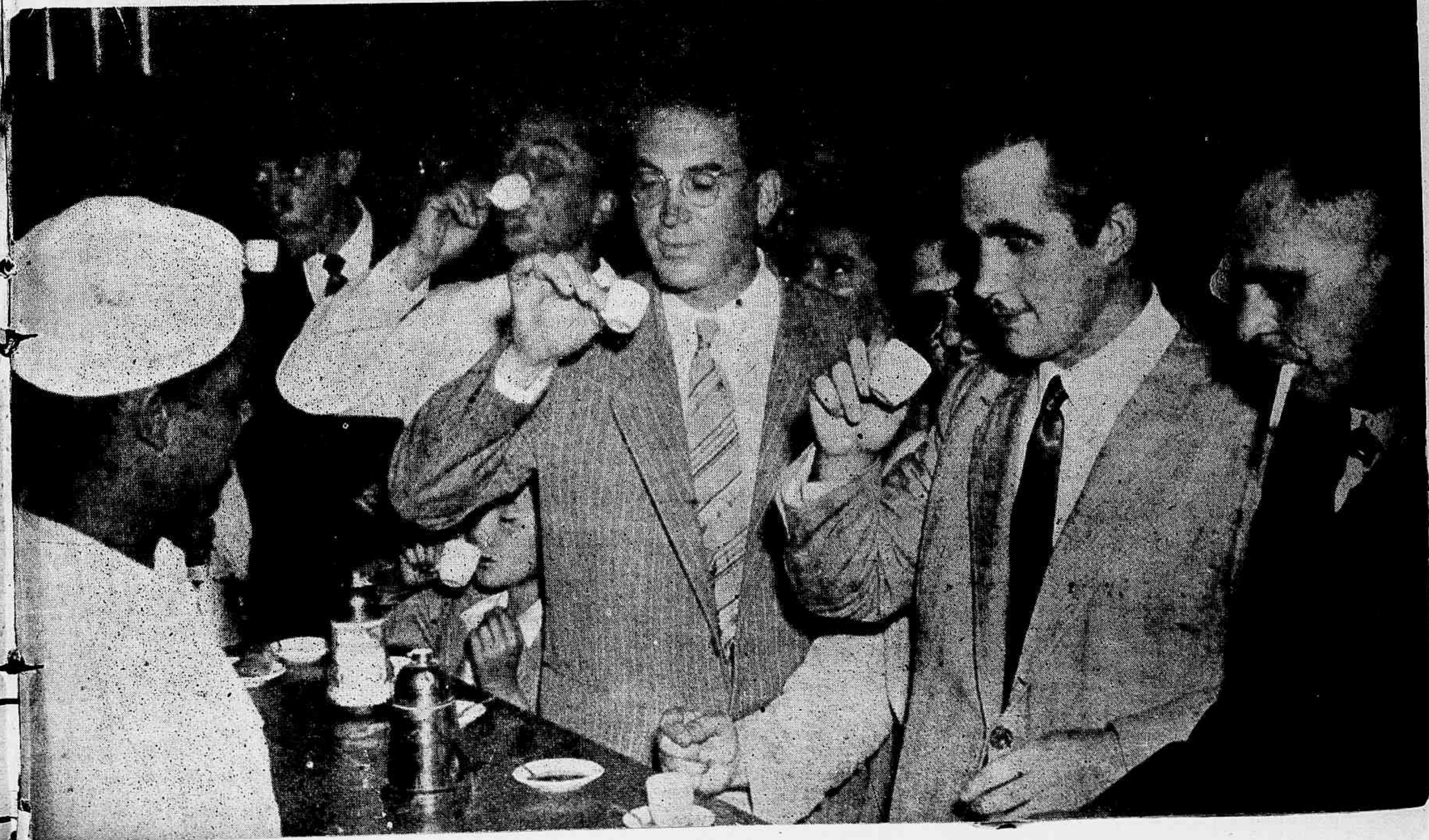
Penso que, sendo o espírito um ser vidente, desnecessário se tornaria consultar o livro de diagnóstico que no local se achava, e que, após a operação, foi encontrado aberto no capítulo relativo ao assunto e com a impressão da palma da mão, tendo o espírito o devido cuidado de não deixar suas impressões digitais...

Oxalá que algo de sobrenatural pudesse ter influido na operação de Pindamonhangaba, não só porque viria influir no espírito dos materialistas, como também beneficiar a ciência e a humanidade sofredora."

A "REVISTA DA SEMANA" EM PINDAMONHANGABA

Para melhor oferecer aos leitores um serviço informativo sobre o palpitante caso, ao escrevermos estas notas já se encontra naquela cidade paulistana o nosso companheiro Celestino Silveira, que ali foi com o propósito de recolher todo o material necessário, em companhia de um fotógrafo. Daremos no próximo número, portanto, a História Completa e Detalhada do Caso de Pindamonhangaba, antes, durante e depois da intervenção cirúrgica, apreciada pelos dois "prismas", pró e contra, baseada nas entrevistas ali obtidas.

Em companhia de amigos, médicos e jornalistas o operado de Pindamonhangaba saboreia um cafézinho, logo após as provas radiográficas que confirmaram a extração do seu apêndice.





COMO SE ESMAGAM AS DEFESAS NAZISTAS. — Tropas norte-americanas, perto da província alemã, inspecionam as ruínas de uma fortaleza nazista. Um caminhão havia sido carregado com fortes explosivos e disparado pelos americanos contra a fortaleza, que não era tão poderosa quanto imaginavam os "super-homens". E na explosão morreram 81 soldados alemães, enquanto os "yankees" ali penetravam, à vontade, esmagando assim mais esse foco inimigo. Na gravura, bem visível, o rombo feito pelo choque do caminhão. Muitos prisioneiros foram feitos, também.

TIRANDO DA TOCA OS "SUPER-HOMENS"... — Dois soldados aguardam atentamente, enquanto um terceiro abre a porta de uma casa na qual estão escondidos três franco-atiradores alemães na aldeia de Niederdronn, na França, perto da fronteira alemã. Cada "yankee" tomou o compromisso consigo mesmo de agarrar o seu "boche". E o compromisso foi realizado...

"ASTRO" DO CINEMA EM PLENA GUERRA. — O tenente B. D. Morris, conhecido pelos fãs de cinema como Wayne Morris, não é apenas "mocinho" das fitas, mas herói de verdade. Ele combate na força aérea dos Estados Unidos, no Pacífico. As bandeiras pintadas na carlinga do avião indicam que já abateu sete aviões inimigos. E pretende derrubar muitos mais.



A GUERRA EM MARCHA

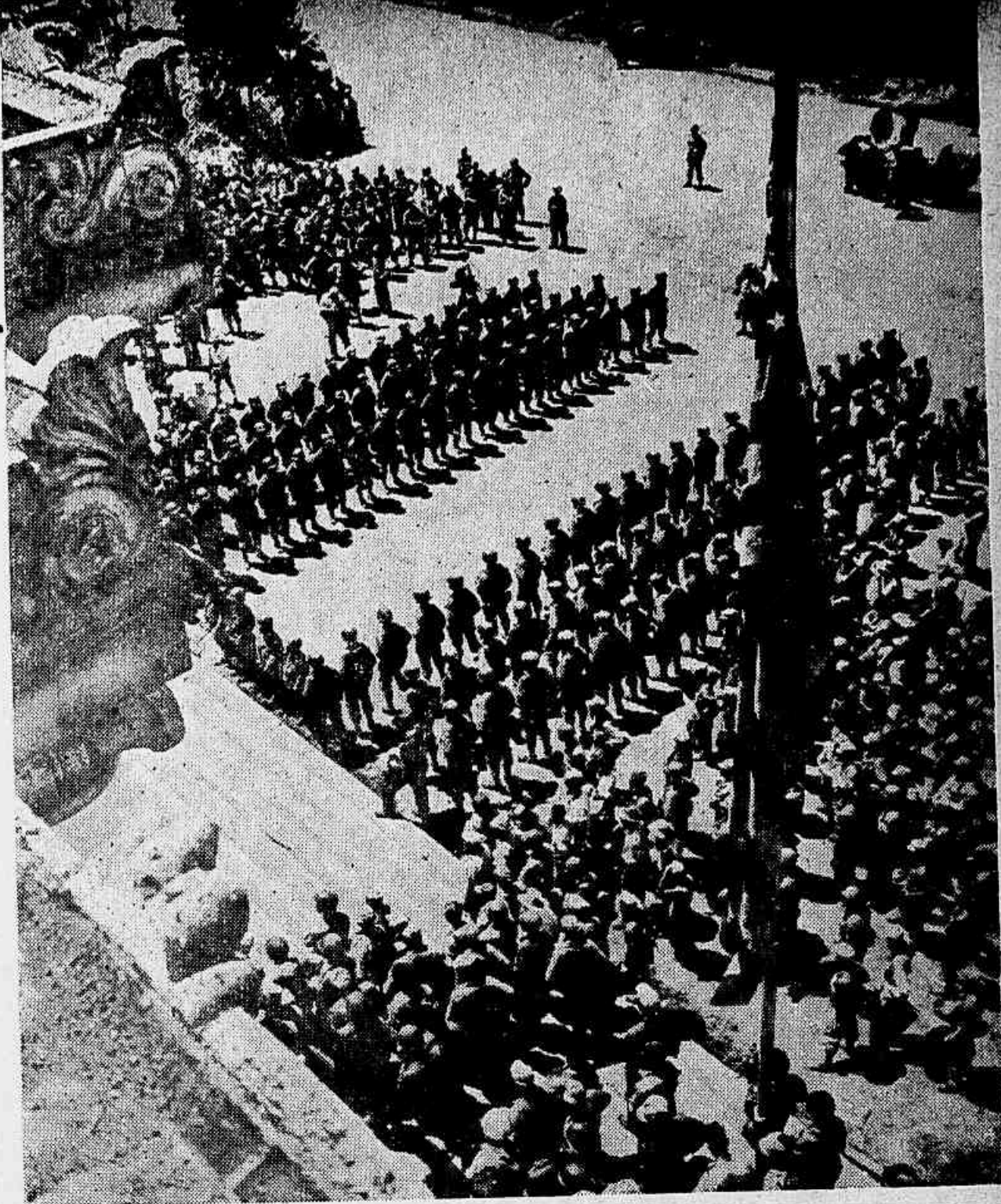
Completo um ano, esta semana, precisamente no dia 18, que o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira desembarcou em terras européias. Foi em Julho de 1944 que os primeiros rapazes nossos patrícios pisaram em Nápoles, quando se admitia que a luta estaria terminada antes do inverno. Recebiam os oficiais brasileiros que nem lhes fôsse dado tempo para participar da guerra propriamente dita. Mas enganavam-se todos, pois o inverno aí está, apanhando os rapazes da F. E. B. em pleno ardor da luta e demonstrando que, mesmo partindo de um país tropical onde a neve é uma simples ficção literária, sabem portar-se à altura. E enfrentam o canhoneio alemão com a mesma disposição de espírito dos soldados veteranos europeus. De resto, foi o próprio general Mascarenhas de Moraes que já classificou de veteranos os expedicionários do Brasil, pois eles têm diante de si um temível adversário.

Enquanto a luta segue o seu curso natural do outro lado, chegam ao Brasil os primeiros oficiais da aeronáutica que serviram por espaço de um ano, fortemente, nos bombardeios por sobre territórios nazistas. Há, neste momento, algumas famílias brasileiras felizes e radiantes, porque seus entes queridos, desfrutando um merecido repouso, voltam, são e salvos, para o convívio de casa. E outros aviadores partem, tomando o lugar dos que estão vindo.

Assim, vai o Brasil desobrigando-se, sempre com galhardia e bravura, do compromisso assumido espontaneamente nesta guerra e mostrando que seus filhos não são apenas entusiastas de retórica, mas sabem também dar conta das mais delicadas missões que sobre seus ombros colocam os responsáveis pelo curso da guerra. De um modo geral as notícias destes últimos sete dias são francamente animadoras, pois os russos, na sua heróica arrancada de inverno, vêm de conquistar Varsóvia e Lodz e estão ameaçando Tilsitt, Dantzig e Königsberg, quando redigimos estas notas. Os homens de Stalin afirmam que só em Berlim terão estacionado, enquanto na frente ocidental aumenta intensamente a pressão aliada, com o avanço do Segundo Exército Inglês ao norte de Aachen e a captura de outras posições importantes.

Eis o que se passou nesta última semana de guerra. Ela continua em marcha — e em marcha para resultados maiores, definitivos e vitoriosos.

A REALIDADE TRISTE DA GUERRA. — Depois da batalha das ilhas Filipinas, os marinheiros feridos são tratados no refeitório de um porta-aviões, que foi transformado em hospital de emergência. Esses homens estão seriamente feridos com queimaduras de alto grau, mas ali recebem toda a assistência médica de que carecem. São pilotos e homens da tripulação de vários transportes.



LIBERTAÇÃO DE TACLOBAN. — Tropas filipinas e norte-americanas assistem à leitura da proclamação feita pelo general Douglas MacArthur e pelo presidente Sergio Osmena, frente ao edifício do Capitólio, na cidade de Tacloban, na ilha de Leyte. O pavilhão americano é desfraldado em primeiro plano. E o inimigo foi escorraçado de toda aquela região. Tacloban foi libertada.



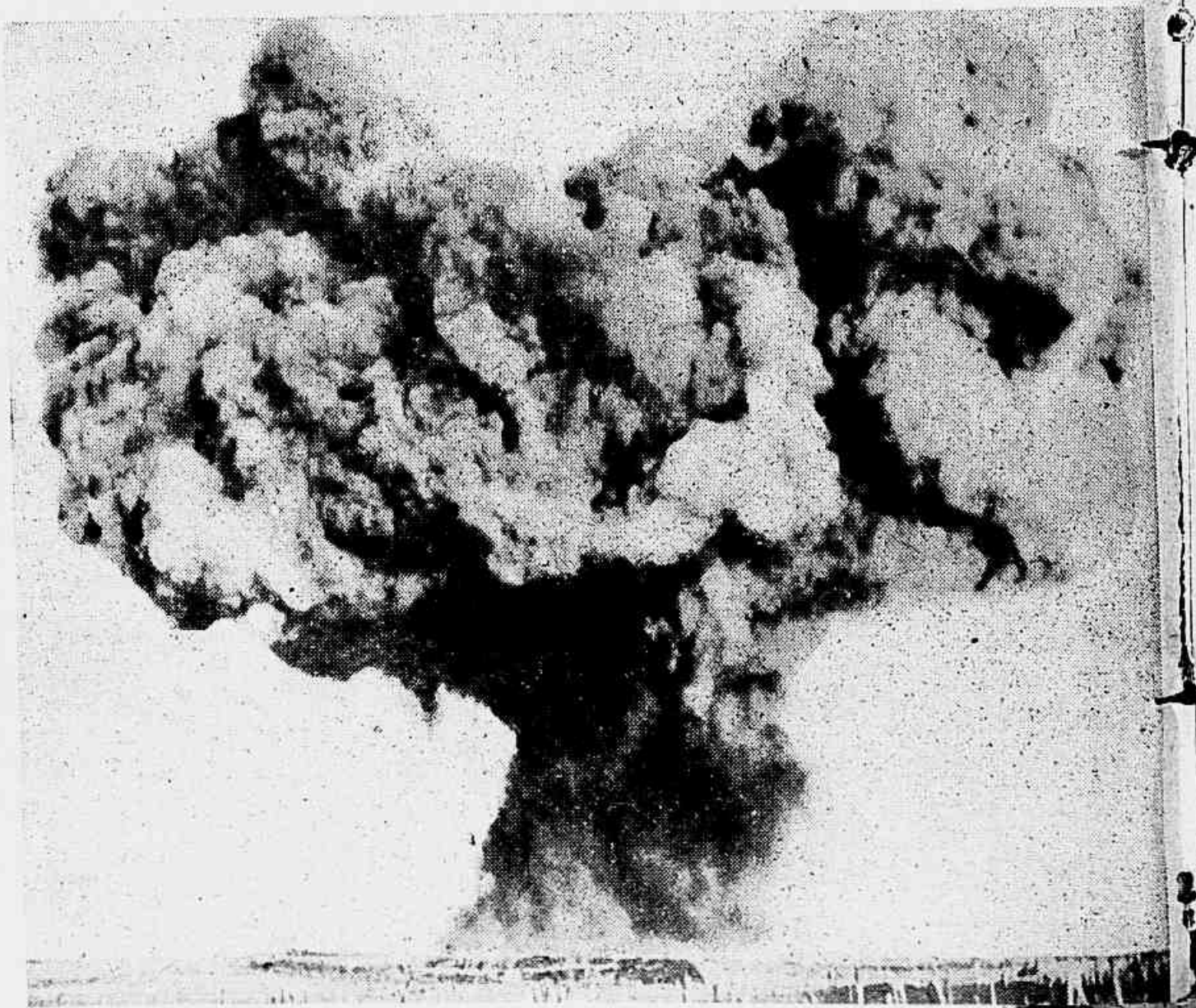
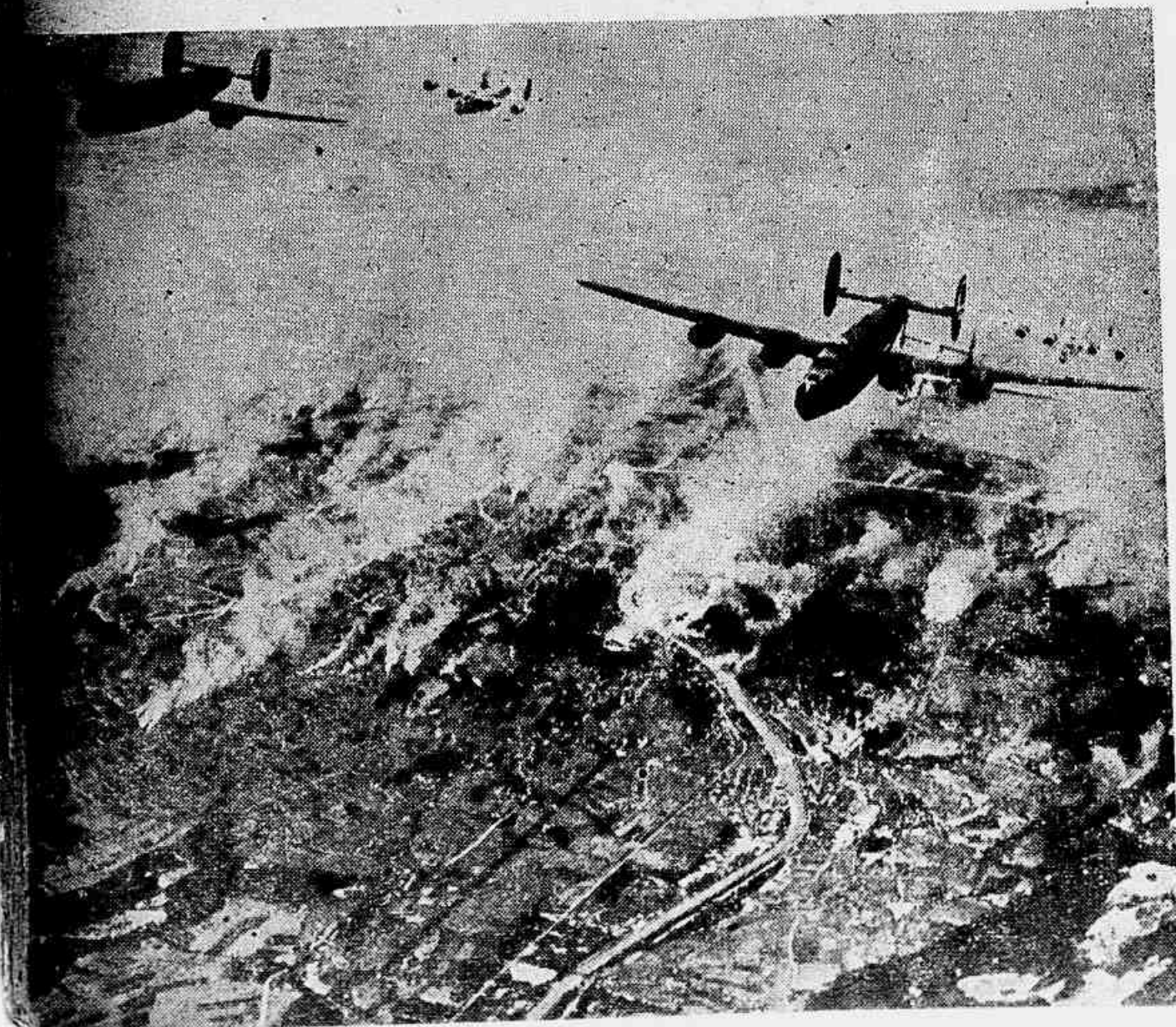


ATRAVESSANDO ALDEIAS CONQUISTADAS AOS ALEMAES. — Agora a luta começa a travar-se dentro de território nazista, o qual Hitler jurara aos seus fanáticos soldados jamais ser pisado pelo inimigo. Como se iludia e como enganava os seus compatriotas o pobre demente! Na gravura divisões blindadas de infantaria dos aliados atravessam uma aldeia alemã, que ainda está fumegando devido aos violentos bombardeios que sofreu. Ruínas de casas com mortos e feridos dentro delas. E assim terá de ser feito até atingir Berlim, obrigando os "supers" a uma rendição incondicionalíssima, pois não!

ATACANDO A AUSTRIA. — Bombardeiros B-23 da 15.^a Força Aérea dos Estados Unidos, com base na Itália, atacam instalações ferroviárias em Salzburg, na Austria. As grandes colunas de fumaça são produzidas pela explosão de bombas, as pequenas são cortinas de fumaça empregadas pelos alemães para esconder as instalações. Mais tarde os ataques serão feitos de terra firme. E a Austria cairá também.

DEFLAGRANDO AS MINAS ALEMAES. — Explosão de uma mina terrestre que os nazistas haviam deixado perto de Engesdelf, em território de Hitler, hoje tomado pelos aliados. Já foram destruídos pelo corpo de engenharia norte-americano mais de 8.000 campos minados. E as intenções sinistras do inimigo inutilizam-se.

(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério).



Uma velha situação com uma solução nova. O velho tema do crime impossível renovado por uma escritora famosa.

TODOS TINHAM ÁLIBI...

(extraído de um romance de AGATHA CHRISTIE).

— Odeio-a!

Hercule Poirot não fez um movimento. Encolheu-se ainda mais atrás do arbusto que o protegia e ficou escutando. Porém, além dos soluços da mulher, nenhum outro ruído vinha perturbar o silêncio da noite enlucrada. Poirot sabia bem que não estava certo aquilo que estava fazendo, que um homem bem educado não deve escutar as conversas de estranhos. Mas, até certo ponto, tinha razão em continuar ouvindo. O tom de voz da mulher indicava que ela se achava no limite extremo de suas forças, prestes a fazer uma loucura. E, afinal de contas, o trabalho de um detetive não é somente descobrir quem cometeu um crime, mas tentar, na medida do possível, impedir que o crime seja cometido.

O mar avançava e recuava em movimento regular, cada vez porém enquiando

— Como queira.

Poirot já ouvia os passos dêle, afastando-se, quando ela disse subitamente:

— Jack!

— Você me chamou?

Ele voltara.

— Perdoe-me. Você foi tão bom...

— Você está nervosa, Mariana? Eu

sentimento subiu e transbordou numa investida:

— Você é muito esquisito. Se fôsse qualquer outro homem estava aí de revólver em punho, querendo matar o culpado. Você, não. Fica aí calmo como não sei o que e ainda me aconselha resignação.

lência e uma intensidade que fez estremecer Poirot. Eis uma mulher que é capaz de tudo para reaver o homem que ama! pensou.

— Bem, não concorramos.

— Você então quer me dizer que não odeia meu marido?

— Odiá-lo porque se apaixonou por minha mulher?

— Mas se ela o traiu?!

— Nesse caso a culpa é dela.

— Ele então é inocente?

— Meu Deus! Não! Mas nada tem a ver comigo. Era Lucia que estava ligada a mim por um juramento de fidelidade!

— E ele estava ligado da mesma forma a mim!

— E' por isso mesmo que você tem a minha simpatia.

— Mas você não quer fazer nada! Aconselha-me a abandonar a luta!



um pedaço maior da praia. Era a maré enchente. Um vento fresco soprava e fazia estremecer as folhas do arbusto atrás do qual o velho detetive estava escondido. E os soluços da mulher continuavam.

Finalmente uma voz de homem, impaciente, fez-se ouvir:

— Vamos, Mariana.

— Não quero. Prefiro ficar sozinha!

acho melhor você ir deitar-se. Amanhã talvez já encare os fatos de uma maneira diferente...

Foi uma imprudência. No seu arrependimento, verificando que tinha sido rude para com êle, ela quase esquecerá a traição. Mas êle mesmo se encarregara de lembrá-la. Novamente, como as ondas que vinham em constante refluxo, o res-

— Não lhe aconselhei resignação. Disse-lhe que o abandonasse.

— Não é a mesma coisa? Não significa, de qualquer modo, resignar-me, abandonar a luta?

— Se você ainda quer lutar por um homem que já provou que não presta!

— Mas eu o amo!

O grito cortou o silêncio com uma vio-

— Porque se êle teve coragem de traí-la não é digno de uma luta que só poderia ser tomada como uma homenagem a êle!

— E sua mulher? Que fará com ela?

— O caso é diferente. Saberei tomar providências...

— Não creio que você faça nada...

Houve uma pausa. Ele riu, seco.

— Você está muito enganada.

E naquele momento Poirot, sem saber por que, teve muito mais receio de que a frieza do homem se transformasse em ação criminosa do que o desespero da mulher.

Cinco minutos mais tarde Mariana e Jack já tinham partido, cada qual para

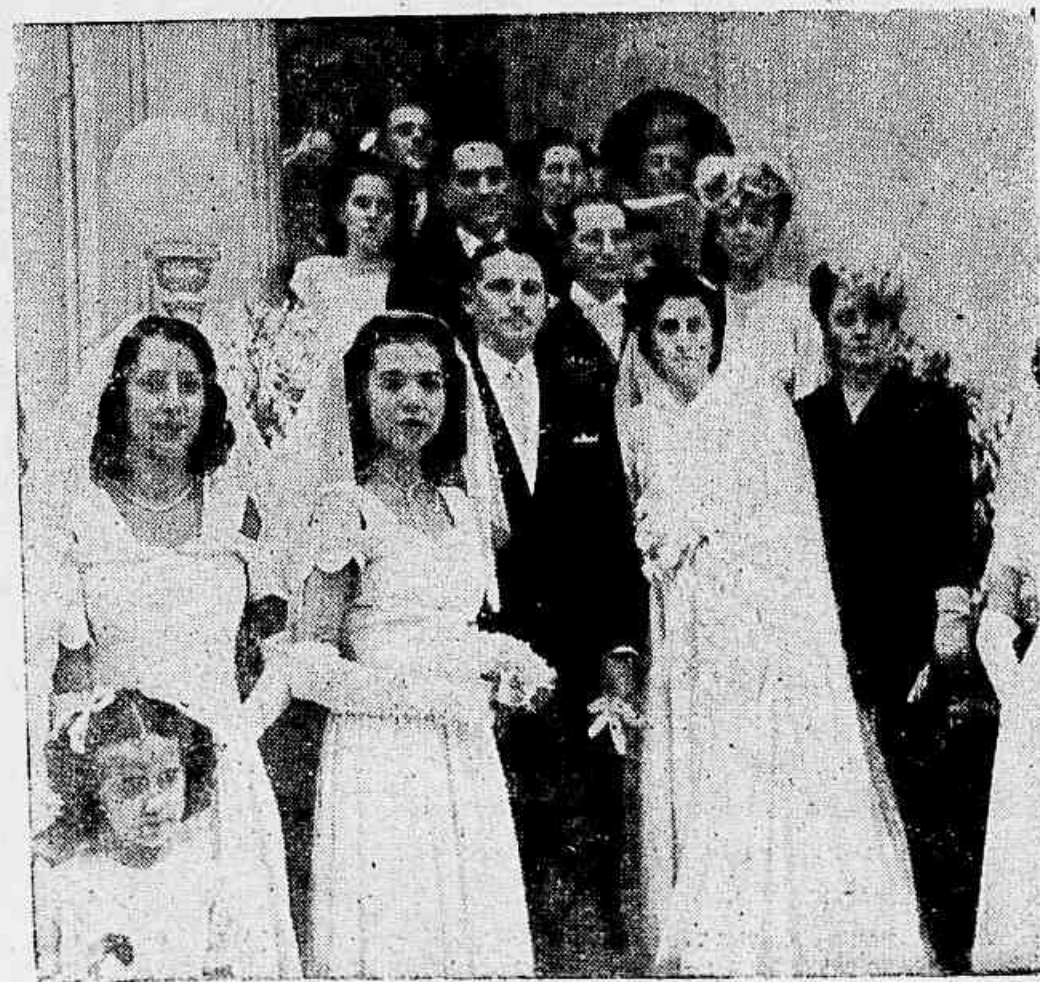
(Continua na pág. 43).



NUPCIAS NA SOCIEDADE CARIOCA

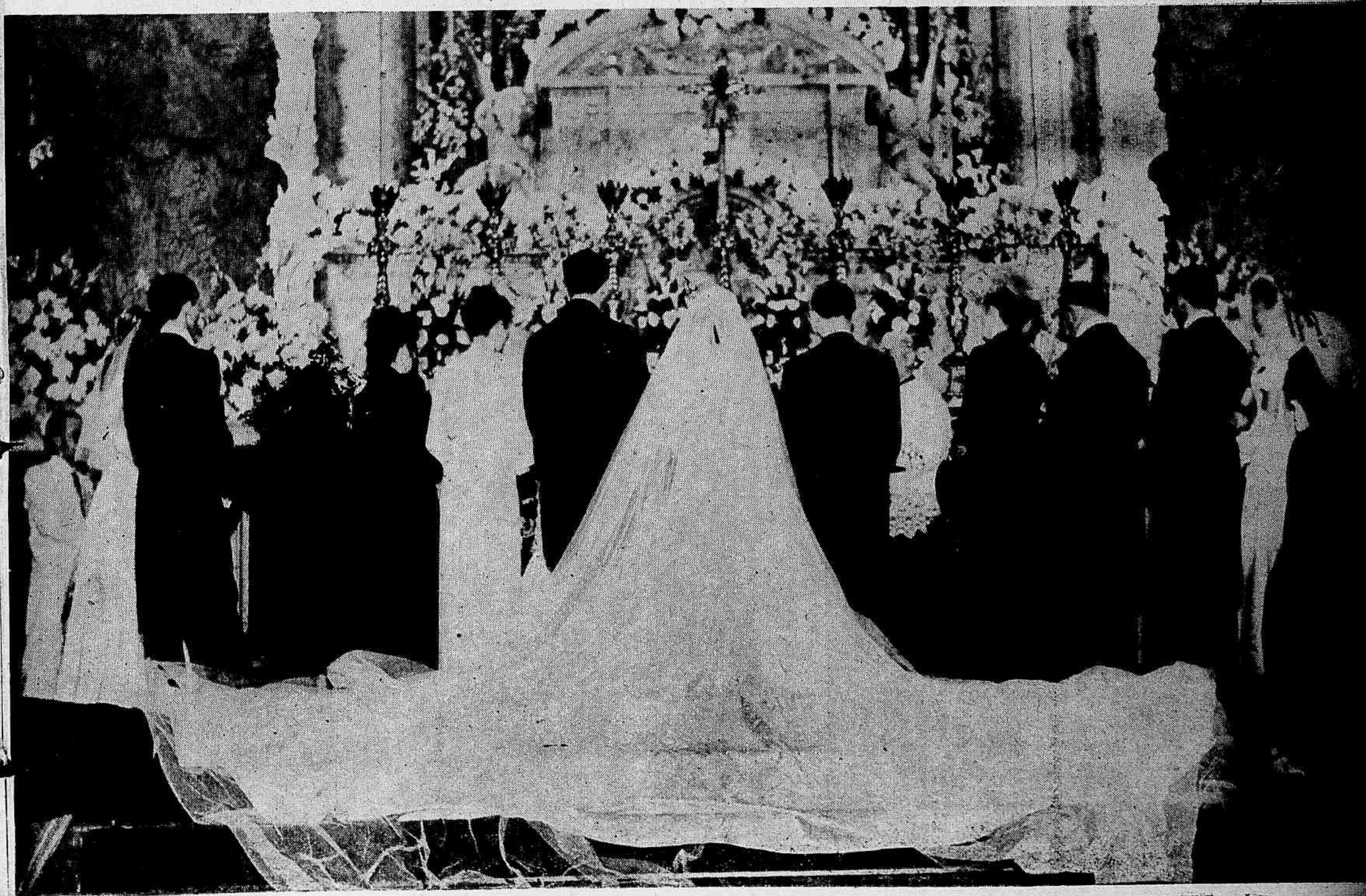


O ato civil do enlace Hilda Pereira da Silva-Dr. Aloysio Silvino Pereira teve lugar na residência dos pais da noiva, à rua Visconde de Cabo Frio n.º 29, na Tijuca. Esta cerimônia teve como paraninfos por parte da noiva o sr. Raymundo Silvino Pereira e d. Minervina Silvino Pereira; por parte do noivo o sr. Amaro Silvino Pereira e d. Maria Helena Moura Silvino. São desta solenidade as fotos que ilustram esta página.



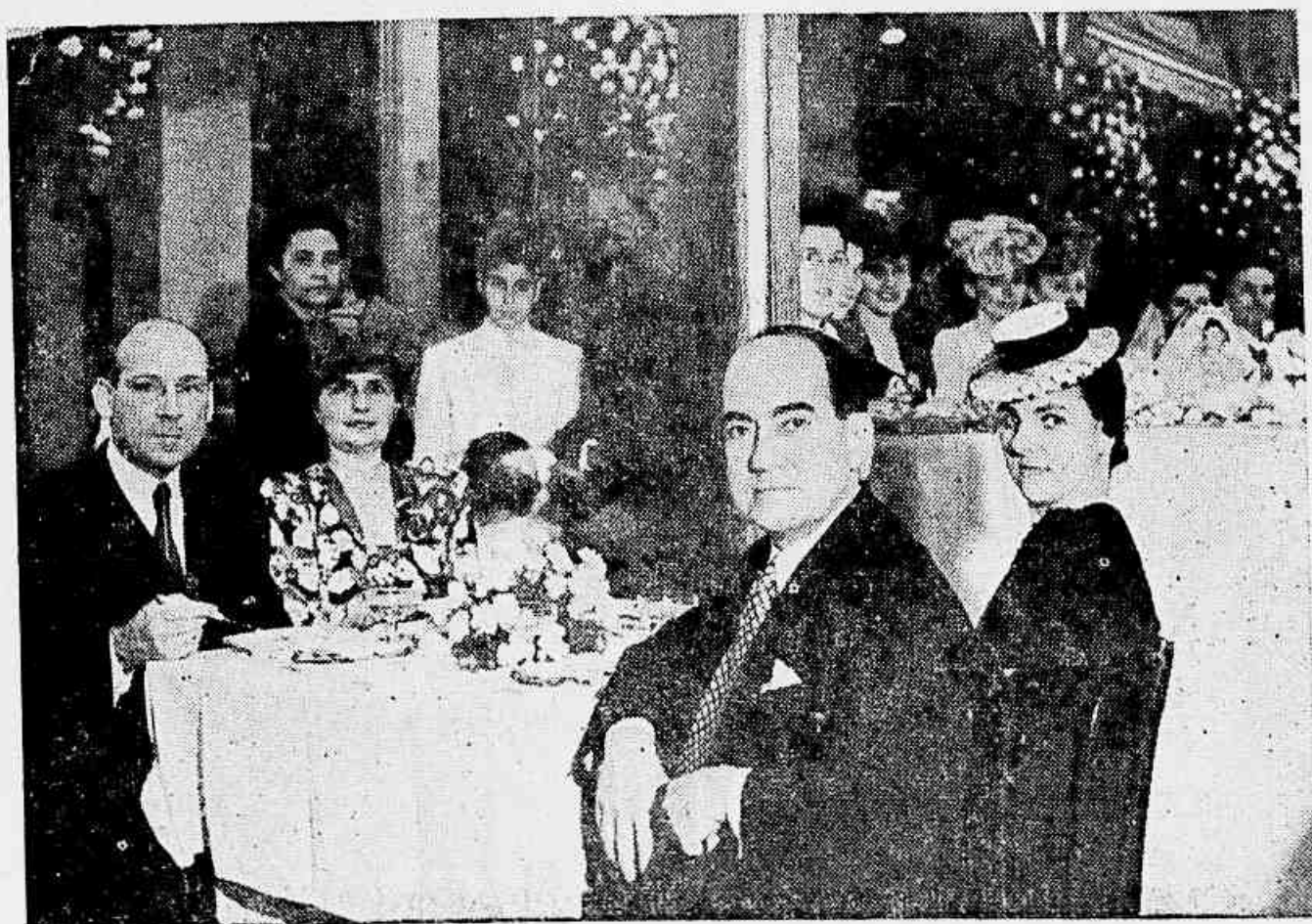


Constituiu marcante acontecimento social o enlace matrimonial da senhorita Hilda Pereira da Silva, filha do grande industrial brasileiro sr. Demetrio Pereira da Silva e da sra. Laura Pereira da Silva, com o dr. Aloysio Silvino Pereira, filho da viúva Manoel Silvino Coelho. No ato religioso, realizado às 15 horas na igreja da Candelária, serviram como padrinhos da noiva o sr. Severino Pereira da Silva e d. Francisquinha Moura Pereira da Silva; por parte do noivo o sr. Demetrio Pereira da Silva e d. Laura Pereira da Silva. A bênção nupcial foi dada por d. André Arcoverde, representante de d. Jayme de Barros Câmara, arcebispo metropolitano.





Ao ensejo do casamento da srta. Hilda Pereira da Silva com o dr. Aloysio Silvino Pereira, e comemorando ainda a passagem das bodas de prata do casal Demetrio Pereira da Silva-d. Laura Pereira da Silva, teve lugar, no palacete residencial dos pais da noiva, à rua Visconde de Cabo Frio 29, brilhante recepção aos elementos mais destacados da nossa sociedade, que constituem o largo círculo de relações e amizade das famílias dos cônjuges. A esta brilhante festa compareceram as figuras mais representativas da alta sociedade, da indústria e do comércio brasileiros. Para o brilhantismo da "soirée" concorreu a Orquestra Sinfônica Brasileira, que executou grandes peças musicais, sob a regência do maestro Henrique Spedini.





O dia 15 de Janeiro assinalou outro acontecimento grato para a família Pereira da Silva. Transcorreu nessa data o vigésimo quinto aniversário do feliz enlace do sr. Demetrio Pereira da Silva com a exma. sra. d. Laura Pereira da Silva. Por motivo das bodas de prata do casal Pereira da Silva, os seus filhos mandaram celebrar solene missa em ação de graças. Desta tocante cerimônia religiosa, realizada às 10,30 horas na Igreja da Candelária, são os aspectos que aqui reproduzimos.



CENTENARIO JULIO DE NORONHA

Por

ESCRAGNOLLE DORIA

VERIFICA-SE no Brasil presente vivo interesse pelo seu passado, historia patria ou alheia de antanho despertando atencão e comparacão. Homens e sucesos notaveis de outrora são com frequencia à flor de memoria.

Multiplicam-se para tanto os livros de fundo historico, muitos traduzidos, atraçoados ou não os textos originaes às vezes confiados a inexpertos em um idioma quanto mais em dois. Empresas de publicidade abalançam-se à reedição de obras antigas em apresentação luxuosa, obras aquelas tidas por "enterradas", ressuscitando com brilho e frescura.

Estamos contraindo o habito da celebração de centenarios nossos, de vária especie, memorados com maior ou menor felicidade, não raro com sacrificio de cronologia anticipada ou atrasada. Pouco importa, ouro e pedras preciosas se não recolhem sem cascalho e lavagem.

Transcorre neste Janeiro de 1945 o centenario natalicio do Almirante Julio Cesar de Noronha, carioca de 26 de Janeiro de 1845 com uma vida que apraz rememorar.

Na armada nacional entrava Noronha em 1862, e pouco depois, nas campanhas do Uruguai e do Paraguai, por elas recebendo arriscadas lições da arte militar. Combatia em Paissandú, lutava em Riachuelo, participando de outros assinalados feitos.

De 1870 a 1889, Noronha serviria na paz a sua nação hegemônica na America do Sul. Recorra-se à Historia para derimir duvidas e logo.

Oficial de apreciados meritos, foi Noronha distinguido, a ponto de ser membro do Conselho Naval, instituição de relevo na Marinha por seus componentes em geral almirantes, Noronha capitão de fragata, posto no qual o encontraria a Republica. Na vertigem de promoções militares subsequentes ao advento do novo regime, vio-se Noronha promovido a capitão de mar e guerra. Em 1889, com o título de conselho, era o capitão do porto do Rio, o primeiro do Imperio. A promoção se dava não acrescentava a quem tímbrou de não sahir de sua classe para a politica e seus vaivens.

Quarenta anos decorreriam da entrada de Noronha na Marinha. Só então figuraria no cenario politico do paiz, por membro de governo e assim mesmo sem desamparar sua classe.

A 15 de Novembro de 1902 iniciava-se novo periodo presidencial, para ele eleito o conselheiro Rodrigues Alves, no Imperio deputado geral e presidente de São Paulo, na Republica secretario da Fazenda.

Para ministros, do Interior, do Exterior, da Fazenda, da Viação e da Marinha, o novo presidente escolheu cinco pessoas que nunca tinham ocupado pastas: Seabra, Rio Branco, Leopoldo de Bulhões, Lauro Muller, Julio de Noronha, o marechal Argollo pela segunda vez ministro da Guerra.

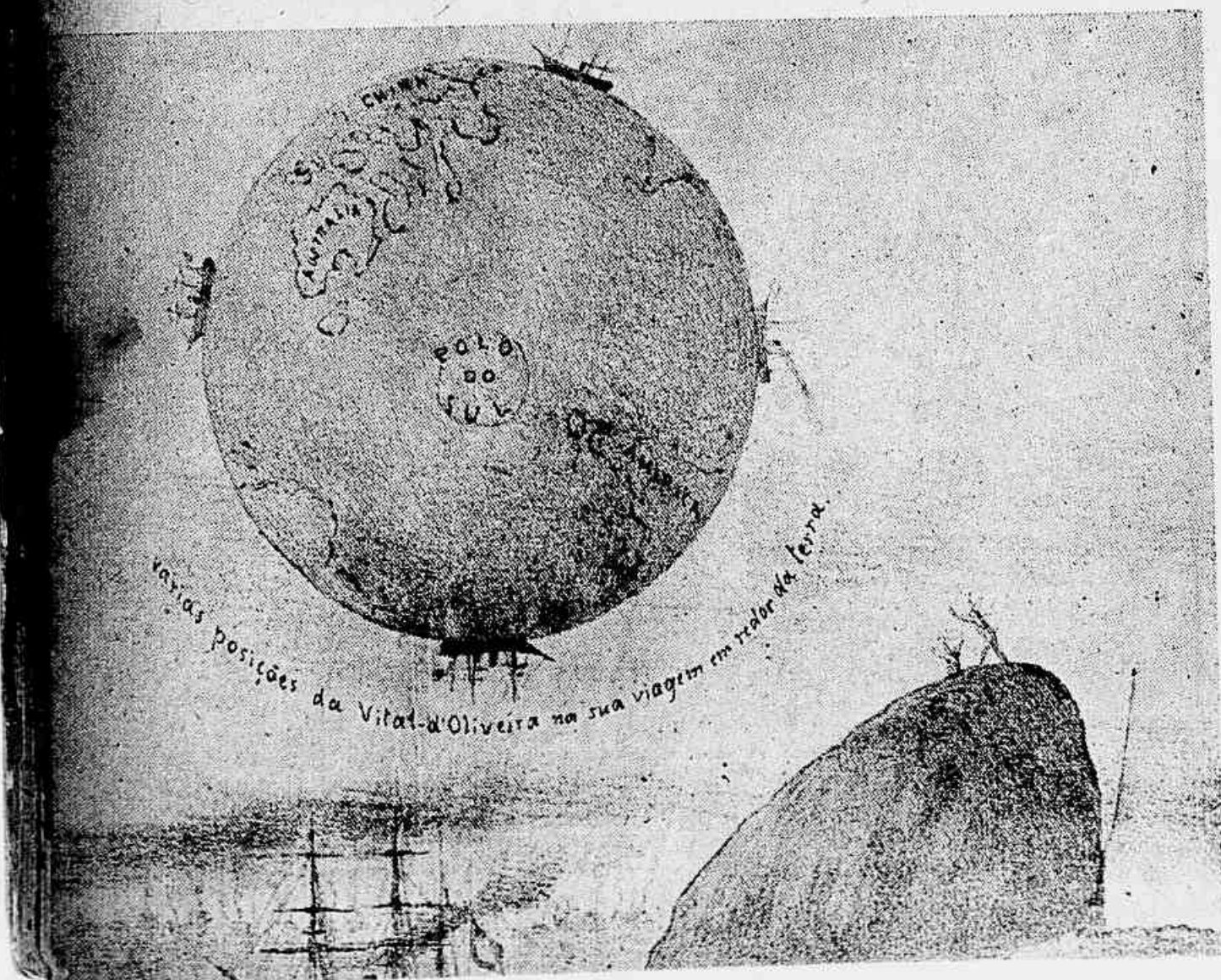
De 1902 a 1906, o contra-almirante Julio de Noronha dirigio a marinha de Guerra à administrador zeloso, notabilizado por um plano de reorganização naval. Urgia este sobretudo após 1893 e 1894 e sucessos revolucionarios. Neles a Marinha participara na linha de combate estendida das aguas do Rio de Janeiro às terras do Rio Grande do Sul.

Findo o quatrienio Rodrigues Alves e deixando Noronha a pasta da Marinha não houve ensejo de ser executado à inteira um plano naval que, no dizer de entendidos, seria frutuoso, libertando-nos de recorrer por demais ao estrangeiro.

Por últimas altas funções exerceria Noronha as de ministro do Supremo Tribunal Militar de Justiça. Em 1919, Noronha solicitou reforma, concedida no posto de almirante, posto a representar mais de meio seculo de ininterruptos serviços principiados na guerra e findos na paz para assinalamento em decorosa fé de oficio.

Para celebração do centenario natalicio haverá quem recorde com minucia a vida de Julio de Noronha já esboçada pelo comandante Adalberto Reischsteiner, em resumo

Desenho alusivo ao regresso da corveta "Vital de Oliveira" ("Revista Ilustrada" — 1881.



biografico inserto na Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Outros estudos biograficos virão, entre eles um de Noronha Santos, sobrinho do almirante.

De preferencia consideramos o capitão de fragata Julio de Noronha dez anos antes do sumiço do Imperio e no desempenho de missão especial.

Indicado pelo chefe de esquadra barão de Angra, Julio de Noronha, havia pouco capitão de fragata, recebeu comando de confiança, o da corveta *Vital de Oliveira*, de nome a recordar o de um bravo da guerra do Paraguai.

Foi a corveta aprestada para viagem de circumnavegação, a primeira realizada pela nossa marinha de guerra. Duas outras viagens, intervaladamente, seriam levadas a cabo pelo cruzador *Almirante Barroso* em 1888 e pelo navio-escola *Benjamin Constant* em 1894, navios sob os comandos do capitão de mar e guerra Custodio José de Mello e do capitão de fragata Gomes Pereira.

Não de guerra a circumnavegar tem de mostrar com lusimento a nação que move-dicadamente representa, isto escala por escala, deixando esteira de boas recordações em toda parte.

A 9 de Novembro de 1879 a *Vital de Oliveira* despedia-se do Rio de Janeiro indo direta a Lisboa, por Gibraltar alcançando Toulon.

Na cidade militar francesa a corveta recebeu a bordo missão diplomatica nossa de rumo à China para firmar tratado com o Celeste Imperio, regido por um soberano Filho do Céu. O tratado a celebrar seria de amizade, comercio e navegação.

Devia negociar-o o chefe de divisão Silveira da Motta, mar e guerra, abreviação de posto usual na marinha. Sem trinta anos de idade, por feitos navais no Paraguai, Silveira da Motta era capitão de mar e guerra.

Interviria tambem no tratado a negociar o dr. Eduardo Callado, diplomata de carreira e filho de ilustre militar extinto, o tenente-general João Crisostomo Callado.

Obedecendo a rota traçada no Rio de Janeiro, a *Vital de Oliveira* se foi a Port Said na beira mediterranea de porta ao Egito, Noronha achando a cidade semelhante à ilha paraguaia de Cerrito.

E adiante. Surgio Aden, de paisagem triste, de apparencia granitica, desnuda, calcinada, dando razão aos nativos indicando aquela terra como tumulto do primeiro assassino do mundo, o fraticida Caim.

Limpa de vegetação, quasi sem chuvas, Aden não existiria não fossem as duas cisternas, poços de Moisés tratavam os naturais, obras gigantescas a honrar portugueses, segundo Noronha.

E adiante. Apareceu Hong-Kong onde desembarcou a missão diplomatica especial, com chefes, auxiliares, interprete, sem este nada feito, salvo medidas tão chinêsas.

Ia a missão a Tien-Tsin e suas bandas do Pei Ho a *Vital de Oliveira* navegava para o Japão e suas ilhas de tres inimigos, o terremoto, o incendio, o tufão.

Em Yokoama e Toquio sobram obsequios aos da *Vital de Oliveira*. Retribuidos aqueles, a corveta buscou os Estados Unidos no seu São Francisco da California, passando ao Mexico no seu Acapulco e ao Chile no seu Valparaíso.

Ainda para um pouco de Chile, partio a *Vital de Oliveira* em busca de Punta Arenas, a principio presidio depois povoação, em 1880 a temer a abertura do istmo de Panamá, de prejuizo aos dous mil puntarenenses dedicados à lucrativa pesca de lobos marinhos.

Oceano Pacifico — que nome de inspirar confiança presagiando mar de rosas! Entretanto o marinheiro avisado prefere navegar pelos canais do Estreito ao qual se liga o nome do transmontano Fernão de Magalhães.

Julio de Noronha poz a *Vital de Oliveira* a ganhar o Estreito pelo canal de Smyth. Livrou-a assim do empino sobre aguas revoltas e tragadoras, bastando ao navio o açoite do vento, o apedrejar do granizo, o flocar da neve.

Mesmo em dia de céu escampo a navegação no Estreito é de continua cautela. Mas com máo tempo, pontos de costas invisiveis, céu pesado de nimbus... Só a sonda e a cor das aguas, assim mesmo toldadas, podem ser guias incertos em caminho temeroso.

Venilo o Estreito, a merecer novo Adamastor, a *Vital de Oliveira* navegou com mais sossego em mar e mais mar até Montevideo. Aí o navio só encontrou hospitalidade e os que nele vinham o melhor acolhimento. Em nossa legação o ministro Lopes Netto ofereceu esplendido banquete, a sociedade montevidéana obsequiada com uma festa a bordo.

A 24 de Janeiro de 1881, a *Vital de Oliveira* entrava na Guanabara. Perfazendo 430 dias de ausencia, contados saudade a saudade. Estivera 268 dias no mar, 162 em portos de escala, percorridas mais de 35.000 milhas.

Na longa e aleatoria travessia ocorera caso doloroso, a morte do imperial marinheiro de 1.ª classe Luís da França Pereira, que ao tornar à patria teria baixa.

Entre Gibraltar e Toulon, despenhou-se de verga ao mar. Atravessada a corveta, logo arriado escalér, tudo se tentou para recolher ao menos os despojos do infeliz marujo submergido. Ao cair da noite içou-se o escalér, trazendo apenas o boné do desventurado marinheiro, unico despojo que flutuou.

Em Toulon a tripulação da corveta pediu licença ao comandante para mandar rezar missa por alma do naufrago. Teve ele missa solene na catedral de Toulon, o ato atraindo multidão ao templo e à rua onde o povo se aglomerou respeitoso.

Por entre alas, ao fim de cerimonia, passou a gente da *Vital de Oliveira* calada, banda de musica á frente, a mesma de marchas funebres na igreja.

Após a banda o comandante, a oficialidade, a tripulação, irmanados na homenagem à vitima de serviço e dever. Em perfeita ordem e cadencia de passo, a força naval desfilou rumo ao cais, onde a esperavam escaléres para transporte a bordo.

A imprensa de Toulon elogiou o desfile, vindo da catedral onde a marinhagem mandára celebrar missa, fazendo questão de custeal-a, pedindo que a bandeira nacional fosse sobreposta a catafalco em nave ferrada de negro.

Recomendavel foi tudo, chegando um jornal de Toulon, *La Sentinelle du Midi*, a frisar a boa impressão geral a ponto de no desfile ser reparado o grupo dos grumetes pela sua correção de traje e de attitude.

Por sua significação moral o sucesso merece relembração no centenario de Julio de Noronha. Em relatorio de viagem, nobremente dele qualificou um simples marinheiro de "nosso desditoso companheiro de fadigas".

Os bons exemplos honram quem os apresenta. Um nosso foi dado em Toulon. Na *Vital de Oliveira* tal comandante, tais comandados, grandes ou pequenos.



Nos bastidores femininos

Quem não gostaria de ser raptado por uma "pirata" assim? Se você, graciosa leitora, pretende copiar o modelo de Virginia Mayo, uma das mais estupendas "descobertas" de Samuel Goldwyn, pode desde já contar com um grande sucesso. A fantasia de Miss Mayo é um pirata ultra-moderno, que dispensa qualquer outro comentário.

Com chapéu ou sem êle? Naturalmente a resposta é: com chapéu... Sim, querida amiga, sou grande adepta do chapéu feminino, pois considero-o um complemento necessário à elegância da mulher. Compreendo que não se use chapéu por medida de economia; nesse caso, aboliremos o seu uso apenas às primeiras horas do dia, quando vamos à cidade fazer uma compra ou mesmo quando nos dirigimos ao nosso trabalho.

Mas vestir uma "toilette" mais "habillé", sair à tarde para um cinema ou um chá, sair à noite para um teatro e não levar um chapéu à cabeça... francamente, querida leitora, não admito.

Há uma grande campanha para a volta do chapéu, e para isso os desenhistas e as chapeleiras tem procurado criar verdadeiras obras de arte. Existem chapéus de todos os formatos e feitios: grandes para o dia, pequenos para a noite, êstes últimos adornados de flôres e véus.

Com a escassez da palha estão sendo usadas, com muita felicidade, matérias "ersatz", que substituem as caríssimas palhas.

Use chapéu, portanto, pois não só estará aumentando a sua elegância, como também resguardando sua cabeça, nesses dias de sol quente, e ainda protegerá o seu penteado, que foi tão difícil de arrumar...

Kitty.

A Felicidade

Em volta do palácio, que era todo de fino e refulgente mármore, estendia-se, a perder de vista, o rumoroso acampamento.

Gente de toda a casta, homens de todos os países: uns cobertos de cerdosas peles, outros semi-nús, com uma tanga ligeira em torno dos rins; ainda outros com albornozes longos, frotas recamadas de pedrarias, papuzes de couro flore-

jado, armas à cinta, seguidos de muitas lanças; e eram reis, e eram príncipes. Sacerdotes com os seus ídolos; sábios com os seus papiros; poetas com as suas liras; mercadores com os seus escravos; guerreiros com os seus escudos e tímidos, agachados entre os carros, disputando um lugar aos camelos enxareilados e aos ginetes cobertos de telizes, mendigos maltrapilhos que se encolhiam com medo.

Todos esperavam que se abrisse a enorme porta de bronze e aparecesse o gênio que devia, por inculca do Destino, buscar o afortunado a quem coubesse o palácio com as suas inúmeras riquezas.

Todos contavam com a aventura e já se imaginavam o eleito da

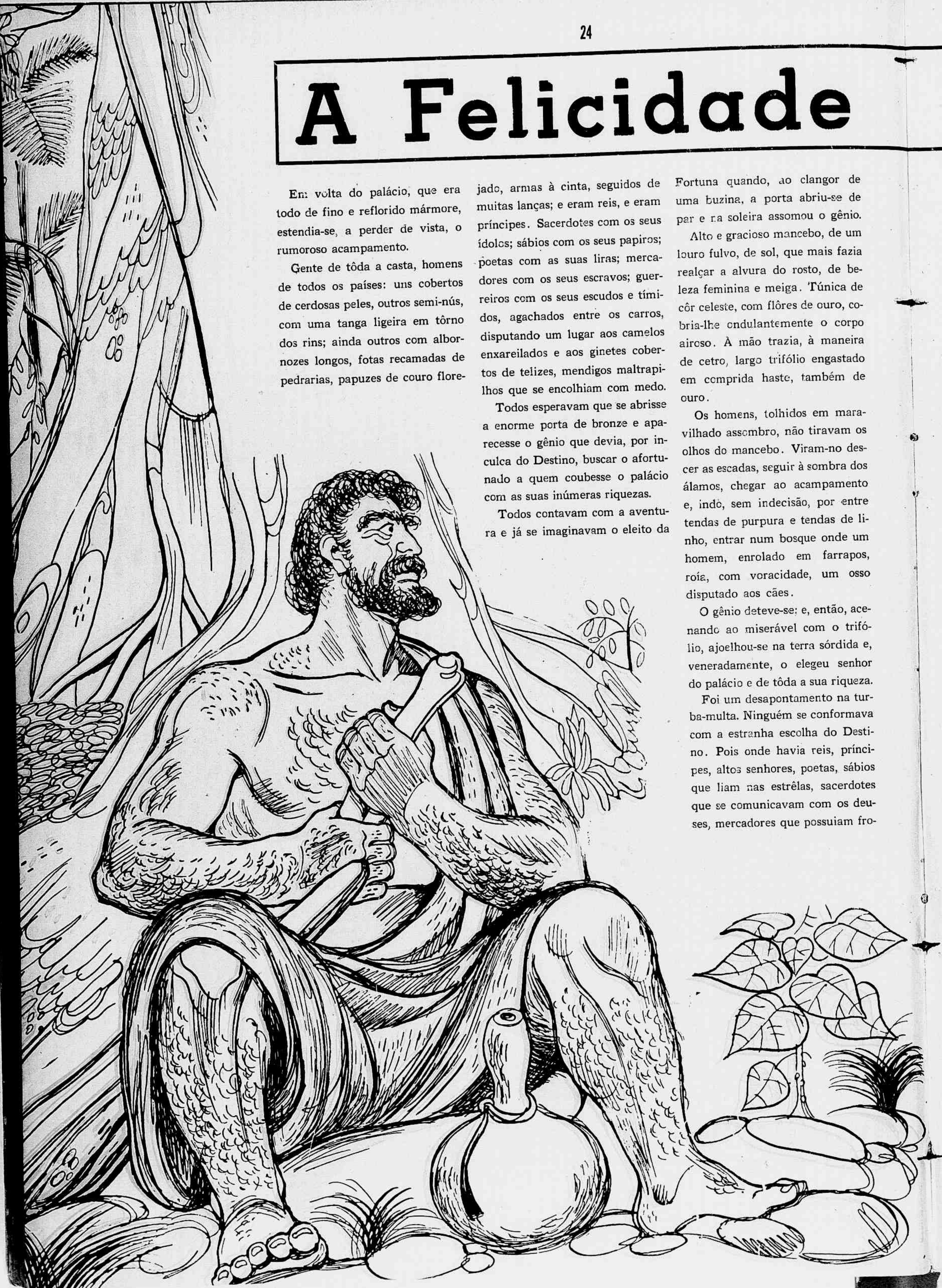
Fortuna quando, ao clangor de uma buzina, a porta abriu-se de par e a soleira assomou o gênio.

Alto e gracioso mancebo, de um louro fulvo, de sol, que mais fazia realçar a alvura do rosto, de beleza feminina e meiga. Túnica de côr celeste, com flôres de ouro, cobria-lhe ondulantemente o corpo airoso. À mão trazia, à maneira de cetro, largo trifólio engastado em comprida haste, também de ouro.

Os homens, tolhidos em maravilhado assombro, não tiravam os olhos do mancebo. Viram-no descer as escadas, seguir à sombra dos álamos, chegar ao acampamento e, indo, sem indecisão, por entre tendas de púrpura e tendas de linho, entrar num bosque onde um homem, enrolado em farrapos, roía, com voracidade, um osso disputado aos cães.

O gênio deteve-se; e, então, acenando ao miserável com o trifólio, ajoelhou-se na terra sordida e, veneradamente, o elegeu senhor do palácio e de toda a sua riqueza.

Foi um desapontamento na turba-multa. Ninguém se conformava com a estranha escolha do Destino. Pois onde havia reis, príncipes, altos senhores, poetas, sábios que liam nas estrêlas, sacerdotes que se comunicavam com os deuses, mercadores que possuíam fro-



Conto de COELHO NETTO

— Ilustração de José Antonio —

tas nos mares e minas no seio da terra, havia de ser um rôto mendigo o favorito?...

Logo se arrancaram as tendas, arrearam-se os animais, jungiram-se os bois aos carros e, lentamente, começou o desfilar das caravanas.

Ao limiar do palácio saíram a esperar o mendigo fâmulos e ancilas e, por entre colunas de coral e ouro, por baixo de abóbada trêmula de iriados flabelos, pisando moles tapetes e ouvindo o fresco cantar das fontes, extasiadamente, o miserável atravessou o peristilo, os corredores luminosos, os pátios enxadrezados e entrou na câmara, que era tôda de oloroso cedro com taxias de ouro e prata e incrustações de pedras.

O banho que o esperava rescendia e era todo de leite de flôres.

Refrescado, vestiram-no, e rei algum carregou jamais sobre o corpo as riquezas com que o recobriram.

Inclinou-se o mordomo e, por entre tangeres de frutas e de cítaras, c foi guiando à grande sala onde o esperava o banquete em lauta mesa, lampejante de baixelas e cristais e tôda florida.

Sentou-se o venturoso.

Logo rompeu o concêrto delicado de finas harpas, de frutas suaves e de vozes.

Ao fim do repasto levaram-no a ver os jardins onde a Primavera não daria por falta de uma só das suas flôres. Passaram aos pomares de tôda a fruta, entraram no bosque de frescos, assombrados e redolentes meandros, onde se desafiavam em gorgeios todos os passarinhos e os dóceis animais das silvas passejavam. Foram às cavalariças, onde estadeavam os mais formosos e robustos ginetes do deserto. Adiantaram-se os pastores a dar-lhe contas dos gordos rebanhos que guardavam.

Por fim, fez o mordomo a volta da torre de pedra onde se empilhavam os tesouros e em tôrno da qual, silenciosamente, iam e vinham roldas e sôbre-roldas de guerreiros possantes.

De regresso ao palácio — já a rútila Vesper subia no horizonte — o afortunado avistou na varan-

da, entre os inclinados ramos dos jasmineiros e das acácias, que florescem de ouro as lindas, esbeltas mulheres do seu gineceu que o esperavam, cada qual mais ansiosa do seu beijo, esmerando-se em seduzi-lo com lânguidos meneios, e logo as chamou com o sôfrego desejo tanto tempo contido, e por tôda a noite longa, enquanto soavam as músicas voluptuosas e os escansões serviam os vinhos em crateras e as bailarinas faziam os mais difíceis e graciosos passos, gozou exaltadamente a delícia do amor.

Recolhendo à câmara — já as cotovias ensaiavam o canto — viu o seu leito, de macia cócedra, forrado a seda, ladeado por dois grifos de olhos de carbúnculo.

Deitou-se, mas o sono fugia-lhe. Lembrou-se, então, dos dias de fome, das noites de frio, das injúrias dos homens, do desprezo das mulheres.

Insone levantou-se, abriu largamente uma das grandes janelas e, à pálida luz da manhã que nascia, sentindo o aroma dos jardins, pareceu-lhe que, ao longe, muito longe, havia um palácio maior e mais rico, com mais ouro, jardins mais vastos e mais floridos, pomares

(CONTINUA NA PAGINA 55) .





Aí está uma legítima sereia... E' Anne Jeffreys, da RKO, que exhibe um traje (?) vampiresco feito em renda; a rede e franjas negras. Naturalmente, sob a renda há uma sombra de seda cor de carne... Nos cabelos um cacho de uvas. Muito sugestivo, não acham?



Rita Hayworth, da Columbia, ostenta aqui uma belíssima estilização de uma grande dama do século passado. O vestido é curto, coberto de lantejoulas vermelhas. Penas de avestruz formam a gola e mangas. Saia de baixo em tule, com babadinhos bem franzidos. Grande chapéu de veludo com pluma branca.

Fantásticas ^{PARA O} Carnaval

Uma interessante "cow-girl" é apresentada por Virginia Mayo. Saia-calça em antilope negro, franja de couro em côr diferente e blusa de algodão xadrez. Próprio para os bailes — e também para o corso... quando havia corso... Um grupo de "cow-girls, desse estilo, acaba promovendo uma legítima revolução... Mesmo sem máscara...





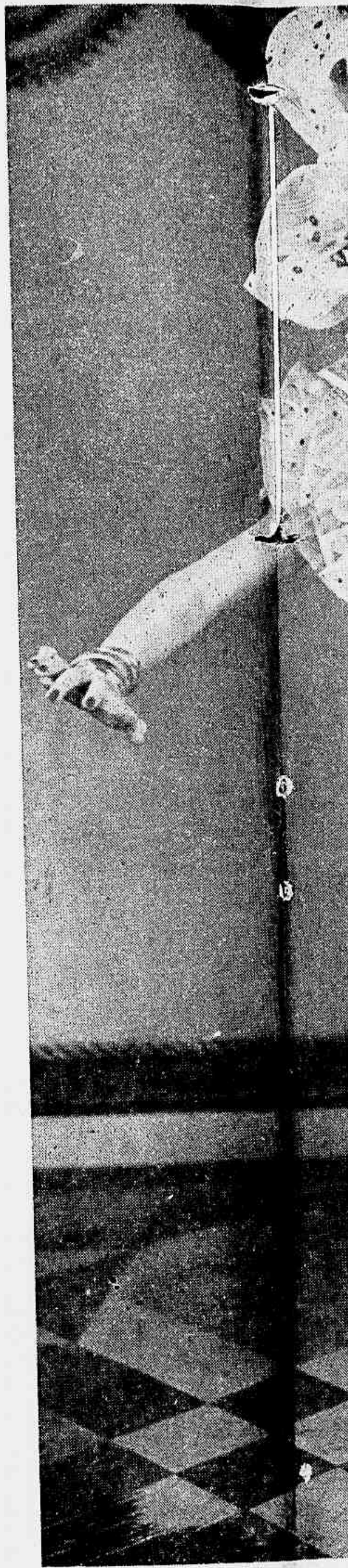
Um granadeiro 1945. Este é apresentado por Anne Jeffreys. Corpete e saíote de selim branco com aplicações de lantejoulas de diversas cores. Penas de avestruz nas barras do saíote. Um florete simbolizando as disposições da jovem e graciosa granadeira. Sapatos de alças com enfeites do mesmo tecido do corpete — e um sorriso bregeiro...

Pele-Vermelha em combinação com um modelo de hawaiana. Dorothy Lamour oferece à leitora folhona, com uma de suas sugestivas atitudes, um aspecto geral. Desta vez o sarong de miss Lamour cedeu o lugar à indígena, realçada por um vistoso toucado de penas longas, cobrindo-a, na parte de trás, até os pés. E' o muito efeito.



Uma tirolesa bizarra e extravagante, esta que Rita Hayworth mostrou em um recente filme e que servirá de inspiração para a leitora confeccionar uma fantasia interessante, em cores vistosas. Corpete bem ajustado na cintura, saia rodada, belina estilo polaina e chapéuzinho de plumas berrantes, prevalecendo os tons vermelho, amarelo e azul.





Pa

Ao lado, à esquerda: — Viva o México! E com um si
pado, uma pequena manta e um "sombbrero" de ibas
arranjou uma fantasia original e... refr
Também à esquerda, ao alto: — Era assim que as m
bustos e cintras que mereciam poemas... Jane Hale
tíssimo traje de época, sendo o colete em veludo br
em organza, também branca. A "saia de baixo". L
renda branca. Aplicações de flôres de velu
na blusa, punhos e sola.



ra os bailes

E com um simples "maillot" estam-
 "ro" de ibas largas, Evelyn Ankers
 al e... refrescante...

im que as nossas avós conseguiam
 ... Jane Hale apresenta um elegan-
 m veludo branco e a blusa e saia
 do bato", bastante armada, é de
 ções de veludo e pedrarias
 os e seia.

Em cima, ao centro: — Chinita, dançarina e cantora, atualmente fazendo
 grande sucesso em Hollywood, oferece às leitoras essa graciosa
 "rumba", feita em organdi branco salpicado de lantejoulas.
 À direita: — Modelo Miss América, muito apropriado para estes dias de
 confraternização inter-continental. Casaquinho e saia, presos, em seda, o
 primeiro nas cores da bandeira norte-americana. Capacete estilo granadeiro,
 com plumas vermelhas e amarelas. Próprio para bailes de gala. Com estes
 e outros figurinos cinematográficos, muito próprios para o Carnaval, distri-
 buídos pelas demais páginas da presente edição, estamos dando às leitoras
 excelentes motivos para a confecção de suas fantasias.





1 Jacqueline, uma pequena sabidinha e maneirada, vai procurar o padrinho. Deseja um emprego, mas só lhe interessa uma colocação vantajosa, onde não seja preciso fazer muita força, contando para isso com seus dois lindos olhos e um sorriso feiticeiro e provocante.

Substituindo no Teatro Glória a companhia de comédias Jaime Costa, ali se encontra outro elenco, dirigido por Alma Flora e Salú de Carvalho, cuja estréia teve lugar com a peça "Mulher para inglês ver", original de Croisset e Gresoc, em tradução de Renato Alvim e Bandeira Duarte. Damos nestas páginas um resumo fotográfico da peça, que teve os seguintes intérpretes:

Jacqueline	Alma Flora
Bianaimé	Salú de Carvalho
Mme. du Moulin . .	Aimée
Barão de Gardannes	Mario Salaberry
Empregada	Mary May
Criados	Luiz Cataldo e
	Joracy de Oliveira

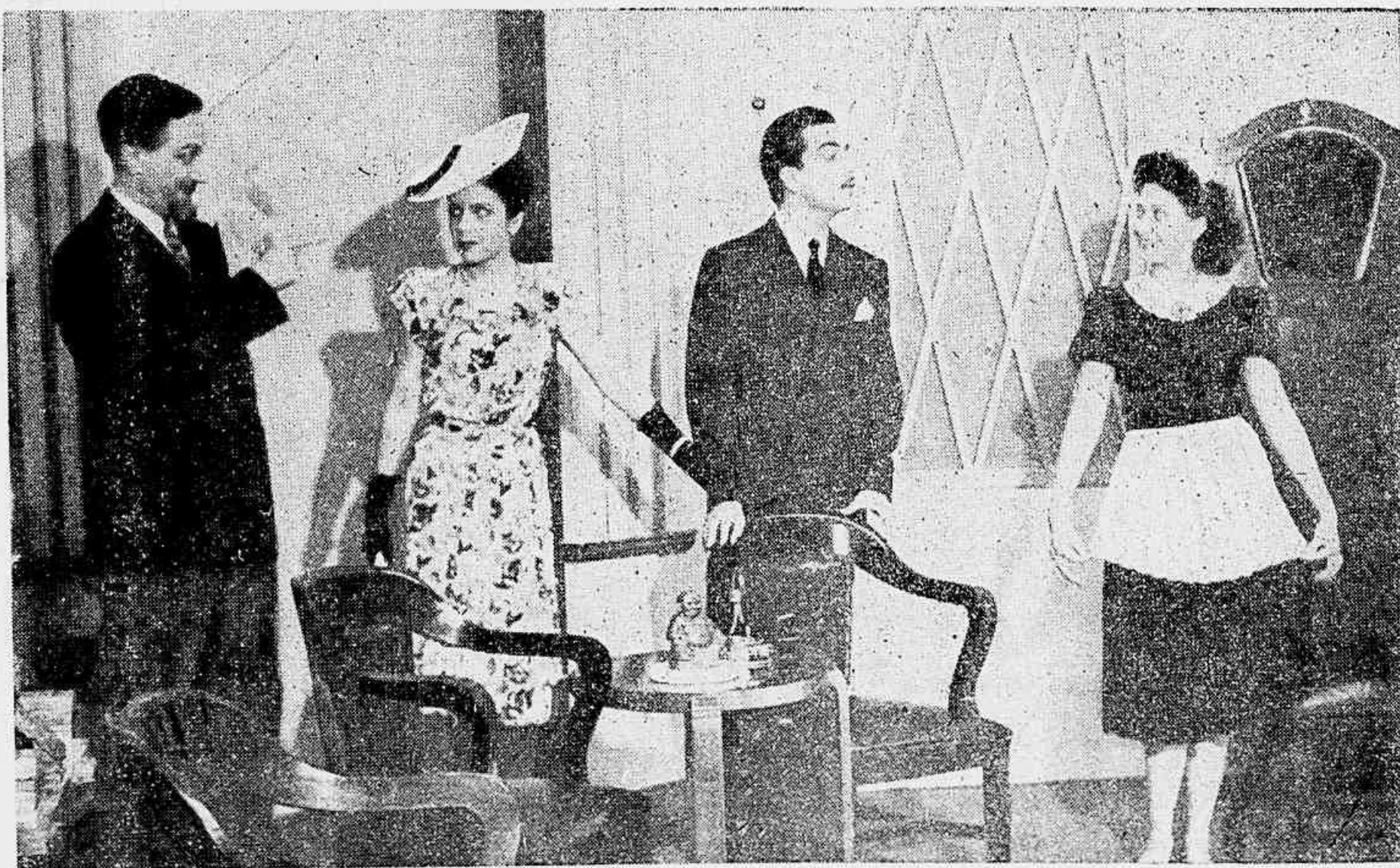
MULHER PARA INGLÊS VER



2 O padrinho não sabe, ao certo, como satisfazer o pedido da moça, mas enfim promete fazer o que mais estiver ao seu alcance. A criadinha da casa indica a Jacqueline o quarto dos hóspedes, onde ela vai aguardar os acontecimentos, longe de prever o que sucederia logo após.



3 Acontece que Madame du Moulin quer divorciar-se para contrair nupcias com o Barão de Gardannes. Vão, os dois pombinhos, recorrer ao advogado Bianaimé, justamente o padrinho de Jacqueline. E no gabinete do velho homem de leis eles trocam juras de fidelidade eterna.



4 E' precisa, porém, uma esposa de encomenda. Tipo do "truc" de que vai lançar mão o advogado, lembrando-se da atilhada. E enquanto se espera a resposta de Jacqueline o casal enamorado vai esperar em uma sala contígua. Jacqueline será o tipo da esposa "para inglês ver".



5 Jacqueline escuta a proposta do padrinho, que lhe explica, em pormenores, a situação do casal. Ela será um "instrumento", precisando apenas de sofrer uma ligeira modificação no seu tipo, afim de abrandar os ciúmes exageradíssimos de madame du Moulin... Ficar feia...



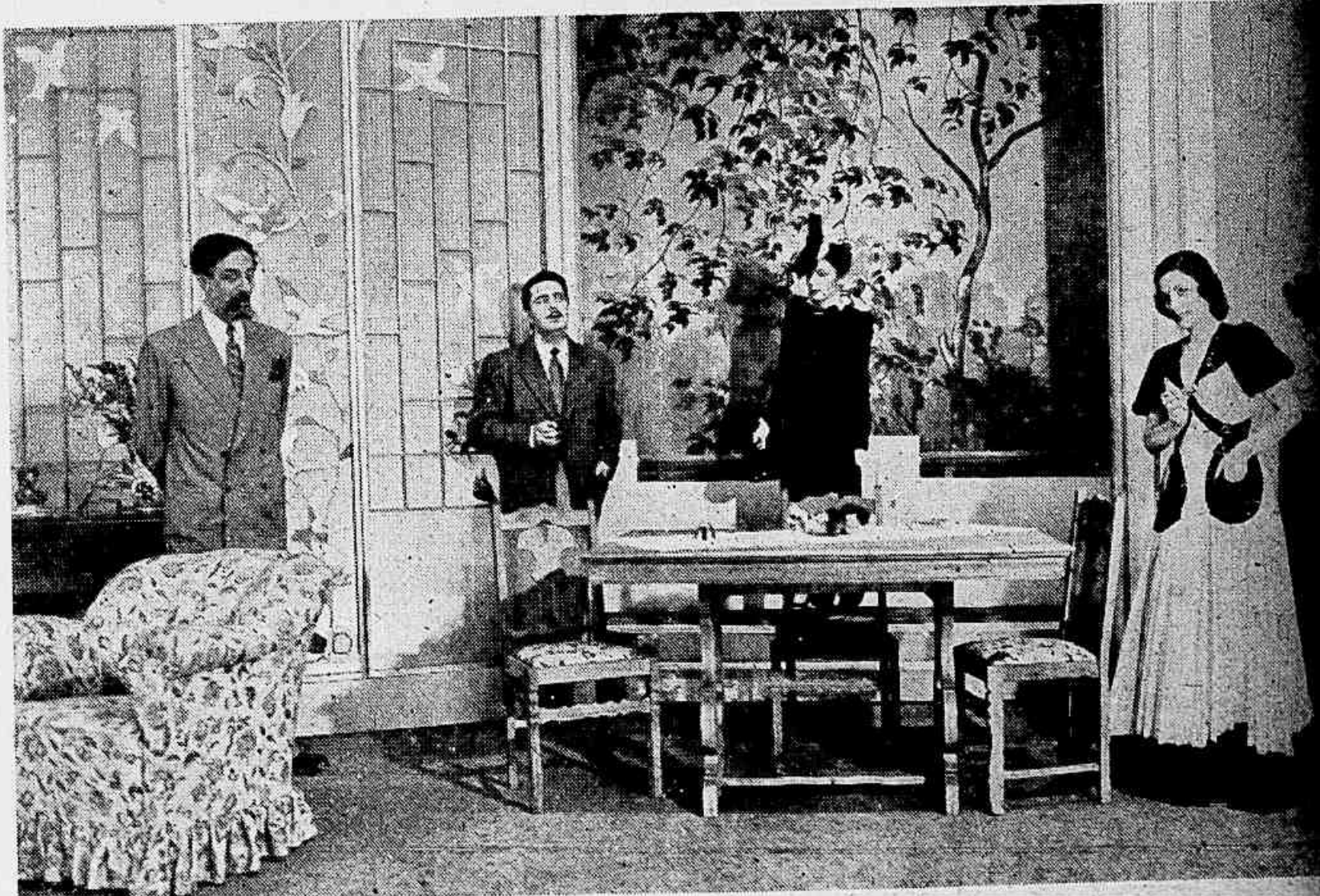
6 E Jacqueline transforma-se na provinciana ridícula, quase medonha, o que muito satisfaz a madame du Moulin. Põe óculos, caminha desajeitada, torce e retorce o lenço entre as mãos e dá a idéia exata de uma pequena palerma, sem jeito, mesmo idiota...



7 Parece que Jacqueline exagerou. Quando a vê, o barão de Gardannes quase desanima em seu propósito. O que? Ter de fingir uma séria paixão por aquela estafermo? Será exigir de mais, francamente... Enfim, como será preciso um sacrifício por amor a madame du Moulin, vá lá... Ele fecha os olhos e dispõe-se a tudo...



8 Um ano se passou e o barão vai em busca de Bianaimé, afim de pôr termo de uma vez àquela situação de homem casado com uma mulher a quem não ama, vivendo ocultamente com outra. Mas... que surpresa! Em lugar daquela provinciana grotesca encontra uma Jacqueline diferente, bela, que o convida a jantar... E que belo jantar!



9 No melhor da festa são interrompidos por madame du Moulin que, dando largas ao seu ciúme doentio, não aceita explicações e desacata o pobre rapaz. Sim, senhores! Então a feiosa de outros tempos transformou-se naquela pequena elegante! E "fecha o tempo", enquanto Jacqueline, de lado, começa a divertir-se com a situação...



10

E começa a acontecer o inevitável. Nada mais impedirá que a simpatia do barão por Jacqueline siga o seu rumo natural... E, apesar dos pezo- res, a garota vai aderindo aos poucos... Os criados vigiam-nos e, em dado momento, assistem a êste espetáculo. Um belo furtivo e apaixonado! Pobre madame du Moulin! Era uma vez...



11

Quando madame du Moulin descobre a situação, perde os sentidos. E passa a desmaiar de cinco em cinco minutos, não deixando em paz o velho advogado, que nada tem com o caso. O barão tenta escapar, disposto a não voltar para os braços daquela impertinente senhora... E os criados continuam "gozando" a brincadeira em grande estilo.



12

Vendo que naquele lugar não podem encontrar paz e sossego, sempre perseguidos pela ciumenta, Jacqueline e o barão resolvem fugir. E fogem mesmo... Quanto ao casamento, não é preciso pensar em tal coisa, pois, embora por fingimento, ambos já se uniram pelo matrimônio... Ah, mas agora é que ela acaba ganhando a aliança... E está feliz, pois realizou seu sonho: casar com um homem bonito... e rico!

Estava tudo preparado. Meia luz, flores, ambiente perfumado... Ele faria ou não o pedido?

HARRISON olhou em torno e sorriu. Compreendera. Que ingenuidade! Acreditavam-no, então, suficientemente tolo para...? Era, na verdade, ridículo. Ridículo e, até certo ponto, constituía um insulto. Um insulto à sua inteligência. Arejada nos descampados do interior, ela ganhara agilidade em vez de petrificar-se na curleza de vistas proverbial dos provincianos. "Esquecem-se de que eu sou raposa velha", pensou ele. Violeta não percebeu o sorriso do seu par. Muito pelo contrário: acreditava que tudo estava correndo às mil maravilhas. E, por isso mesmo, não estava satisfeita. Não lhe agradava a idéia de casar com ele. E isso, por mais paradoxal que possa parecer, era devido ao amor que lhe dedicava. Mas é melhor explicar que não era, sem dúvida, a idéia do casamento que a assustava, mas a maneira, o meio de obter o famoso pedido. Não esquecera nem um dos conselhos das irmãs, da mãe, que tinha revelado tesouros de astúcia e insuspeitada experiência na arte de provocar uma declaração. Gestos, até mesmo palavras tinham sido previstas. Havia fornecido uma série de frases que serviriam para provocar a declaração.

— Bela estatueta, disse Harrison examinando uma estatueta que havia sobre a mesinha.

— E' de Rodin...

— Deve ter custado caro...

— Mamãe não olha as despesas...

Houve uma pausa de constrangimento. Finalmente Harrison disse:

— Muito bem arranjado...

Ela levantou os olhos:

— Não compreendo...

— Muito bem arranjado mas não deu resultado.

— Confesso que não sei de que se trata.

— Falo dos preparativos para a entrevista.

— Que entrevista?

— A nossa... a minha...

— O que?

— Não é verdade que esses preparativos foram feitos para que, sob a sugestão velada do ambiente, eu sucumbisse aos seus... encantos?

— Oh!

— Vamos, diga: não é verdade que prepararam tudo isso para que a senhorita conseguisse de mim uma declaração?

Ela voltou-se de repente:

— Como ousa? Como ousa dizer uma coisa dessas?

— Ora, senhorita, não vamos fingir... Façamos claramente.

— Oh!

— E de nada serve esse "oh!" ofendido. Sou um homem rico. Todos sabem disso. Sou, também, um homem rude. Isso também não passou despercebido às damas dessa seleta sociedade. Porém quando um pobre é rude, é rude mesmo; mas um rico que é rude, não é mal educado: é excêntrico... Por isso tratam-me bem. E armam-me um laço...

— Armam-lhe um laço?

— Sim. E a expressão não podia ser mais precisa: armadilha para pegar a fera...

— Oh!

— Vamos, diga: não é essa a verdade?

— Eu não sei nada disso! Acho que o senhor é um pretensioso. Quem foi que lhe sugeriu que eu quero que me peça em casamento? Lembre-se de que vimos até aqui por sugestão sua.

— Sugestão minha? Eu não sou suficientemente incorreto para não fazer o que é esperado de mim. Sim, porque insinuações não faltavam. Sua mãe me disse umas dez vezes: "Está calor aqui, não é?". E depois: "Esse barulho me fatiga tanto! Dá-me sempre dor de cabeça. Um homem do campo como o senhor, mr. Crockstead, não deve sentir-se muito bem num ambiente destes. Prefere o silêncio, a calma, não é verdade?" E, sem esperar resposta: "Jean arranja sempre um salão, um salãozinho para aqueles que não gostam do ruído... Já estive lá?" Confessei que não tinha estado e ela me assegurou que era um salãozinho muito simpático... De fato, tudo muito bem arranjado. Com certeza uma de suas irmãs está postada à porta agora, esperando, ansiosa, o resultado. E também com a tarefa de não deixar ninguém entrar aqui. Amanhã aparecerá nos jornais um anúncio: "Anuncia-se o noivado de Lady Violeta Gray com o sr. Harrison Crockstead". Depois de alguns comentários genealógicos teremos, com certeza, um pequeno parágrafo chamando casamento por amor a essa transação comercial.

— Oh! Isso é de mais. Eu não estou disposta a ser insultada de todas as maneiras...

— Ao contrário! Ouvirá tudo o que tenho a dizer, porque na verdade eu tenho o direito de dizer...

— Faça o favor de sair da frente dessa porta. Eu quero retirar-me!

— O que! Sem o cobiçado anel? Que desapontamento para sua família! Então a alegria de ter conseguido o almejado não lhe dá um pouco de paciência para ouvir as rabugices do homem mal educado? Como será quando nos casarmos?

— Nunca aceitarei seu pedido.

— Realmente? Nesse caso, eu acho que vai ter uma vida muito desagradável, com todos em casa censurando sua atitude. Não esqueça que eu assumirei o ar patético do enamorado e direi a todos que recusou-me...

— Isso é de mais!

— Lady Violeta, por favor, não se repita! Já disse isso uma vez! Não encontra outra forma para dizer que eu lhe causo repugnância?

— Pela primeira vez ela encarou-o.

(Continua na pág. 42).

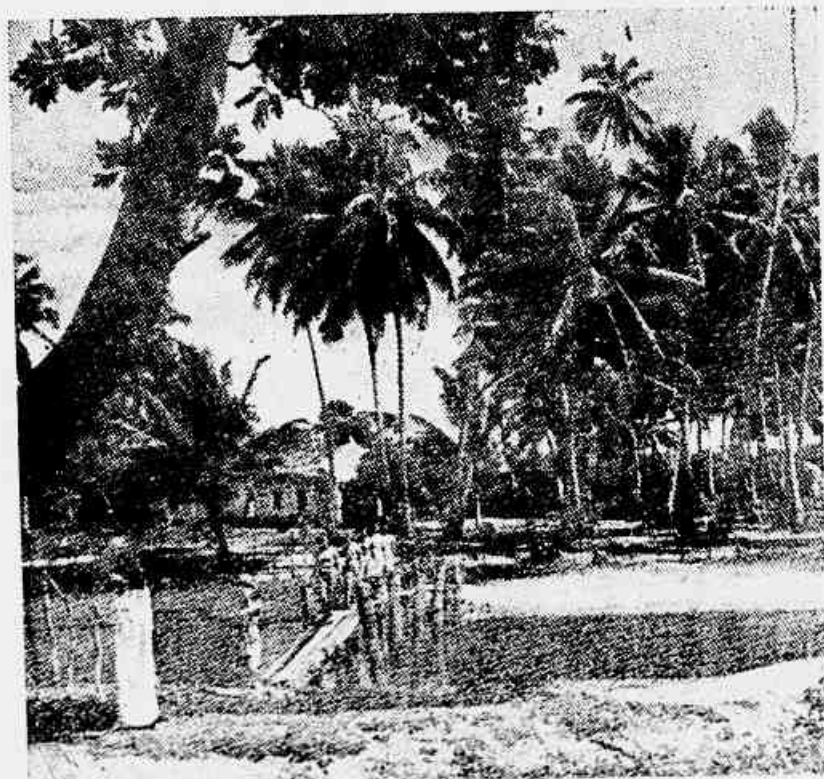


Um conto de A. SUTRO

ANÚNCIA-SE O NOIVADO...



São famosas as praias do Norte, como famosas são as do Sul. Onde existam praias, no Brasil, por força devem revestir-se de excepcionais encantos, onde o clima tropical se evidencia e transparece nos menores detalhes. As praias da Bahia têm a nota inconfundível dos coqueiros, das palmeiras e do céu "que não existe outro igual", na frase do poeta. Claro que os coqueiros, as palmeiras e o céu inigualável aparecem nas outras praias do Norte e do Sul... Mas o segredo está em ver tudo isso com os olhos do coração — permitam-nos a imagem vulgar, neste caso absolutamente integrada. Esses pedaços maravilhosos do Brasil, que nos mostra a gravura, existem. Não é cenário de teatro nem fantasia de algum caprichoso pintor. A gravura



interior mostra um flagrante feito em Itaparica, ilha próxima do Salvador da Bahia, na praia do Mar Grande, e lá surge, ao fundo, uma nesga de céu com ligeiras nuvens pardacentas disfarçadas e ocultas pelo tronco da árvore maior. Ao alto outra ponta de rio, e mais coqueiros, além da clássica fôlha de palmeira... A casa branca, situada num recanto poético, destoa do conjunto mas faz parte integrante do quadro. Lindas e românticas palmeiras, espalmadas, graciosas, por sobre o panorama e refletindo-se nas águas do riacho. Panoramas característicos da Bahia, que fazem a sensação dos turistas, em bando, colhendo novos aspectos, de máquina em punho, para guardar recordações, mais tarde, no álbum de viagem da família...

COISAS DO

BRASIL

A BAHIA EM HOLLYWOOD

O desenho animado em conexão com o filme comum, posado por artistas de carne e osso, foi uma experiência muito bem sucedida que Walt Disney agora levou a efeito. No original chama-se "The Three Caballeros", e em nosso idioma "Você já foi à Bahia?". Aurora Miranda tem a sua grande oportunidade nesse filme, como se vê na gravura abaixo. A irmã de Carmen requebra um samba em companhia do Zé Carioca. Na silhueta, Aluisio, que foi do Bando da Lua e hoje, casado com uma americana do norte, se encontra no Rio. Observem os detalhes tipicamente brasileiros, ao fundo.





Zé Carioca está sendo desbancado pelo Pato Donald, na conquista do sorriso faceiro de Aurora. E procura desviar o concorrente da arena, tudo isso ao som da "Baixa do Sapateiro", do mestre Ari Barroso, e outras composições populares do autor de

"Aquarela do Brasil".

Nas areias de Copacabana o Pato Donald, que em dois tempos se aclimatou, brinca — como todos nós fazemos — de esconder-se, para melhor despertar a curiosidade das garotas. E o colorido de Walt Disney vai enriquecendo esse panorama, com lindos efeitos e matizes.

Dizem que a irmã de Carmen tem a sua "chance" definitiva nesta película. Aqui a vemos suportando as doidices do Pato Donald. Onde estará se ocultando Zé Carioca? Aurora canta e o Pato fica todo enlevado. Na hora do estribilho Donald também canta — e ganha um beijo!



No ano de 1926 o primeiro filme com música sincronizada aparecia nas telas de Nova York. A Orquestra Filarmônica de Nova York havia gravado a partitura de "Don Juan", o luxuoso filme de John Barrymore. No ano seguinte Al Jolson surgia numa sequência dialogada e, a seguir, cantava "Blue Skies" em "O Cantor do Jazz", trabalho que marcou época na história do cinema. E' que o cinema falava pela primeira vez. Em 1928 aparecia em todos os cinemas da América o primeiro filme todo musicado, falado e cantado. Chamava-se "Luzes de Nova York" e tinha no seu elenco os nomes de Cullen Lendis e Eugene Palette. O falado marcava o primeiro tento contra o silencioso. Desde aquela data o cinema nunca mais deixou de usar a voz que descobrira.

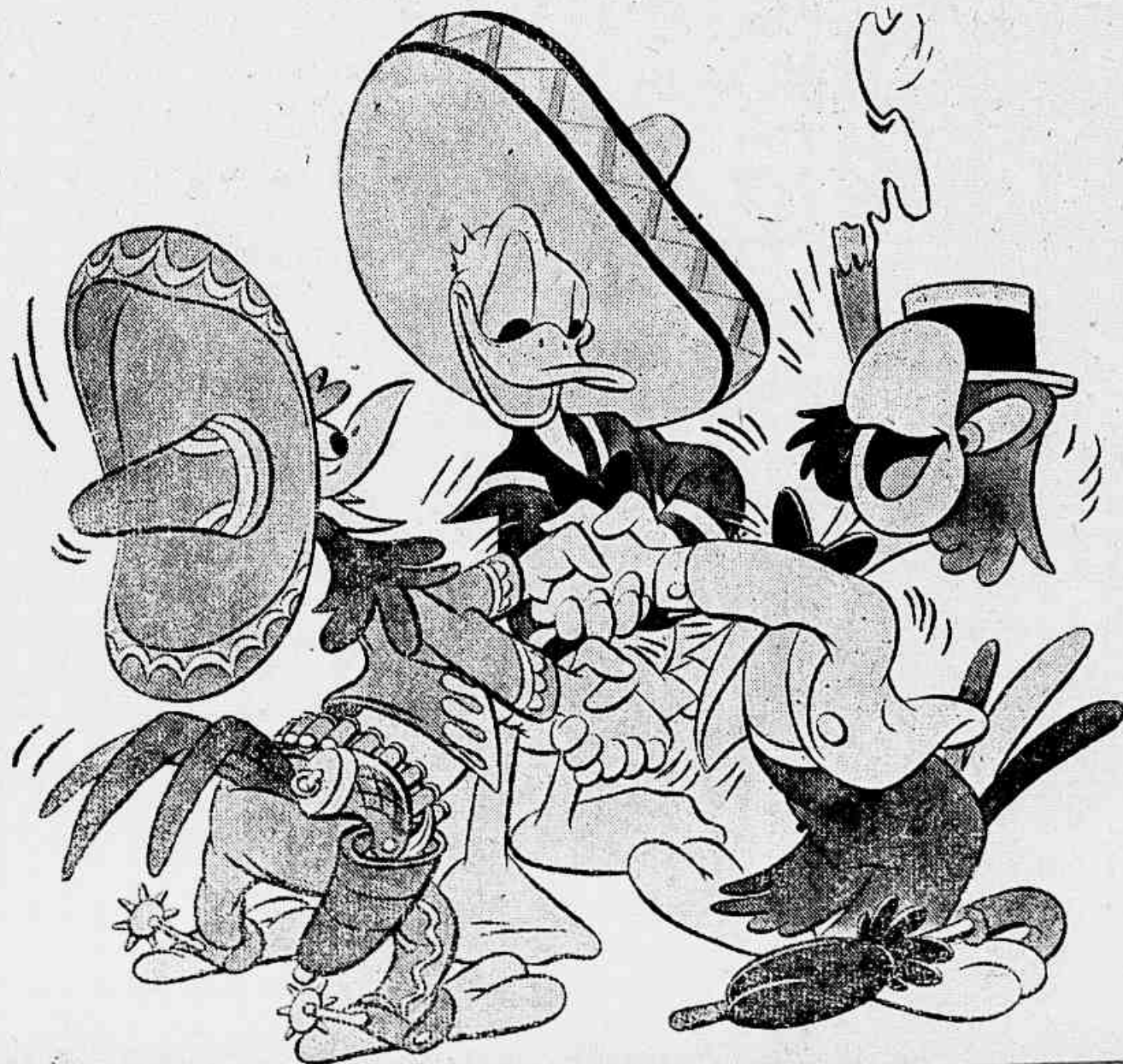
Hollywood enfrentava uma revolução. A indústria sofria a sua primeira grande, definitiva e extraordinária transformação. Em breve todos os estúdios adotavam o novo método, a técnica diferente que vinha revolucionar uma arte, que por mais de trinta anos havia dominado as platéias mundiais. Hoje, porém, Hollywood está apreciando novo movimento revolucionário — a combinação do desenho animado com artistas de carne e osso. Essa a nova técnica experimentada por Walt Disney em "Você já foi à Bahia?", onde reúne, de modo admirável, nas mesmas cenas, os personagens do animado — Zé Carioca e o Pato Donald inclusive — com Aurora Miranda. A ilusão criada é perfeita. O público vê Aurora pelas ruas da Bahia... Ao lado do Pato e do nosso impagável Papagaio ela dança e canta. Quando Aurora se faz ouvir em "Os Quindins de Yaya", o Pato responde-lhe com o estribilho. No mesmo instante, na mesma cena em que Aurora dança, Donald e o Zé Carioca caem num samba perfeito. Num dos segundos mais espantosos desse filme Aurora dá um beijo no Pato...

Dizem que "Você já foi à Bahia?", cuja exibição especial se fez para a Imprensa, dias atrás, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, será o comentário maior deste ano cinematográfico. Nas sequências dedicadas ao México o filme apresenta também duas lindas artistas mexicanas, Carmen Molina e Dora Luz, descobertas por Disney quando visitou a capital do país amigo, há um ano. Carmen Molina dança bailes típicos de seu país, e Dora Luz canta com uma voz maviosa e sedutora. E a música brasileira comparece brilhantemente, com a colaboração de Ari Barroso. Lá vamos ver e ouvir "Na Baixa do Sapateiro", "Os Quindins de Yaya", "Flauta e Pandeiro" e a música que dá título ao filme. Ari Barroso fala no filme, contando a história de um pobre pingüim friorento que vivia no Polo Sul e cujo sonho dourado era passar o resto da vida numa ilha de sol nos trópicos. Sua atuação como locutor humorista dizem que é outro atributo de sucesso nessa filmagem, tão inteligentemente imaginada pelo realizador dos mais famosos desenhos animados.

O argumento do filme é inspirado na camaradagem do Pato, o Papagaio e o Galo, que vivem metidos em aventuras impagáveis, dando uma nota muito alegre e humorística à história. Esses três personagens são ligados por um espírito de fraternidade e camaradagem, que faz lembrar os Três Mosqueteiros. Mas a camaradagem cessa quando aparece em cena uma linda garota. Nesse momento é um "salve-se quem puder!" dos diabos, e cada qual toma posição para dar o assalto em belo estilo, assestando as baterias e mandando, até, possantes bombas voadoras, não V-2, mas... V...8, diretas ao coração das lindas baianas.

O público, mais tarde, é quem dará o julgamento supremo a essa experiência de Walt Disney... E nestas páginas encontrará o leitor, em primeira mão, uma série de sugestivas fotos de "Você já foi à Bahia?".

A política de boa vizinhança está habilidosa e cultivada nesta nova fase de trabalhos que Walt Disney vem produzindo. Zé Carioca é um personagem de homenagem ao Brasil, e seu novo parceiro em aventuras, vamos conhecer agora, Panchito, herói mexicano, destemido e brigão... Ambos, com o Pato Donald, foram à Bahia — e saiu fogo!



Uma coleção notável de pequenas, cada qual mais bonita e tódas obedecendo a seleção de tipos sul-americanos, foi contratada para a filmagem de "Você já foi à Bahia?", e os clássicos guarda-sois de Copacabana aparecem também. Panchito, Zé Carioca e Donald fazem a corte às garotas. Começa a rivalidade. Zé Carioca não perde para ninguém...





Como sempre acontece, o Pato é quem leva a pior na competição amorosa dos três heróis. Qualquer coisa de muito divertido sucedeu para Zé Carioca se "desmilinguir", de charuto na boca e apoiado ao seu inseparável guarda-chuva, rindo a mais não poder... Enquanto Donald, coitado, nessa situação ultra-crítica, parece dizer: — "Que espêto!"



— "Pisa, baiana! Maltrata o meu coração, morena dengosa! Me chama de teu xodó, coisa ruim!" E os três conquistadores caem no samba, acompanhando Aurora Miranda no seu requadrado...

Aurora Miranda e Aluizio, que foi do Bando da Lua, simulam um romance em terras baianas. Zé Carioca, de violão em punho, deve estar cantando "Na Baixa do Sapateiro", ou coisa parecida...



— "Alô, macacada!" A frase foi lançada pelo rádio, anos atrás, pela irmã de Aurora. E fez escândalo... Agora, Zé Carioca saúda os "meus povos e minhas povas", com a saudação em grande estilo.



A intriga armada entre Aurora e os três protagonistas vai seguindo seu curso natural. Mister Donald foi à Bahia e gostou das baianas. Pudera! A mulatinha faceira, de cabelo retorcido e boquinha rasgada, de olhos provocantes e sorriso levado, é mesmo uma tentação. No fundo vão passando os painéis com aspectos e tipos da terra do Salvador.

— “Oi, qui bom! Qui bom! Xxx... qui bom! Oi...” — E a turma vai requebrando daquele jeito. A baiana gostosa, pisando de mansinho com o salto da sandália, deixa longe o toc-toc das sapateadoras... Zé Carioca, mestre na malandragem, serve de professor. Mas os dois alunos prontamente competem com o parceiro. E a turma samba. — “Oi, qui bom! Qui bom!”



Coitado de mister Donald! Quem o mandou brincar com as garotas da praia brasileira? Elas de tudo improvisam uma peteca, e foi peteca a valer o que acabou sileira? Elas de tudo improvisam uma peteca, e foi peteca a valer o que acabou sileira? Como se vê, a combinação das sendo o velho companheiro de Mickey Mouse. Como se vê, a combinação das figuras animadas com o desenho é outra maravilha que a arte do incomparável Disney agora nos dá a conhecer

E tudo é bom quando acaba bem. Assim vale a pena conhecer a Bahia, dizem Panchito e mister Donald enquanto Zé Carioca, posando para a imortalidade com o seu inseparável “bagana”, continua “do abafa”. As garotas acabam reconciliando-se com Donald e, aparentemente, uma das mais graciosas tomou-se de amor pelo Pato. Bicho de sorte!



Será esta a nossa Rosinha?



ACABARAM-SE os pitos — acabaram-se as manchas! Agora, Rosinha escova os dentes após tôdas as refeições, porque *gosta!* E isso porque usa o Creme Dental Squibb. Seu sabor é delicioso — e no momento em que lhe toca a língua, uma admirável sensação de frescor lhe inunda a bôca! Mas a segurança e a confiança que o Creme Dental Squibb infunde são mais importantes ainda. Este excelente dentífrico não contém adstringentes nem substâncias ásperas — e não pode de modo algum estragar o esmalte ou irritar as gengivas.

Faça com que a dieta de sua filha contenha as necessárias vitaminas e minerais e o alimento sólido que força os dentes e as gengivas a se exercitarem. Leve-a duas vezes ao ano ao dentista, para exame. Faça-a escovar os dentes pelo menos duas vezes por dia e sempre antes de deitar-se, com o puríssimo Creme Dental Squibb. Siga estas instruções tão simples e não há de errar.



PROCURE O SÊLO DA CASA SQUIBB... PORQUE SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

Anuncia-se o noivado...

(Continuação da pág. 35)

— Vejo que o senhor não passa de um homem com um complexo de inferioridade!

— Melhorou. Afinal, pelo menos este é novo. Mas, francamente, eu não creio que tenha razão.

— Não adianta fingir indiferença. E' a verdade. O senhor é um tímido e tem um complexo de inferioridade, o que explica sua atitude agressiva, como que querendo compensar a timidez e a insegurança com a insolência...

— Mas...

— Não é esta a hora de dizer as coisas desagradáveis?

— Confesso que me agrada, pelo menos a sua confissão...

— Adiantava negar?

— Não.

— Nesses casos...

— Confesso que a sinceridade me agrada mais que o fingimento.

— Prefere continuar nesse tom a conversa?

— Sim. E quero o resto do diagnóstico.

— Já lhe disse o que pensava.

— Sabe de uma coisa?

— Não me disse, como posso saber?

— Eu não sou rico...

— Que?!

— E' tudo fraude... mentira...

— Oh!

— Juro!

— Mas, então...

— E' tudo mentira...

— E...

— Um momento. Agora quero fazer-lhe a pergunta: quer casar comigo?

— Sim.

— Como? Mas...

— Disse que sim.

— Mesmo pobre?

— Mesmo pobre.

— Graças a Deus! Confesso que foi um estratagema essa novidade. Um estratagema para saber se na verdade me amava...

Ela riu:

— Eu sei...

— Como?

— Sabia que era um estratagema. Mas casaria com você de qualquer maneira, creia.

Ele olhou-a, indeciso. Seu ar era de dúvida.

— Sabe o que fez? Agora eu nunca terei certeza...

— Há um meio muito simples...

— Qual?

Jogue fora a fortuna e vamos viver pobremente.

Ele pensou um pouco e depois disse:

— Bem, não é preciso.

Ela deu uma gargalhada e disse:

— Minha atitude agora convenceu-o?

— Completamente.

— Nesse caso fique sabendo que eu estava certa de que recusaria a sugestão!

— Oh!

— Agora é você que está dizendo "oh!", Harrison querido...



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Todos tinham álibi...

(Continuação da pag. 17)

seu lado. Poirot então saiu do seu esconderijo e ajeitou a roupa, que se amassara um pouco.

— Amanhã cedo investigarei esse caso! Dizendo isso foi deitar-se.

Hastings estava excitado como um colegial em férias.

— Não adianta fingir que não está interessado, Poirot. Eu o conheço!

— Mon ami, eu já lhe disse que de nada serve usar esse método comigo. Se tem uma novidade, conte-a. Se não quer contá-la, não conte. Mas não fique pulando para um lado e para outro com esse ar de menino travesso a dizer "se você soubesse"...

— Poirot, qual é seu maior desejo?

— Aposentar-me!

— E que é que me prometeu quando veio para cá?

— Passar umas férias agradáveis...

— Não. Outra coisa...

— Ah, sim! Que tomaria mais um caso antes de abandonar definitivamente a profissão.

— Poirot, meu amigo, você tem seu caso pronto, esperando que a massa cinzenta funcione para descobrir o criminoso...

Um terrível pressentimento assustou Poirot. A conversa que surpreendera na véspera...

— Não me diga que um crime foi cometido aqui!

— Exatamente: hoje, às oito horas da manhã, foi descoberto o corpo de... de... adivinhe...

Poirot deu um suspiro e murmurou:

— De Lucia Leam. Eu sabia que havia de acontecer alguma coisa! Mas não esperava tão cedo...

— Pois olhe que se enganou. Mariana O'Hara foi quem apareceu assassinada hoje pela manhã.

— Mariana?!

Hastings saboreou a sensação que causara. Não era frequentemente que tinha a oportunidade de espantar Poirot.

O comissário da polícia pediu a Poirot que tomasse conta do caso, e ele resolveu imediatamente que começaria com um interrogatório de todas as testemunhas suspeitas. Mandou chamar em primeiro lugar madame Carroll.

— Meu Deus, disse a velha ao entrar, eu nunca pensei que haveria de viver suficientemente para assistir a isso! Ah!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

Poirot designou-lhe uma poltrona e fez a primeira pergunta:

— Que foi, exatamente, que a senhora assistiu?

— Esta manhã, por volta das sete horas, saímos todos...

— Especifique, minha senhora.

— O senhor não ignora que todos os hóspedes da pensão tinham combinado um pique-nique. O senhor alegara cansaço e recusara comparecer. Partimos, portanto, sem o senhor. Éramos seis ao todo. O sr. Leam e a esposa, eu, o sr. Hastings, o sr. Merrom e o sr. O'Hara.

— A vítima não compareceu?

— Ela tinha partido antes. Disse que queria sair antes de todo o mundo para ter tempo de tomar um banho de mar antes de chegarmos. Como sabe, íamos fazer somente um pique-nique na ilha...

— Sei. Prosiga.

— Tomámos o barco. O empregado estava esperando. Tomámos o barco e fomos para a ilha. Ao aproximarmos-nos

vimos o vulto dela deitada na areia. Isso não nos inquietou. Pensámos que estava tomando um banho de sol, mas ao aproximarmos-nos mais, o sr. O'Hara, que ia à frente, deu um grito de repente e correu para junto dela. Corremos também, mas antes que chegássemos lá ele gritou: "Um médico, depressa. Ela está ferida, creio que está morta". Foi uma confusão medonha. Corremos todos para o barco. Ficaram na ilha o sr. O'Hara e o sr. e sra. Leam. Todos os outros tomaram o barco e voltaram à procura de um médico. Quando voltámos vimos o que acontecera. Ela fora apunhalada pelas costas, enquanto dormia...

— Seu nome?

— George Merton. O senhor me conhece, sr. Poirot...

— Agora não conheço ninguém. Numa investigação sou forçado a começar do

princípio sem idéias preconcebidas. Conte-nos o que aconteceu...

— Bem, nós fomos à ilha para o pique-nique...

A história era a mesma de madame Carroll.

Lucia Leam entrou com o marido.

— Madame Leam, diga-me uma coisa — perguntou Poirot — E' verdade que vai se separar de seu marido?

Lucia arregalou os olhos:

— Está claro que não! Quem lhe pôs na cabeça essa idéia?

— Sr. Leam, o senhor não tem a menor intenção de separar-se de sua esposa?

O rapaz fixou o olhar em Poirot, surpreso:

— Não. Como é que pode pensar uma coisa dessas?

Poirot não insistiu.

(Continua na pag. 52)

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Agua de Colônia
Brilhante
Extrato
Loção

O sonho côr de rosa dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO
PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

POEMAS ESCOLHIDOS, de Catullo da Paixão Cearense, organização e anotações de Guimarães Martins — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1944.

Numerosos poetas, prosadores, críticos, intelectuais em geral têm grandemente elogiado o Sr. Catullo da Paixão Cearense; nenhum, porém, tanto quanto ele entende que deve ser. Categoricamente o Sr. Catullo se declara glorificado. E, não lhe bastando os triunfos e consagrações do Brasil nem os do planeta inteiro, ei-lo que se proclama recebendo a homenagem do próprio Deus, Nosso Senhor, cercado de anjos, nos espaços infinitos:

*Zoilos! Parvos Aretinos!
Crilicoides pequeninos!
Passadistas refratários!
Futuristas — legionários
dos maiores desatinos!
Poetas retardatários!
Reis e Príncipes cretinos!...
Vede, pobres cerebrinos,
minha glorificação!*

*Numa dessas noites belas,
toda branca, toda nua,
noite de recordação,
eu ouvi Deus e seus anjos,
em serenata às estrelas,
cantando dentro da lua
o meu "Luar do sertão".*

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

**POEMAS
ESCOLHIDOS**



ZÉLIO VALVERDE
RIO DE JANEIRO

Não importa. Na nossa humilde esfera de critério e dentro da nossa boa vontade continuaremos a considerar o Sr. Catullo um trovador rústico deveras inspirado e ao qual se devem as mais belas e expressivas obras da arte sertaneja de ver-se. Naquilo que se pode cantar ao violão e pode ser composto com a linguagem típica do seu torção natal, nenhum ver-sejador o iguala ou propriamente se lhe aproxima. Os seus rethores imitadores lhe ficam a larga distância. Só na modalidade Desafio, que ele tão insistentemente cultiva, e pelas imagens de arrogância e afronta, se lhe pode comparar a formidável parceria Jararaca-Ratinho. Peças, porém, como a do *Marrueiro* ou a *Terra caída* bastam para fazer dum violão do Nordeste um verdadeiro poeta. Tal vez esta qualificação, por deficiente, não agrade ao Sr. Catullo. E, porém, a maior homenagem que lhe podemos prestar ou que, parece-nos, lhe poderá ser prestada — neste mundo.

O Sr. Guimarães Martins realizou no presente volume uma tarefa deveras inteligente e louvável, de escolha e compilação. Em rápidas notas explicativas se justifica ele de haver preferido certas páginas a outras igualmente ou ainda mais populares, assim como de ter tomado de algumas criações famosas apenas trechos que lhe pareceram bastante para se fazer, por eles, boa idéia do conjunto. Toda gente lhe dará razão. E, em verdade, o Sr. Guimarães Martins presta com este livro real serviço, não apenas ao trovador seu grande amigo, mas ao folclore brasileiro.

Livros

TERRA DA GENTE, versos de Osório Dutra, com prefácio de Afrânio Peixoto — Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1944.

E' este o livro mais brasileiro do Sr. Osório Dutra. Ou antes: o seu livro inteiro exclusivamente brasileiro.

Em todas as páginas de *Terra da gente* o poeta adora e louva a pátria incomparável. Como nunca lhe sente a grandeza, a formosura, a riqueza, o esplendor, a glória, porque a tudo isso se junta agora a magia da saudade. E' no estrangeiro, na Europa a escurar sangue por entre ruínas, num Oriente sem fausto nem amores nem lendas nem poesia que ele compõe estes cânticos devotos. Ao seu redor estoura, fumaça, clamam e gemem os horrores da guerra. Em certos dias e hora mesma de seu amor desterrado, não sabe ele se laudas que esperam os transportes e exaltações do seu amor desterrado, não sabe ele se lhe resta a nítida minutos de vida, porque a fúria dos bombardeios se desencadeia sobre a cidade e ao redor daquela mesa de trabalho ruem palácios, vêm abaixo quarteirões. E é porventura em tais momentos que mais se eleva a sua inspiração e os versos lhe correm mais inpetuosos.

Durante a ausência que o aflige, o Sr. Osório Dutra se lembra do Brasil com uma limpidez veemente, uma prodigiosa multiplicidade de aspectos, cambiantes, minúcias que de certo, assim, juntos, pela primeira vez lhe ocorrem. Dentro duma destas poesias o Brasil se mostra de mil maneiras sublimes ou enlevadoras. São os pensamentos as emoções duma vida inteira que se condensam, deitando-se, retratando-se em algumas estrofes. E como podem os vários júbilos e as melancolias duma existência, o sentimento e a plástica dos versos se transformam, segundo os dias, á mercê das recordações. A tão grande distância, o poeta está realmente vivendo no Brasil. Tem-no diante dos olhos, ao alcance dos dedos, junto ao coração. Agora o conhece muito melhor do que quando o estudava aplicadamente nas aulas ou o percorria como qualquer turista, bom observador. Por isso o descreve e explica com estas minúcias e esta paixão. Na terceira composição, *O canto do brasileiro*, dá todas as paisagens regionais: todos os tesouros que estão á flor ou dentro da terra, todos os pássaros que cantam sob a maravilha do céu; e todas as espécies de homens e semideuses, desde os gênios da selva primitiva aos heróis das grandes cidades de hoje.

A maior parte das oitenta e duas peças do volume foram trabalhadas em versos brancos e metros vários; de vez em quando, porém, ressurge, triunfa o eterno soneto. E o livro, que se iniciara com uma evocação do passado histórico:

*Terra de Santa Cruz! Terra da gente!
Quis o destino que te descobrissem,
assombrosos de audácia e de coragem,
os navegantes épicos de Sagres!*

... termina no idílio do regresso ao torrão jamais esquecido e na tranquilidade magnífica das árvores tutelares:

*Numa alucinação de perspectivas,
Corri mundos e impérios afastados.
Vi marajás, vi bonzos, vi quedivas,
e a terra dos Xoguns e dos Micados.*

*Em peregrinações contemplativas,
atravessando infernos e ellorados,
fui ao berço das raças primitivas,
revirando mil séculos passados.*

*Farto de sensações e de homenagens,
penso agora, contados os meus passos,
nas jumeas ilusões dessas viagens.*

*E resumo as idéias mais fauceiras
num repouso entre inhumas e sanhaços,
à sombra das florestas brasileiras.*



POEMA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de P. Maciel Bomfim, com prefácio de Afrânio Peixoto — Livraria Zélio Valverde, editora — Rio de Janeiro, 1944.

Já este poema se estende por dois volumes. As últimas páginas do primeiro inspiravam-se na riote de Anchieta. Como, porém, o Sr. P. Maciel Bomfim resolveu — e estava no seu direito — não seguir a ordem cronológica, o segundo tomou principia invocando a velha Grécia, seus panoramas sagrados, seus deuses, seus poetas, todos os seus motivos de veneração e de imortalidade. Vem depois o canto *Aurora*, em estrofes clássicas, á maneira dos *Luziadas* e do *Caramuru*; e surgem as figuras de Mem de Sá e do Camocim. Mas, logo após o aparecimento do filho de Aimbré, o poeta abandona a oitava rima e adota as quadras em alexandrinos para celebrar as aventuras do herói de Paqueta. Assistimos ao seu encontro com a maravilhosa criatura que dá pelo simbólico, predestinado nome de Aurora; presenciamos as e'usões daquela mutua simpatia; ouvimos os colóquios das duas almas identificadas, lamentamos não poder evitar a intromissão do bruto Cunharbebe, sem o qual tudo correria tão suave, tão ditosamente até ao fim... Morre Camocim, contemplando no esplendor dos céus e, mais formosa que nunca, a imagem da bem amada:

*— Aurora, eu quero ver o encanto de tua face.
O golpe do destino, é certo, me feriu.
Bem sei que vou sentir o eterno desenlace
É o feneceer do amor que as forças me nutriu.
As gotas do meu sangue escorrem nesta terra:
Será, já a o porvir, semente de valor,
Na força e no poder intencional que encerra,
E, um dia, brotará, mais rutilo em vigor.*

*Por ti, sempre lutei, com animo e altivez.
E nunca me faltou, nem mesmo nesse instante,
A força que transfunde a firme intrepidez,
No bálamo do amor, eterno estimulante.
Não fracassei, portanto: o verdadeiro amor,
Que anima, fecunda, e lidimo, constrói,
Unindo a morte a vida e o regosijo a dor,
Arcano da existência, o amor também destrói.*

*A luz é um brando olhar, já leve e enfraquecido,
Apaga-se, de Oriente, o brilho cintilante
E surge, a Camocim, de encanto embelecido,
Retrato, ao céu, de Aurora, em fúlgido semblante.*

E, guardando a lembrança dos versos que o Sr. Maciel Bomfim alinha com tanta espontaneidade, tão evidente facilidade, ficamos esperando o terceiro volume



Novos

CAMONEANA, sonetos de Filinto de Almeida, da Academia Brasileira de Letras — Rio de Janeiro, 1945.

São versos sentidos e rimados aos oitenta e seis anos; e, já como inspiração, já como execução, constituem outras tantas obras integralmente admiráveis.

O cérebro, donde vieram estas concepções; a sensibilidade através da qual se refinaram e a arte que lhes deu a forma poética — tudo se patenteia com vigor e graça bem superiores, bem extraordinários. Diríamos um homem na força da vida; realmente, é um poeta em plena posse do seu estro. As expressões "estro, musa, chama sagrada, sopro de gênio" não parecem aqui antiquadas nem jamais ficarão descabidas a propósito de poesia de tal quilate e tais lavores. Cada um destes sonetos, com efeito, se equipara a uma joia, despertando a imagem do ouro puro em que o cinzel mais destro deixou os brancos mais harmônicos...

Sempre o Sr. Filinto de Almeida alimentou a devoção, a paixão camoneana. Frequentemente, nos seus outros livros, a grande imagem ressurgiu ou perpassa a grande obra. Em prosa e em verso lhe ergue louvores de exaltação religiosa. Agora, com o ensaio do "Carso de Camões", da Academia Brasileira de Letras, rende-lhe mais este preito, em verdade digno dele. Uma das páginas presentes diz bem da distância a que o rimador da *Lírica* e de *Cantos e canções* se considera do seu deus:

*Eu quizeria ter voz para cantar
A tua glória — por entoso guia
Nas ascensões da minha fantasia —
Voz do Céu, voz da Terra, voz do Mar.*

*Mas tão potente voz, tão singular
Que concertasse a triplice harmonia,
A só d'gra de t', quem a teria
Neste solitário mundo sublunar?*

*Eu, abelhão fugaz do ático Hymeto,
Dou-te o meu surdo canto, asas abriando
Num sussurro de lea triunfal;*

*Dou-te mais um zumbido num soneto;
Que eu vivi sempre e morrerei zumbindo
Em torno da tua sombra colossal.*

E estamos ouvindo a declamadora Margarida Lopes de Almeida, filha do poeta, no salão da Academia, dando mais vida ainda, mais eloquência a estes decassílabos grandiosos que se intitulam *O mar deixou salvar os Lusadas*:

*Imenso Mar, oceano misterioso,
Que escondes a Procela adormecida,
Por quem se entrega o marinheiro á lidé
Para o perigo e a morte, ou para o gozo.*

*Um dia viste sobre ti caída
A figura de um naufrago ansioso
Que tentava salvar, mais do que a vida,
Prêso aos dentes, um rolo volumoso.*

*Tu, no ência maior da Natureza,
O dix'ste vencer as águas bravas,
Aplacando das ondas a braveza...*

*E' que, se o não sabias, suspeitavas
Que era a glória da Gente Portuguesa
E a tua própria glória que salvavas!*



FOGO DE OUTONO, romance de Sinclair Lewis, tradução de Cláudio G. Haslocher — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1944.



Saintclair Lewis, laureado com prêmio Nobel e que sem esse galardão mesmo seria um dos tres ou quatro escritores norte-americanos mais admirados no nosso tempo, apresenta neste romance um bem conhecido, bem glosado casal: o marido, grande industrial, um dos primeiros, cronologicamente e pelo vulto do êxito obtido, no fabrico de automoveis, espírito sólido e eminentemente prático; a esposa, de temperamento meio gósader meio renântico, amiga de luxo, de figuração e com uma aspiração especial na vida, que é a de conquistar certo lugar de destaque na alta sociedade da Eurpa. Sam Dedsworth conta cinquenta anos de idade e sua mulher quarenta e dois. Ao contrário do que se verifica em romances e filmes cujos protagonistas se acham nas condições laboriosas e realizadoras duma parte, da outra imaginativas e ostentosas, não se arma, com o tempo, neste caso, um conflito fatal cu a que só uma intervenção quasi milagrosa, como o anunciado nascimento dum filho, que nenhum dos dois previu ou desejou, pode dar solução... Neste particular, os conjuges Dedsworth se afastam da regra geral literária: continuam a amar-se, se afastam da regra geral literária: continuam a amar-se,

a respeitar-se, a compreender-se. Chega, porém, o dia em que ela precisa absolutamente de voltar a Europa e ele de se dar um período de férias. Partem para o Velho Mundo. Vêm, conhecem, gosam até onde possível Paris, Londres, Berlim. E levam uma existência cosmopolita e movimentada, de que o autor frequentemente se serve para estabelecer o cenário da vida europeia em geral com a norte-americana.

A observação firme e aguda de Saintclair Lewis, com pretensões a imparcialidade, realmente se exprime por entre incertezas, ora contra o velho ora contra o Novo Mundo. E a todos os episódios do romance mais ou menos preside, ainda nos momentos dolorosos, um espírito de leveza e benignidade, que cativa.

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Tão bonita...

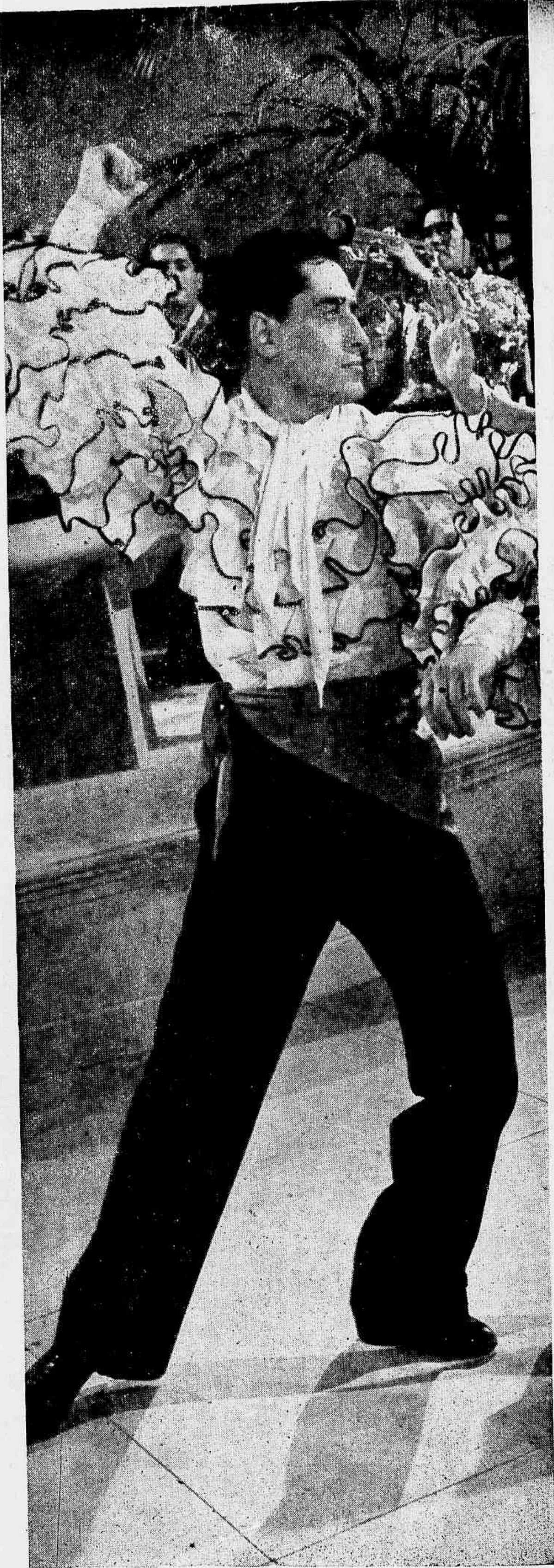
Isso é porque ela ainda possui os verdadeiros aliados do encanto: Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Arroz Bond Street. Certamente, todos os produtos de toucador Yardley virão de novo com a paz.



Yardley
de Londres

BOLETIM GEOGRAFICO

Informações, notícias, bibliografia e legislação. Mensário do Conselho Nacional de Geografia. Recebemos o número de Janeiro de 1944.



MODELO "RUMBA" EM HOMENAGEM AOS CUBANOS. — Depois da visita do ex-presidente da Pérola das Antilhas feita ao Brasil, ainda mais cresceu nossa simpatia pelos cubanos. A fantasia de "rumba", já de si popularíssima nos carnavais anteriores, por ser cômoda e simples, é das mais aconselháveis para as noites quentes de baile em Fevereiro. A blusa em tarlatana ou qualquer outro tecido leve e bem armado, faixa na cintura e lenço de seda branca ao pescoço. Simples e prático.

UM "PIRATA" DE ARTURO DE CORDOBA. — Os foliões carlocas sempre manifestaram uma especial predileção pelas fantasias de pirata. Esta, que lhes oferece Arturo de Cordoba, é realmente fascinante. E se for confeccionada com material de classe, reproduzindo com fidelidade o modelo, há de fazer furor nos bailes elegantes. Blusa gibão em veludo ou setim escarlate ou azul; botas com cano alto e dobrado, em tom cinzento; luvas em matiz dourado — e o imprescindível punhal na cintura.



MADAME POMPADOUR... AERODINAMICA. — As fantasias estilo Dama Antiga continuam sendo uma grande atração para os bailes elegantes. Ann Miller oferece às leitoras, na gravura acima, um sugestivo modelo Madame Pompadour, com certas transigências para o modernismo. Não esqueçam a reprodução dos detalhes: as luvas que podem ser de renda preta, os braceletes e pulseiras, a meia também rendada e o leque em tom escarlate. Preva'ecendo sempre amarelo, vermelho e azul. Penteados em estilo, de preferência cabeleira postiça.



DAMA ANTIGA DE 1900. — Antigamente era assim... Uma saia rodada, cinturi-nha de vespa, mangas fôfas e curtas, um vistoso laço na parte de trás e o penteado sem modificações, porque hoje estão sendo novamente usados os desse tipo. As modas do princípio do século possuem um quê de atração e encantamento digno de realce na fantasia de baile que Ann Miller nos oferece acima. Este é um vestido para conquistar facilmente um lugar de honra, senão o primeiro prêmio, na competição das mais lindas fantasias femininas.

mais *Fantasias*



A noiva é conduzida ao altar pelo braço do seu progenitor, sr. Geremia Lunardelli.

Enlace ROSALINA LUNARDELLI- PAULO DE CARVALHO

Constituiu um acontecimento social de rara expressão e brilho o enlace matrimonial, realizado em S. Paulo no dia 8 do corrente mês, da senhorita Rosalina Lunardelli, filha do casal Geremia Lunardelli, com o sr. Paulo de Carvalho, filho do casal Daniel de Carvalho. O belo e imponente templo de Nossa Senhora do Carmo,



A noiva, senhorita Rosalina Lunardelli, assinando o termo de compromisso. Ao seu lado o noivo, sr. Paulo de Carvalho.

linda e profusamente ornamentado de crisântemos brancos, foi teatro de uma belíssima parada de elegância em que requintou a sociedade paulistana, cujos esplendores se casavam tão bem ao ambiente alegre e festivo que envolvia a cerimônia nupcial. Oficiou a solenidade religiosa d. Carlos Carmello, arcebispo de S. Paulo, parainfada, por parte da noiva, pelo sr. Godoy Moreira e senhora Maria Godoy Moreira e, por parte do noivo, pela senhora e senhor Mario Gouveia Ribeiro. No ato civil serviram de padrinhos o sr. Alberto Ferraz e a senhora Cecy Mibielli Rohde, por parte do noivo. Entre as pessoas presentes pudemos anotar: senhores Godfredo da Silva Teles, Antonio de Padua Sales, José Carlos de Macedo Soares, José Cassio de Macedo Soares, Waldemar Ferreira, Roberto Moreira, Melo Moraes, Celestino Burú; senhoras e senhores Teodoro Quartim Barbosa, Leonidas Garcia da Rosa, Paulo Suplicy, Edgard de Souza, Delfino Camargo Penteado, Carlos Vicente de Azevedo, Plinio Matos Barreto, Santos Lunardelli, Mauro Montenegro, Vicente de Almeida Prado, Rubens Junqueira Caldas, Carlos Magalhães, Olavo Queiroz Guimarães, Augusto Meireles Reis Filho, Joaquim Silidonio; senhoritas Zilda e Gilda Queiroz Teles, Celia Penteado, Maria Amelia Montenegro, Maria Laura Bastos, Anita Almeida, Heloisa Fleury, Helena Garcia da Rosa, Inah Siqueira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Elda Meireles, Zaira Oliveira... Após a bênção nupcial o casal Geremia Lunardelli ofereceu magnífica recepção aos seus convidados, no palacete da avenida Brigadeiro Luiz Antonio, onde mais uma vez os jovens nubentes e seus ilustres progenitores foram cercados das maiores demonstrações de carinho e afetuosos aprêço pelo que S. Paulo tem de mais representativo na sua "haute-gomme".

Ao lado: — D. Carlos Carmello lança a bênção nupcial sobre os nubentes.

Em baixo: — Grupo feito para a REVISTA DA SEMANA depois da cerimônia religiosa, vendo-se os noivos entre seus pais e padrinhos.





DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tônico de todos

DYNAMOGENOL

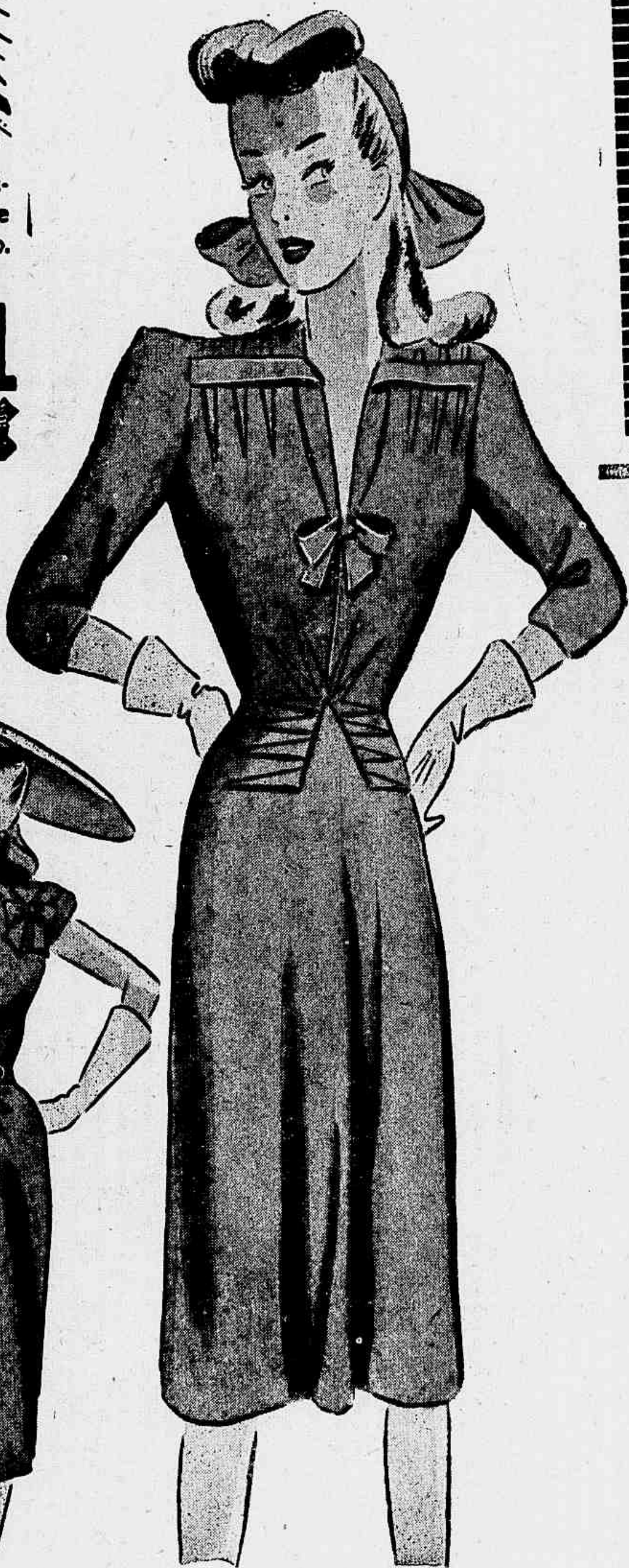
É um produto do Laboratório Sian

Loção DISCRETA

CONTRA CASPA

Rua Flack, 153 — Rio

T. 29-2840



ESTUDE POR CORRESPONDÊNCIA UMA CARREIRA COMERCIAL!

- 1 — AUXILIAR E CAIXA
- 2 — CORRESPONDENTE
- 3 — SECRETÁRIO
- 4 — ESTENO-DATILOGRAFIA
- 5 — PORTUGUÊS
- 6 — INGLÊS

GRATIS
Cada aluno receberá:
UM DICIONÁRIO
UM ATLAS EM CORES
UMA CARTEIRA
DE IDENTIDADE
100 CARTÕES DE VISITA

ASSEGURE A SUA INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA, APRENDENDO EM SUA CASA NAS HORAS DE FOLGA UM DOS NOSSOS CURSOS. ENSINO ESSENCIALMENTE PRÁTICO E INDIVIDUAL. DURAÇÃO DOS CURSOS 12 - 20 SEMANAS. MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS. ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL, 5058 - SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me **GRATIS** o folheto "Como ganhar dinheiro no comércio".

844

Nome.....

Rua.....N.....

Cidade.....

Estado.....

Modas avulsas

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Briz. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Peço enviar-me prospectos:
NOME.....
ENDEREÇO.....

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

1 — Bastante chic é este vestido para a tarde, em crepe de seda preta, com babado enviezado no decote. Botões decorativos.

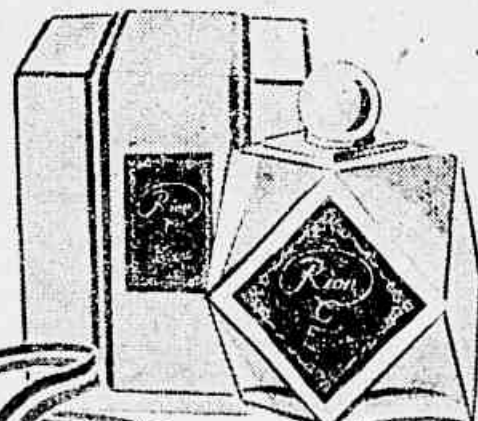
2 — Gracioso vestido de crepe azul. Mangas curtas e moderníssimas. Duas tiras pespontadas sobre os ombros terminando em laço. Ligeiro drapeado na saia.

3 — Vestido de seda turquesa, com "pinces" visíveis.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05



A crônica social registrou o enlace matrimonial da srta. Yone Bernardino de Campos, filha da exma. viúva Alcides Bernardino de Campos, com o dr. Mario Daudt de Oliveira, filho do dr. João Daudt de Oliveira e de sua exma. esposa, d. Stella Daudt de Oliveira. Do ato religioso, que se revestiu de tocante solenidade, reproduzimos aqui um aspecto, no qual se vê os noivos assinando o compromisso matrimonial.

Figuras e Fatos

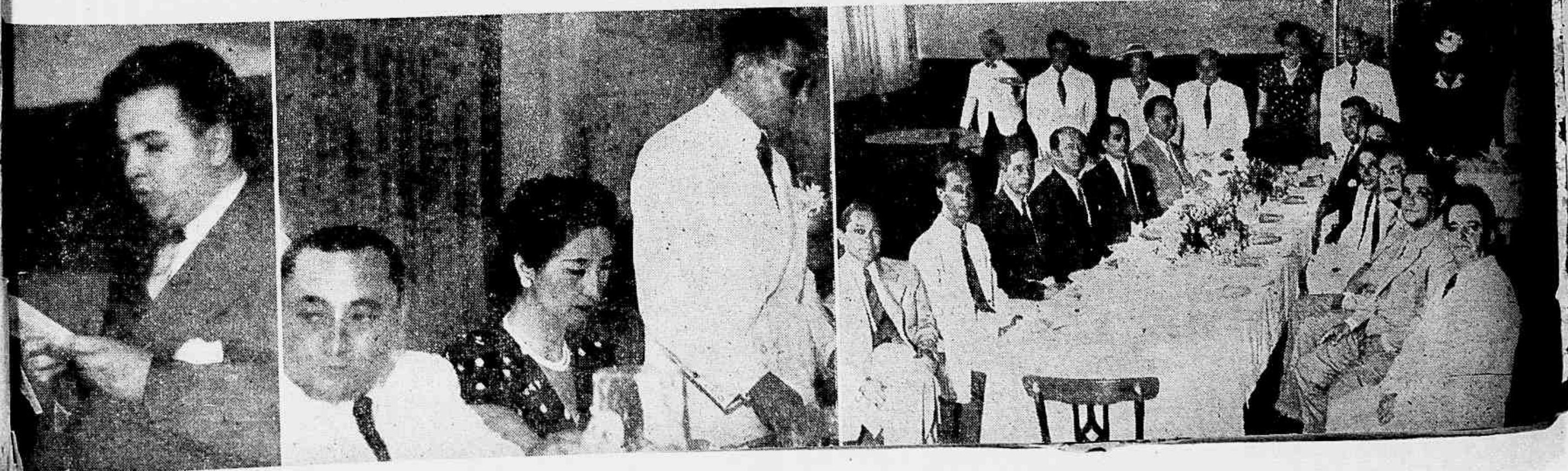


Colou grau de atuário pela Academia de Comércio o sr. Milton Furtado Cesarino, filho do sr. Hilário Cesarino, alto funcionário da Prefeitura e sobrinho do caricaturista Max Yantok.



Constituiu nota marcante na sociedade paulista o enlace matrimonial da srta. Maria Natal, filha da senhora Maria do Rosário Costa, com o sr. Alcides Procópio, conhecido desportista brasileiro. Reproduzimos aqui uma fotografia do ato religioso, que se realizou no Mosteiro de São Bento, na capital paulista.

TENENTE-CORONEL OLYNTHO DE FRANÇA ALMEIDA E SÁ. — Por motivo de sua promoção foi o tenente-coronel Olyntho de França Almeida e Sá homenageado pelos funcionários da Casa Bayer, estabelecimento onde aquele militar vem exercendo, desde Outubro de 1942, as funções de dirigente, tendo sido, a princípio, administrador federal e, atualmente, liquidante da firma. Foi-lhe oferecido um lauto almoço na sede do Clube Ginástico Português, tendo o dr. Clarivaldo Valadares lhe dirigido a palavra, em vibrante discurso. Militar por excelência, muito querido entre seus companheiros de armas, vem o tenente-coronel Olyntho de França Almeida e Sá se revelando, também, perfeito administrador nos altos postos civis que o Governo lhe tem confiado. Como um dos diretores da Casa Bayer, tem demonstrado sua grande eficiência, conseguindo ótimos resultados nos trabalhos realizados para a manutenção e desenvolvimento daquela indústria. Esta, pois, a razão porque, ao ensejo da sua promoção, fizeram os funcionários da Bayer ao seu tão estimado chefe esta homenagem, como testemunho de gratidão e reconhecimento. Da esquerda para a direita: o dr. Clarivaldo Valadares saudando o homenageado; o tenente-coronel Olyntho de França Almeida e Sá agradecendo a homenagem; aspecto do almoço oferecido no Clube Ginástico Português.





UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro!

Pó de ARROZ



À VENDA EM TODO O BRASIL



P. Ferraz

Todos tinham álibi...

(Continuação da pág. 45)

- Conte-me o que aconteceu quando ficou só com O'Hara e sua esposa na ilha.
- Nada. O'Hara cobriu-a com um roupão. Estava morta.
- E que fizeram até chegar o médico?
- Esperámos, de pé, em silêncio. Não foi agradável. Finalmente o barco se aproximou. Corremos para ele. Patrick ficou junto da esposa morta...
- Como parecia ele?
- Muito nervoso. Estava pálido. Recuei até que fôsse desmaiar...
- Muito obrigado. Podem retirar-se.

- Sr. O'Hara, tem alguma idéia a respeito do crime?
- Uma idéia! Como?
- Suspeita de alguém?
- Sim.
- Ah! Quem?
- Jack Leam.
- Por que?
- Ele não hesitou:
- Porque amava minha esposa e queria que ela fugisse com ele.
- Como soube disso? Ela lhe contou?
- Não, mas saía à noite para encontrar-se com ele.
- Surpreendeu-a alguma vez fazendo isso?
- Sim.
- E ela estava ao par disso?
- Não compreendo...
- Ela sabia que o senhor descobrira tudo?
- Não.
- Diga-me, sr. O'Hara, como soube que sua esposa estava morta?
- Logo que olhei. Ela tinha sido atravessada por um punhal...
- Tocou no cadáver antes do médico chegar?
- Escutei o coração e cobri-a depois com um roupão de banho.
- Muito obrigado. Pode retirar-se.

- Seu nome?
- George Moore.
- Muito bem, sr. Moore. Diga-nos tudo o que sabe.
- Bem, madame Carroll mandou que eu trouxesse o barco cedo porque madame O'Hara queria ir antes dos outros. Eu deveria ir levá-la à ilha e voltar para esperar os outros.
- Fez isso?
- Sim.
- E depois de voltar avistou ainda madame O'Hara na ilha?
- Lógico. Não a perdi de vista um só instante.
- Como?!
- Sim. Bem... Madame O'Hara... Olhe, eu vou dizer isso ao senhor porque eu acho que um detective deve saber tudo...
- Muito louvável...
- Pois bem. Madame O'Hara era uma mulher muito bela... E... os trajes de banho mostram a beleza do corpo de maneira... O senhor compreende, não é verdade?
- Perfeitamente.
- Pois bem. A ilha é bem perto. Pode-se gritar de um lado e ouvir em terra.
- Sei. Por isso, fiquei espiando. Ela tirou o roupão e entrou nágua. Depois de nadar um pouco voltou e estendeu-se na areia.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

— Muito bem. E depois?
— Mais nada.
— Como?!
— Ela ficou deitada na areia até tomarmos o barco.
— E depois?
— Fomos até lá.
— Jura que não tirou os olhos dela nem um segundo?
— Claro!
Poirot levou as mãos à cabeça e exclamou:
— Então quando é que ela foi assassinada?

Sustentavam os alibis, era lógico. Estavam todos juntos. Ninguém fizera nada. Poirot passeava para cima e para baixo na sala onde reunira todos os hóspedes e dizia:

— Mas como querem que ela tenha sido assassinada, então?
— Por obra e graça do Divino Espírito Santo, arriscou Merton. Mas arrependeu-se da brincadeira ao encontrar o olhar furibundo de Poirot.

O detective perdera inteiramente a calma. Parecia uma fera enjaulada, e na verdade langava de quando em vez urros de puro desespero, de tal maneira violentos que Hastings já começara a temer pela saúde do amigo. Chegara até a sugerir que ele repousasse um pouco, mas fora repellido com tanta secura que não tivera coragem de tentar novamente. O comissário de polícia, sentado ao lado de Hastings, olhava. Parecia distraído na contemplação da biqueira dos próprios sapatos.

De repente Poirot berrou:

— Quero todos os depoimentos de novo! Recomeçou a procissão. Um por um desta vez, sem exceção, os suspeitos tornaram a depor.

Jack Leam teve as honras de um interrogatório cerrado.

— Mas diga-me com todo o detalhe.
— Já lhe disse.
— Repita, então.
— Os outros se afastaram imediatamente. Foram em busca de um médico. Eu e Lucia...

— Espere. Estavam com os outros?
— Sim. — O'Hara vinha na frente.
— Muito bem. Prosiga.
— Nada mais. Já lhe disse. Eu disse aos outros que ficaria com O'Hara. E minha mulher resolveu ficar também...

— Afirma ainda que sua esposa não quer se divorciar?

— Ora essa! O senhor...

— Escute, sr. Leam. E' preciso que o senhor compreenda que estamos investigando um crime; que se sua vida particular é sua somente, num momento desses é preciso que o detective saiba de tudo...

Jack encarou-o:

— Pois bem. Vou contar-lhe. Minha esposa não me falou nada, nem eu lhe disse uma palavra, mas sei que ela está apaixonada por O'Hara.

— Nesse caso, vão divorciar-se?

— Agora menos do que nunca! Eu sei que minha mulher não amq realmente

O'Hara. E' um capricho somente. Ela acabará voltando para mim.

— E O'Hara?

— Terá que se conformar...

O caso se tornava cada vez mais complicado. De fato, se Jack não tencionava vingar-se da esposa, nem abandoná-la, que motivos teriam tido ela ou O'Hara para matar Mariana? Se fôsse Lucia a vítima, nesse caso ele compreenderia.

— Achei!

— Achou o que?

— A solução, meu caro amigo!

— Como?

Hastings levantou-se, apressado, e disse:

— Não é possível!

— Como é que não é possível?

— Mas...

— Mande reunir todos novamente...

— Eles foram se deitar agora mesmo...

— Não haverão de reclamar. Vão saber o nome do criminoso.

— Aposto que você vai nos fazer uma surpresa... Com certeza vai provar que o criminoso não é nenhum dos suspeitos...

— Muito pelo contrário. O criminoso é o mais naturalmente indicado.

— Nesse caso...

— Terá uma grande surpresa ao saber o método usado por ele.

— Qual foi?

— Saberá com os outros. Mande reunir todos.

— Reuni-os aqui para dizer-lhes quem foi o criminoso e como perpetrou o audacioso e hábil crime. Sabemos que a ví-

tima estava sob a vigilância constante dos olhares do empregado que se encarregava do barco. Como, então, e quando fora assassinada? Se ela não fora assassinada até os outros chegarem à ilha, nesse caso fora assassinada depois. Mas como fora assassinada depois, se quando chegaram à ilha ela já estava morta. Alguém mentiu. Quem? O empregado? Ou O'Hara? Sim. O'Hara arranhou uma maneira de cometer um crime perfeito. Se não fôsse o fato do empregado estar olhando fixamente para a mulher, eliminando a possibilidade de um outro assassino, ele estaria livre agora. Porque, senhores, ele achou a maneira mais simples de cometer um crime. Chegando à praia a vítima estava dormindo. Ele gritou: "Está ferida! Está morta!" Confusão. Correm todos para o barco para buscar socorro às instâncias suas. O sr. Leam resolve ficar e a esposa de Leam também.

(Continua na pág. 55)



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Sim! Perdendo em sabor e energias... Que dizer, então, se sua mesa carece de algum alimento indispensável! Malzbier da Brahma é deliciosa e ligeiramente doce. Mas, além disso, sua riqueza em malte tornou-a altamente nutritiva. É a cerveja do lar, dado seu baixo teor alcoólico. Dê valor e prazer redobrados às refeições, com Malzbier da Brahma!

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA



ENTÃO SERIA, ACONSELHÁVEL
DEPURAR O SEU SANGUE, PARA AU-
MENTAR A FELICIDADE CONJUGAL.

**ESSENCIA
PASSOS**

DEPURA E FORTIFICA

É UM PRODUTO
DO LABORATORIO SIAN



**CABELOS BRANCOS ?
LOÇÃO
Brilhante**

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

1 E' de Molnoux essa elegantis-
sima "toilette" para a intimida-
de do lar, composta de calças
pretas, casaco azul e blusa es-
tampada. A calça é estreita, o
casaco, ao contrário, é bastante
largo; com mangas "kimono"
enfetadas com tiras do estamp-
pado da blusa. As mesmas tiras
enfeitam os bolsos do casaco.



**Alguns
modelos**

2 Suas peças em rayon estampado, fundo azul turquesa.
3 Original modelo "d'après-midi" em lingerie azul marinho
com "pois" brancos. Dois babados na frente da saia. Penteado
e laço em organza branca. 4 Duas peças em linho listrado.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

DE Música

Mais um ano musical

E' cedo, por enquanto, para falar sobre o ano musical que há pouco começou, mas não há dúvida que, se todos os projetos e planos de que tivemos notícia se realizarem, será importantíssimo. Faz pouco tempo o maestro Piergilli anunciava um novo coreógrafo para o Teatro Municipal, que estava, realmente, precisando de uma reorganização completa do seu corpo de baile. Porém não é só isso. Erich Kleiber voltará este ano — já está anunciada a sua temporada — e aqueles que ouviram os seus concertos, no ano passado, sabem que a presença de Kleiber basta para elevar o nível de uma temporada.

A Temporada Lírica já começou, também, a ser organizada e alguns elementos já foram contratados para cantar aqui este ano. Recentemente Silvio Piergilli anunciou que já foram contratados Leonard Warren, Charles Kullman, Stela Roman e outros elementos valiosos.

Creio, porém, que o projeto mais importante, que deverá ser transformado, ainda este ano, numa realização magnífica é o ciclo de Bach, que o professor Guilherme Fontainha anuncia, na interpretação de alunos seus. A obra pianística de Bach é muito pouco conhecida do nosso público. Figura, quase sempre, na primeira parte dos programas por desengano de consciência dos "virtuosi" que, com raras exceções, interpretam a música maravilhosa do gênio alemão de uma maneira descuidada. Fazendo ouvir as obras para piano de Bach, o professor Fontainha, além de proporcionar ao público que gosta da boa música uma oportunidade de apreciar essas obras extraordinárias, nos apresentará alguns novos pianistas cuja carreira vem dirigindo com o desvelo e a dedicação de um grande mestre.

Diante das notícias que recebemos, não podemos deixar de prever, portanto, um ano rico em matéria de música.



Aumente a sedução da sua

boca

com

Semarap

— o baton que realça a beleza dos lábios, dando-lhes um encanto duradouro. Destaque as linhas bonitas da sua boca, usando o baton feito para a mulher de fino trato.



Um novo produto de Mme. Graça

- Óleo de Violetas
- Creme Anti-Rugas
- Loção Acnea
- Bálsamo Branco

CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

Distribuidores Gerais: Espanha Paramés & Irmão
Rua da Alfândega, 181 - Rio

Todos tinham álibi...

(Continuação da pág. 53)

Como vai continuar o plano? Leam está falando com os outros. Ninguém presta atenção aos movimentos dele. Ele toma um roupão e finge que vai cobrir a espósa. Na realidade apunhala-a. E eis aí um crime perfeito com um álibi perfeito.

Poirot não acabara ainda de falar e já O'Hara se precipitara para a porta. Lá caiu nos braços de um policial, postado ali por Poirot, que previra exatamente a tentativa de fuga.

— Mas por que O'Hara matou a espósa?

Poirot fingiu que não ouviu a pergunta. Mas Merton repetiu:

— Por que a matou?

Poirot olhou para Lucia e disse:

— A espósa estava atrapalhando muito a vida dele...

A moça estremeceu. E instintivamente virou-se para o marido como que buscando proteção. Jack enlaçou-a e disse a Poirot:

— Às vezes é melhor ser-se paciente...
E Poirot, com um sorriso:
— Uma grande verdade, monsieur.

A felicidade

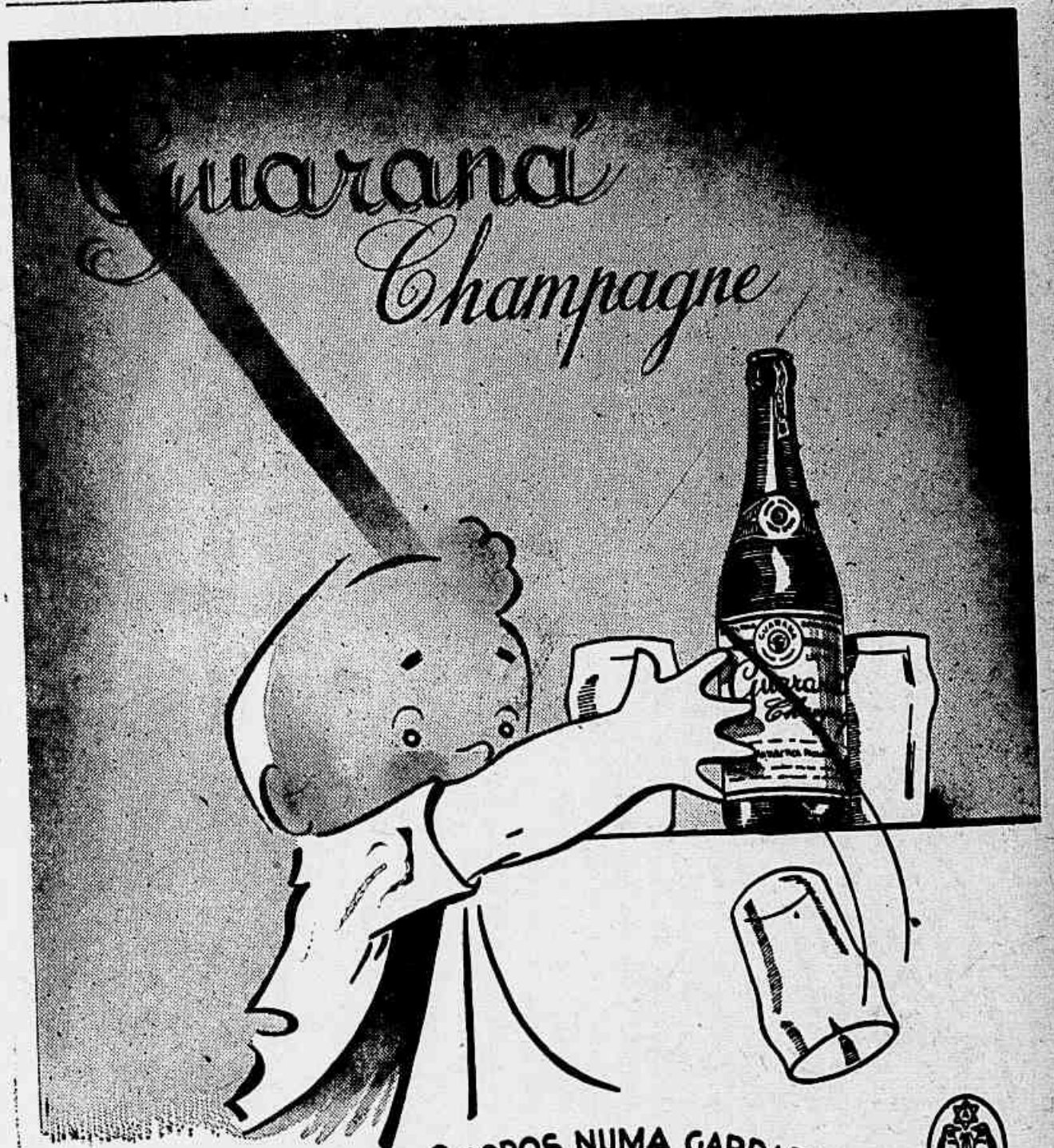
(Continuação da pág. 2.)

mais fartos, tesouros mais cheios, mulheres mais belas, guerreiros mais robustos, músicas mais concertadas, iguarias mais saborosas e vinhos mais antigos.

Então, pendendo a cabeça, achou pequena a sua fortuna e, com inveja dos que haviam partido à aventura, invejando-o, pôs-se a murmurar pensativo: "Ainda há riquezas maiores!"...

E, a suspirar tais queixas, entre as purpuras e os brocateis da câmara, veio encontrá-lo o sol, o sol que, ainda na véspera, o vira entre farrapos, disputando aos cães dos nômades, sobre o estravo dos camelos, um osso esburgado.

(Do livro "Fabulário")



3 COPOS NUMA GARRAFA
GENUINAMENTE NACIONAL



Um produto da

ANTARCTICA

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

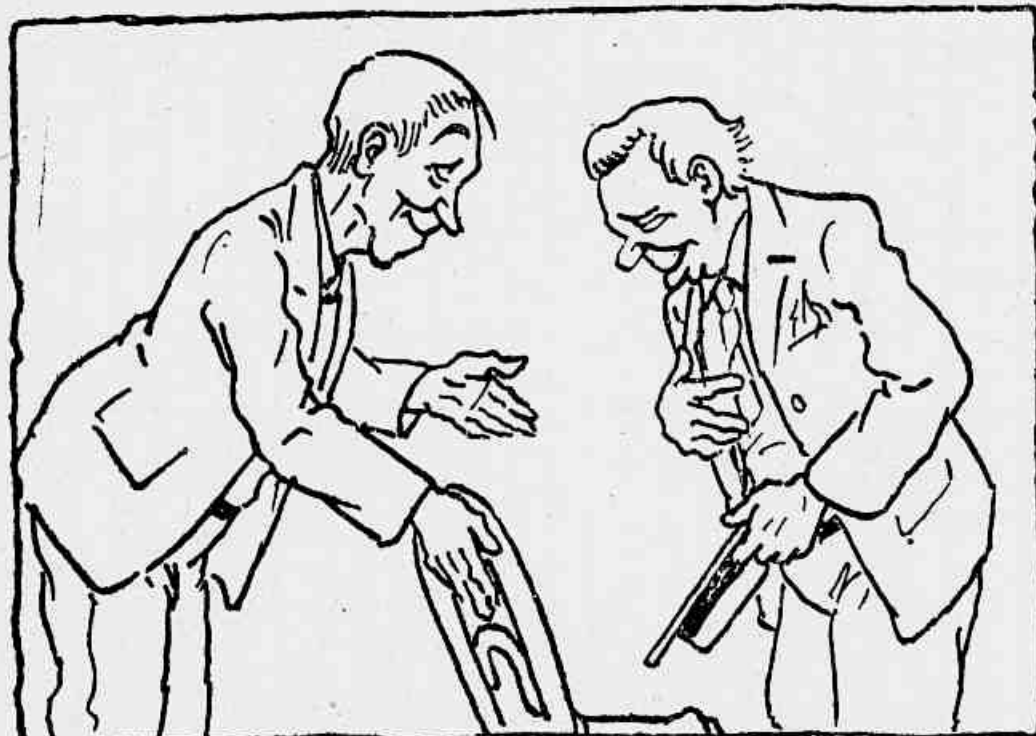
Conjugação "exótica"



Sinto



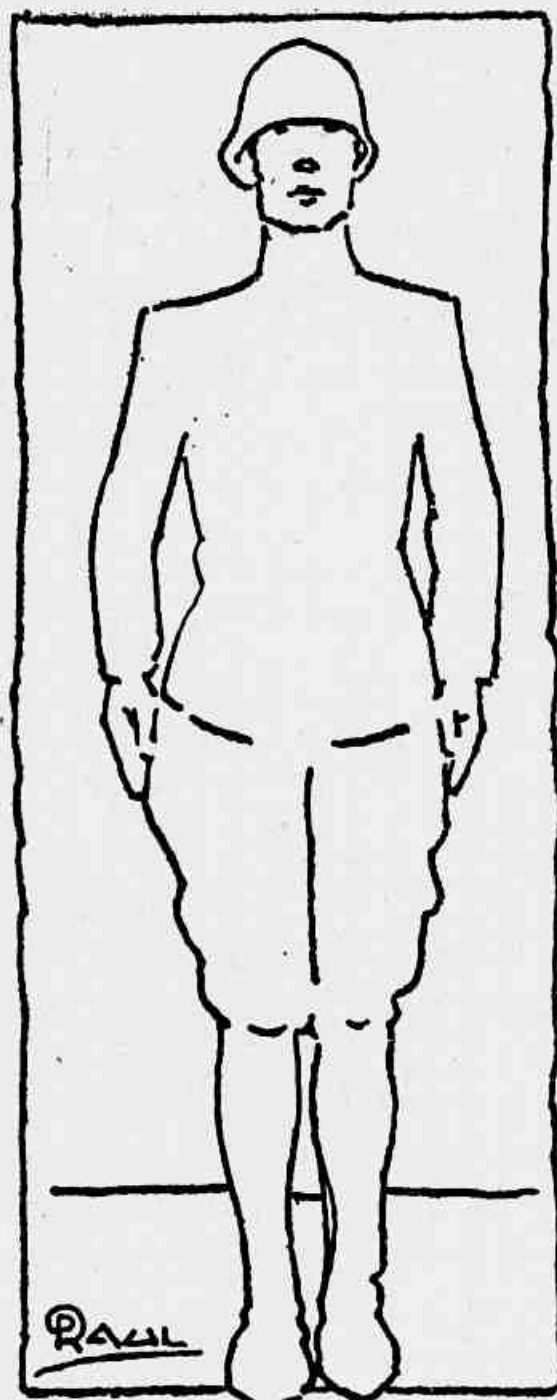
Sinta



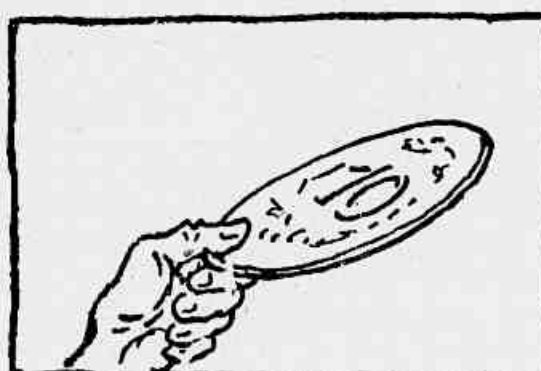
-Sente-se...



-Sen ti...



Sentido!



"Sentimos"



Sen tio



-Sen tirei!

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empoças. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo



MENTHOLATUM

fixbril
para o cabelo
ASSENTA E DÁ BRILHO •



Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL
REGULA

LESLIE — Reflitamos, meu general... Como poderiam eles divisar o castelo de Benoet à noite, com todas as luzes apagadas, junto à massa escura da floresta de Guenant? Mesmo que uma esquadrilha tivesse procurado atingi-lo, era um objetivo muito improvável. Oh!... Agora compreendol...

DENISE — Compreendes, Leslie... pelo amor de Deus!...

LESLIE — Sim... Ele me procurou no dia de nossa fuga de Benoet e disse com muita insistência que quinta-feira deveríamos estar longe de Benoet...

IVES — Eu sei... eu sei... (chorando) A pedreira de Duchenes... a pedreira...

KERGUEVEN — A pedreira...

IVES — Sim, meu general... a dinamite... ele foi várias vezes à pedreira... e lá tinha o depósito de dinamite...

DENISE — Meu pai... a carta!... Ele não lhe entregou um envelope fechado na terça-feira, no pavilhão onde habitávamos?

KERGUEVEN — Sim... Espera um pouco... deve estar na minha carteira... (pausa) ruído de maços de papéis.

LESLIE — Ei-la, meu pai... junto à sua carteira... essa... essa aí!...

KERGUEVEN — Ele me disse para a abrir na quinta-feira... já posso fazê-lo! (lendo) Pai... Quando tomares conhecimento da minha última carta, nosso castelo terá ido pelos ares com os nossos inimigos, Irene e eu. Há circunstâncias em que a dinamite fala melhor do que os seres humanos. Tu me acusaste de haver sido um covarde. Eu mereci o teu desprezo. O meu único consolo, quinta-feira à noite, será o de pensar que reconquistei a tua estima, olhando a morte de frente como meu avô Antoine de Kergueven em Sedan. Pai, beijo-te pela última vez. Deus te guarde... Alain!...

DENISE — Oh!... Meu pobre Alain!... (chora).

KERGUEVEN — Peço entregar a nota junto à minha irmã...

DENISE — Para mim?

KERGUEVEN — Lê, Denise... (emocionadíssimo) Lê...

DENISE (voz trêmula) — Denise...

Técnica: música suave.

DENISE — ...Quando vires novamente as ruínas de Benoet, procurarás um cofre que me pertence, enterrado ao pé dum grande salgueiro, o primeiro junto à curva do riacho e o único atingido pelo raio. Nesse cofre encontrarás 412 mil francos e 5.000 dólares. Eu tos dou. Desejo que sirvam para a educação do filho que um dia terás... (soluços fortes de Denise) Desejo que faças dele um homem corajoso como Leslie. Aperto-te nos meus braços, minha irmãzinha querida, antes da grande viagem. Lembra-te de que na hora de morrer eu terei te revisto tal como eras aos dez anos, a pequena selvagem, ardente, generosa e leal, que brincava comigo e sempre me defendia contra os outros. Adeus, querida Denise... Adeus!... Alain...

Contra-regra: soluçar de Denise.

IVES — Oh!... Eu ajudei a carregar a dinamite... eu ajudei... (chora).

DENISE — Alain morreu, Leslie...

LESLIE — Minha pobre querida... como compreendo o teu pesar...

DENISE — Pobre irmão... que morte horrorosa... Foi aquela mulher miserável que o conduziu à perda, Leslie... uma grande parte do seu sacrifício foi para defender a nossa felicidade... Irene queria entregá-lo à Gestapo... compreendo...

IVES — Meu general... quando chegarmos a Dover deixarei de ser o vosso servidor!...

DENISE — Ives!...

KERGUEVEN — Que tens, meu velho amigo? Que tens?

IVES — Meu general!... Não posso sair de minha pátria sem que por ela faça alguma coisa... Voltarei à Bretanha!...

KERGUEVEN — Voharás?

IVES — Sim... voltarei... Alguém espera a lâmina do meu punhal!... Esse maldito cercundal... Esse traidor...

LESLIE — Ives... meu velho... elevemos os olhos ao céu!...

Técnica: música alusiva.

LESLIE — Picot, nesta hora, vive na glória da pátria pela qual ofereceu tudo, e o que menos valia era a sua vida!...

KERGUEVEN — Picot!... Aquêlo monstro... Aquela alma danada!

LESLIE — O visconde François de Saint Hilaire de Richepin...

CÓRO — Oh!...

DENISE — Não compreendo... Visconde de Richepin... Leslie...

IVES — Aquêlo monstro?...

LESLIE — Era o abade de Montoir... Deformou-se voluntariamente, Denise, para melhor servir à pátria... Era o senhor quarenta e quatro, um dos mais eficientes agentes do serviço secreto inglês...

KERGUEVEN — Picot?

IVES — Oh!... Meu Deus!... Quase que o matei!... Deus deteve meu braço!... Lembro-me porque dizia aquelas palavras sempre que eu cuspi no chão ao me encontrar com ele... que eu haveria de lembrar-me sempre dele!... Oh!, que espírito de elite... Que alma fortíssima!... Picot... o cercunda... aquela boca deformada... aquela maneira de falar horripilante...

KERGUEVEN — Sim... ele tem razão... nos lembraremos dele enquanto vivermos... e a pátria eternamente... eternamente...

Contra-regra: pancadas discretas na porta.

LESLIE — Entre!...

Contra-regra: girar de maçaneta; passos.

IMEDIATO — Capitão Westbury... chegaremos a Dover entre dez ou quinze minutos...

LESLIE — Obrigado... (passos que se afastam e bater de porta).

Contra-regra: soluçar distante de Kergueven.

DENISE — Oh!... Pai!... Ele não resistiu mais... Leslie... (passos) Meu pai... Lembra-te dele?

KERGUEVEN — Minha filha... Até o último suspiro trarei o pezar comigo, de não o ter apertado contra o meu coração, esse filho que soube morrer honrando as nossas tradições... Vês, Ives!... Tu que me acompanhas há tanto tempo... eu choro...

IVES — Ele morreu como um herói!... Meu general!...

DENISE (emocionada) — Sim... pagou a sua grande dívida à pátria!...

Técnica: retirar música e entrar "God Save The King".

LESLIE — Todos de pé!...

Contra-regra: bater de saltos.

LESLIE — General Luiz de Kergueven!... Em nome de Sua Majestade o Rei da Inglaterra e Imperador das Índias, em nome dos povos que lutam contra a tirania e a violência, em nome da liberdade humana e os verdadeiros princípios emanados pela Democracia, eu saúdo a memória de um covarde que mereceu a Vitória Cross!

Técnica: disco de "God Save The King" forte.

— F I M —

IRENE — Esse sorriso... Ele quer a minha morte... este vinho está envenenado...

WEHRINGER — Não é possível!... Ele não se atreveria...

ALAIN — Obrigado pela confiança, capitão Wehringer... e para provar a todos os presentes que não faria tal coisa... olhem! Beberei o meu copo de um só golpe... (bebendo; pausa) E então, querida! Achas então que teu idolatrado marido tem em mente suicidar-se?... (rindo) Por que haveria de fazer isso?... Senhores... torno a encher a minha taça... (gorgolejar líquido).

ALAIN — Ainda suspeitam das minhas cordiais intenções, senhores?

DUISBERG — Absurdo... Absurdo!

ALAIN — À saúde do exército alemão... À saúde da Nova Ordem!

Contra-regra: murmúrios jubilosos; toque de copos.

PICOT (distante) — Suspendam!... Suspendam!...

Técnica: música trágica.

CÔRO — Oh!

VOZES — O corcunda!

WEHRINGER — Picot!...

DUISBERG — Picot! (passos cambaleantes).

PICOT — Não bebam o vinho!... Não bebam o vinho... (Aproxima-se).

DUISBERG — Aproxima-te, Picot... (passos) Não bebam... Que acontece, Picot?

PICOT — Oh!... O vinho tem veneno! O vinho está envenenado!

TODOS — Oh!...

INTERLÚDIO

Técnica: música impressionante sincronizando os passos de Picot.

WEHRINGER — Fale, Picot!...

PICOT — Deixem-me provar o vinho...

WEHRINGER — Aqui está a minha taça...

PICOT — Ninguém bebeu?

DUISBERG — Apenas o senhor Alain de Kergueven!...

WEHRINGER — Desconfia, então, Picot?

PICOT — Desconfio da minha sombra...

WEHRINGER — Bebel...

PICOT — Dê-me a sua taça!...

Contra-regra: ingerir de líquido ruidosamente.

CÔRO — Oh!...

WEHRINGER — Sente alguma coisa, bom Picot?

PICOT — Não!...

DUISBERG — Comandante Lutzen... Comandante Von Dextrier... não de estranhar esse tipo de homem... Este corcunda, que é admitido na intimidade do estado maior do exército alemão em Benoet, Picot, é o tipo padrão pelo qual se modelará todo aquele que vive e viverá na Europa, guiado pelo espírito condutor de Adolph Hitler!...

CÔRO — Heil, Hitler!...

PICOT — Heil, Hitler!...

CÔRO — Heil, Hitler!...

Contra-regra: palmas efusivas.

DUISBERG — Picot!... Tem uma cadeira vaga junto ao capitão Wehringer... és uma pessoa grata!...

PICOT — Quero ficar de pé ao lado do senhor Alian de Kergueven!...

WEHRINGER — Sente-se... Que tem, madame Kergueven? Está horrivelmente pálida... sente-se mal, madame?

IRENE — Não... não... um pouco abafada... preferia sair...

WEHRINGER — Por que teme o seu marido, madame?

Técnica: murmúrios leves.

IRENE — Nada... nada...

DUISBERG — Tenente Schmidt!... Ordene para que sirvam o jantar!...

Contra-regra: batidas de saltos; passos.

Técnica: murmúrios.

ALAIN — Senhores oficiais dos valentes exércitos alemães... Estou sensibilizado com a prova de estima e consideração que acabam de cumular...

Técnica: murmúrios mais fortes.

ALAIN — Coronel Duisberg, antes que seja servido o jantar desejava dirigir a todos os presentes algumas palavras de agradecimento... Permite mais algumas palavras, coronel Duisberg?

DUISBERG — Cavalheiros!... O senhor de Kergueven tem algumas palavras mais a nos dizer!...

Técnica: ruído de cadeiras; cessar subitamente os murmúrios.

ALAIN — Excelência!... Cavalheiros!... Eu faltaria a todos os meus deveres se... não respondesse às palavras e às mais honrosas referências que acabou há pouco de me dirigir o coronel Duisberg. Sei que não estou particularmente qualificado para me dirigir a vós, excelência, mas tomo a liberdade porque sou filho de um soldado de quem sois hóspedes neste momento. Falastes na colaboração entre nossos países. Seria presunção de minha parte, cavalheiros, comentar as opiniões emitidas pelo vosso chefe. Vou pois, à falta de melhor, contentar-me em vos contar uma anedota.

Contra-regra: risos discretos.

ALAIN — Cavalheiros!... Vou narrar-vos uma pequena história da guerra de 1870. Acabávamos de combater como sempre. Como hoje, havíeis vencido a França e ocupáveis certo número de nossos departamentos. O coronel que comandava um regimento bávaro estava alojado num castelo da Borgonha. Isto... isto se passava no outono de 1871. O hospedeiro do coronel bávaro era o barão de Louvincourt. Este último era casado... e... a sua mulher lhe era infiel...

Contra-regra: risos discretos seis segundos.

ALAIN — A baronesa, senhores, aproveitara a guerra e a queda do império em Sedan para se refugiar em Tours... Nas malhas de sua sedução havia um agente secreto de Gambeta, membro do governo da Defesa Nacional... Esse agente informava secretamente o grande patriota das intenções do chanceler príncipe Von Bismark a respeito da França vencida... mas... como é possível acontecer nos tempos que correm, não sabemos por que, a tal baronesa resolveu entregar aos alemães o agente secreto francês... Mas o barão soube... e resolveu vingar ao mesmo tempo, a sua honra de marido e o seu país vencido. Aproveitou-se de um jantar em que o coronel bávaro estava reunido com os oficiais do seu regimento para matá-los a todos!

IRENE (dando um grito tremendo de pavor) — Ele vai me matar!... Ele vai me matar!... Ele vai me matar!... Prende!-ol...

Técnica: murmúrios fortes cinco segundos e depois back-ground.

Contra-regra: ruído de vidros e cadeiras.

WEHRINGER — Madame Kergueven!...

DUISBERG — Madamel!...

IRENE — Ele é um desertor, senhores!... Olhem as

leição desse homem? Ninguém o conhece mais do que eu!...

CORO — Um desertor!...

WEHRINGER — Madame disse que seu marido é um desertor!...

Técnica — Murmúrios fortes cinco segundos.

DUISBERG — Que diz a isso, senhor de Kergueven?...

WEHRINGER — Um desertor!...

DUISBERG — Silêncio, rogai-lhes, senhoras!...

Técnica: cessar disco de murmúrios.

Contra-regra: cessar todo e qualquer ruído.

DUISBERG — Fale, madame!... As suas palavras encerram grande responsabilidade!... Fale!...

IRENE — Sim... um desertor... observem o sorriso de meu marido! Uma trama terrível está sendo armada por ele!... A morte está neste salão!... Sobre as nossas cabeças... em qualquer canto deste castelo... talvez em todos os cantos... Olhem o sorriso do concubino!... O sorriso de Picot!...

WEHRINGER — Picot!... Que diz você a respeito do que está se passando?... Ordenel!...

PICOT — A morte está em todo canto... (ri).

DUISBERG — Que diz das acusações de sua esposa, senhor Kergueven?

ALAIN — Pego-vos, senhores, que desculpem madame Kergueven... minha virtuosíssima esposa!... Ela é sujeita a constantes crises de nervos... e mormente quando sob o efeito do champagne...

IRENE (chorando) — Não!... Não estou embriagada!... Não deixem que ele me mate! Eu sei que ele quer nos matar!...

ALAIN — Oh!... querida!... Você não sabe mais o que diz... Deixem-me concluir!...

WEHRINGER — Tenente Schultz!...

Contra-regra: passos e batidas de saltos.

WEHRINGER — Dois homens armados por detrás da cadeira do senhor Alain de Kergueven!... E o concubino Picot!...

PICOT (rindo) — Eu também quero falar... (ri).

ALAIN — Obrigado pela escolha, capitão Wehringer!... Vão me prender. Mas, antes que façam isso, permitam-me beber a minha última taça. Levanto a minha taça à França, que venceis mas não conquistastes!...

Contra-regra: quebrar violento dum copo.

CORO — Oh!... Uma afronta!...

WEHRINGER (enérgico e violento) — Prendam Alain de Kergueven!...

PICOT — Nem um passo!... (voz perfeita) Fiquem onde estão, senão morrerão todos!...

CORO — Oh!...

WEHRINGER — O concubino Picot!... Essa voz!... Traidor!...

PICOT — Nem um passo senão voarão todos pelos ares!... Olhem todos onde está o meu dedo indicador. A menor pressão que fizer neste botão voarão pelos ares!

Técnica: murmúrios fortes cinco segundos.

PICOT — Este botão nesta mesa... Explique, senhor Alain de Kergueven, o que representa neste momento este botão instalado na ponta desta mesa.

ALAIN — Cavalheiros!... Excelência... Minha linda e virtuosa esposa, atual amante de Duisberg, não se aborrecia por isso, senhor capitão Wehringer... Há uma semana que minha esposa o trai com o seu coronel... por uma questão de disciplina que me ordena as divisões não deve se revoltar... No final de contas muito mais razão para se aborrecer teria eu, não acha, capitão Wehringer? (rindo).

PICOT — O senhor... o senhor comandante Lutzen... continue com a mão onde estava... empalmada na mesa...

ALAIN — Aconselho que respalhem as advertências do senhor Visconde de Richepin, abade de Montolr... ódio concubina execrável e maldito, que os senhores achavam o modelo que plasma os povos antes livres da Europa!... O botão desta campalha elétrica está ligado a um detonador, senhoras... o óito castelo está minado com vinte e cinco cartuchos de dinamite. A menor pressão, senhoras... adeus a sua Nova Orleães!...

PICOT — Está dito, senhoras!...

ALAIN — Então, Irene!...

Técnica: música impressionante em back-ground.

ALAIN — Olhe com esses lindos olhos os ponteiros do relógio... onze horas, querida!... O prazo ora até meia-noite!... Olhe os homens que lhe asseguraram todas as garantias (ri). Já viu você, Irene, tanta palidez junta?... Sentem a morte!... Sentem a catástrofe!... Sabem que vão morrer!... Sabem, porque nas minhas feições cada um lê a sua própria desgraça!... Mas ainda têm esperanças... Por isso não se movem!... Como está linda de branco, Irene! Como está maravilhosamente bela na palidez que lhe cobre o rosto!... Morrer!... Explodir... esse corpo maravilhosamente esculpado ficará informe!... Perderá até a voz... não pode gritar... os seus olhos estão salientes, parece até que uma poderosa mola os empurra de dentro para fora.

DUISBERG — Alain de Kergueven, vai cometer uma loucura!...

ALAIN — Loucura fará o coronel se mover donde está... aproveite ainda os minutos de vida que lhe concedemos... Mais vale viver uma hora e quinze minutos do que uma hora e doze minutos... aproveite os três minutos... valem por vinte gerações.

WEHRINGER — Retire a mão deste botão, canalha e traidor!...

PICOT — Terminou, senhor de Kergueven?

ALAIN — Terminei, senhor visconde de Saint Hilaire de Richepin!...

CORO — Oh!...

PICOT — Senhores... participe-vos que Brest vos chama desde as 5 da tarde... as linhas telefônicas foram cortadas... Os cruzadores Breslau e Augsburg a esta hora estão no fundo do porto.

CORO — Oh!... Miseráveis!...

PICOT — Senhores, o senhor de Kergueven era de fato um desertor. Mas não chegou a trair inteiramente a pátria! Foi ele que urdiu esta trama!... Paga desta forma o tributo que devia à pátria!... Valente exército alemão!... Massacradores!... Valentes pelas máquinas destruidoras que construíram durante vinte anos à sombra dos mais sórdidos planos de conquista!... Valentes pela artimanha diplomática!... Valentes contra os fracos e indefesos!... Valentes contra as cidades pacíficas como Rotterdam, onde em uma hora de bombardeio mataram cem mil pessoas desarmadas, velhos, crianças e mulheres!... Encha meu copo, Alain de Kergueven!...

Contra-regra: gorgolejar de líquido.

PICOT — Valentes pela opressão... pelo morticínio... pelos campos de concentração!...

ALAIN — O copo está cheio, visconde de Richepin!...

PICOT — Alain de Kergueven não bebeu o seu vinho... mas bebo-o eu saudando o direito que há de surgir... A liberdade agrihoada pelos super-homens, que não de cair como caiu o legendário e bíblico Goliath sob a funda de David!... Na mão de cada francês, senhores do estado maior, há uma funda pronta para desferir a pedra mortal... Bebo em honra daqueles que tombaram!...

Técnica: entoar lentamente "A Marselhesa".

PICOT — Bebo à saúde dos heróis, que se acham espalhados por todos os cantos da terra, prontos para com-

baterem a fronte e a brutalidade dos vândalos!... Bebo à saúde do dia claro que há de surgir, o que muito em breve veremos na lama coagulada pelo sangue dos mártires, a cabeça medonha da hidra fascista esmagada pela facção redentora dos povos que preferem morrer dignamente a serem escravizados!...

IRENE — Não!... Ele vai apertar o botão!... Não quero morrer!... Não quero morrer!... Quantos homens!... Que fazem, senhores? A nossa vida está debaixo do dedo daquele homem!... Eu não quero morrer!...

PICOT — Irene de Kergueven!... Centenas de milhares de mulheres perderam os seus filhos... seus maridos... seus entes mais queridos! Que fizestes, madame de Kergueven?

IRENE — Não quero morrer!... Não quero morrer!...

Técnica: colocar disco de explosão e aguardar rubrica.

PICOT — Madame de Kergueven, esqueceste as mulheres de Cartago, que faziam das tranças dos seus lindos cabelos cordas para os arcos para combaterem os invasores!... Esqueceste as mulheres espartanas que choravam os filhos caídos nos campos de batalha heroicamente, mas tinham os corações inflamados de orgulho!... Esqueceste as mulheres de 89, que laceraram as mãos nas muralhas da Bastilha!... Esqueceste tudo!... Honra, dignidade e sentimento pátrio!...

VOZES — Não!... Não!...

DUISBERG — Não aperte o botão!...

WEHRINGER — Picot!... Abade!... Visconde de Richépin!... Não aperte o botão!

PICOT — Alain de Kergueven... alguma coisa mais a dizer?

ALAIN — Uma palavra apenas à minha esposa... Querida... os dólares estão na orla da floresta de Guenant, debaixo dum grande salgueiro... o único antes de chegar ao riacho que foi atingido por uma faísca elétrica... (rindo) E os dólares também... (gargalhada).

PICOT — Senhores!... Vive la France!...

ALAIN — Vive la France!...

IRENE — Não!...

Técnica: música forte impressionante.

CÔRO — Não!... Não!...

DUISBERG — Atirem nesse homem!... Atirem!...

Contra-regra: passos precipitados.

ALAIN — Vive la France, abade de Montoir!...

PICOT — Viva!...

Técnica: violenta explosão.

Contra-regra: gritos medonhos de dôr.

Técnica: música entra forte abafando os gritos.

INTERLÚDIO

Técnica: ruído de mar e hélice de navio.

VOZ — Um barco a estibordo!...

IMEDIATO — Alô!... Casa das máquinas... Alto!... Marcha lenta... marcha lenta.

Técnica: ruído de mar; cessar navio.

IMEDIATO — Lancem a escada de corda... rápido...

VOZ — Eeol!...

LESLIE — L. 6...

VOZ — L. 6...

VOZ — Cuidado... Não acendam fogo aí no barco... o máximo cuidado. Quantas pessoas?

LESLIE — Dois homens e uma senhora.

IMEDIATO — Subam... estão vendo a escada de corda?

LESLIE — Onde?

IMEDIATO — Esperem... vou sacudi-la contra o casco...

Contra-regra: ruído de uma corda batendo contra uma chapa.

LESLIE — Very well...

IMEDIATO — Ouviu?

LESLIE — Ouvi...

IMEDIATO — Suba devagarinho...

INTERLÚDIO

LESLIE — Agora, querida, nada mais temos a temer... Estamos na Mancha... estamos numa vedeta de His Majesty's Navy...

Técnica: mar e ruído de máquina de navio.

KERGUEVEN — Está bem assim, filhinha? Tivemos coragem...

LESLIE — Sim... e tu és uma verdadeira bretã...

KERGUEVEN — Que tens Ives?

IVES — Penso no senhor Alain de Kergueven... o meu jovem amo poderia estar conosco, salvo de tanta humilhação por parte daqueles bandidos!...

KERGUEVEN — Bem... não falemos nisso, Ives... Acreditas, Leslie, que teus aviões tenham sido avisados com exatidão?

LESLIE — Estou convencido disso, meu general. Eles acusaram a recepção de minha mensagem e do agente quarenta e quatro...

Contra-regra: pancadas na porta discretas.

LESLIE — Entre!...

IMEDIATO — Com licença, capitão Westbury... A cabine radiotelegrafista acaba de receber esta mensagem!...

LESLIE — Será?

Contra-regra: ruído de papel.

KERGUEVEN — Leia, Leslie... está com o coração nas mãos... leia!...

LESLIE (lendo) — Ministério do Ar...

Técnica: música em back-ground.

LESLIE (lendo) — Os ataques da Raf foram dirigidos a noite passada contra Boulogne, Calais e Brest. Os nossos aviões de bombardeio estiveram particularmente ativos sobre o grande pôrto militar bretão. Os cruzadores Augsburg e Breslau foram atingidos por torpedos aéreos.

KERGUEVEN — Bravos!... Tua missão, meu querido genro, foi esplendidamente cumprida!...

DENISE — Pai... ainda uma outra mensagem...

LESLIE — Sim... é uma outra...

DENISE — Leia, Leslie...

LESLIE (ruído de papel e lendo) — Durante a incursão de nossos aviões de bombardeio contra a região de Brest, o castelo de Benoet foi pelos ares.

DENISE — Meu Deus!... Meu Deus!... Não é possível!...

KERGUEVEN — Oh!... Continua, Leslie... continua... (emocionadíssimo).

LESLIE (lentamente e emocionado) — O general comandante das tropas de ocupação da Bretanha e todo o seu estado maior foram mortos.

KERGUEVEN — Todos mortos!... Benoet... o meu castelo? Pelos ares!...

DENISE (chorando) — Meu pai!... Alain!...

IVES — Meu general!... (chorando) Meu general!... O meu amo... Alain de Kergueven morreu!

DENISE — Sim... meu irmão morreu...

LESLIE — Espera, querida, não é possível...

DENISE — Não!... Se estão mortos, Alain morreu com eles...



BIBLIOTECA

MODELO

Apresentamos aos nossos leitores uma bela biblioteca moderna. Simples e distinta. Um confortável divã cinzento, acompanhado de uma poltrona da mesma cor, permite que a biblioteca seja, ao mesmo tempo, um aposento de descanso. Um jarro de flôres e uma lareira ornamental ao fundo dão à sala um aspecto agradável. Na parede um grande espelho redondo ladeado por duas paisagens.

A estante embutida ocupa toda uma das paredes laterais, tendo em baixo escaninhos fechados por painéis para a coleção de revistas e jornais.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGORA SÓMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO
 NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ

Creusa